

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Lana Magna Sousa Braz

**DA ANÁLISE DA NEGAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA CONSTITUIÇÃO
DAS ESTRUTURAS CLÍNICAS NEUROSE E PSICOSE**

Goiânia

2016

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação

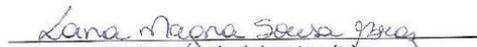
Nome completo do autor: Lana Magna Sousa Braz

Título do trabalho: Da análise da negação e suas consequências na constituição das estruturas clínicas neurose e psicose.

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do (a) autor (a)

Data: 31/08/2016

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Lana Magna Sousa Braz

**DA ANÁLISE DA NEGAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA CONSTITUIÇÃO
DAS ESTRUTURAS CLÍNICAS NEUROSE E PSICOSE**

Trabalho final de mestrado apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, linha de pesquisa “Bases históricas e epistemológicas da psicologia como ciência e profissão”, sob orientação do Prof. Dr. Cristóvão Giovani Burgarelli.

Goiânia
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Braz, Lana Magna Sousa

Da análise da negação e suas consequências na constituição das estruturas clínicas neurose e psicose [manuscrito] / Lana Magna Sousa Braz. - 2016.

111 f.

Orientador: Prof. Dr. Cristóvão Giovani Burgarelli.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Goiânia, 2016.

Bibliografia.

1. Psicanálise. 2. Negação. 3. Estrutura. 4. Linguagem. I. Burgarelli, Cristóvão Giovani , orient. II. Título.

CDU 159.9

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Rua 235, s/n. Setor Leste Universitário – Goiânia/GO – CEP: 74605-650

Fones: 3209-6215. E-mail ppgpufg@gmail.com



**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado
DE LANA MAGNA SOUZA BRAZ**

Ao **primeiro dia do mês de agosto do ano de dois mil e dezesseis (01/08/2016)**, às 15:40 horas, reuniram-se os componentes da Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado: Prof. Dr. Cristovão Giovani Burgarelli, doutor em **Linguística** pela Universidade Estadual de Campinas; Prof.^a Dr.^a Suely Aires Pontes, doutora em **Filosofia** pela Universidade Estadual de Campinas; Prof.^a Dr.^a Susie Amâncio Gonçalves de Roure, Doutora em **Educação** pela Universidade Federal de Goiás; e Prof.^a Dr.^a Marcela Toledo França de Almeida, Doutora em **Psicologia Clínica e Cultura** pela Universidade de Brasília para, sob a presidência do primeiro, e em sessão pública realizada nas dependências da Faculdade de Educação, procederem à defesa da dissertação intitulada: **“Da análise da negação e suas consequências na constituição das estruturas clínicas neurose e psicose”**, em nível de Mestrado, área de concentração em **Psicologia**, de autoria de **Lana Magna Sousa Braz**, discente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás. A sessão foi aberta pelo presidente da Banca Examinadora, Prof. Dr. **Cristovão Giovani Burgarelli**, que fez a apresentação formal dos membros da Banca e deu-se início à apreciação e avaliação do texto. A Banca Examinadora, após a apreciação e avaliação do texto apresentado, decidiu considerá-la **aprovada**. Os trabalhos foram até às ____:____ horas e eu, **Fernando Lacerda Júnior** Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FE/UFG, lavrei a presente ata que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora. Goiânia, ao **primeiro dia do mês de agosto de 2016**.

Prof. Dr. Cristovão Giovani Burgarelli (Orient.) _____

Prof.^a Dr.^a Suely Aires Pontes _____

Prof.^a Dr.^a Susie Amâncio Gonçalves de Roure _____

Prof.^a Dr.^a Marcela Toledo França de Almeida _____

Prof. Dr. Fernando Lacerda Jr. (Coordenador do PPGP) _____

DEDICATÓRIA

Aos meus avós, Pedro e Celina, em memória.
As crianças, Vitória, Luca Pierre, João Miguel e Joaquim, minha escola.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, pela leveza e liberdade transmitidas.

Aos professores do mestrado, pelo saber compartilhado e pela dedicação à formação.

Aos colegas da primeira turma de mestrado em Psicologia, pelas diferentes perspectivas que só ampliaram meu horizonte.

Aos queridos companheiros do grupo de estudo *Entraste*, pelas discussões, orientações e por todos os momentos de ajuda mútua.

Aos professores que fizeram parte da banca de qualificação, Susie Amâncio Gonçalves de Roure e Marcela Toledo França de Almeida, pelas valiosas contribuições.

Ao Corpo Freudiano de Goiânia, onde mora minha transferência com a Psicanálise.

A minha família, pela fé inabalável em mim.

Ao Junior, pela paciência e alegria nos momentos difíceis.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

SUMÁRIO

<i>INTRODUÇÃO</i>	12
PARTE 1: CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE <i>DIE VERNEINUNG</i>	17
1.1 <i>Die Verneinung</i> e o retorno do recalcado.....	19
1.2 A origem psicológica da função de julgamento: <i>Bejahung-Ausstossung</i>	22
1.3 O juízo de existência	27
PARTE 2: UMA PASSAGEM PELO PROJETO	31
2.1 O encontro com o Outro: a introdução da Coisa.....	31
2.2 Entre percepção e consciência: <i>das Ding</i> e a combinatória das representações ..	35
2.3 A Negatividade e a estruturação do sujeito.....	40
PARTE 3: AS NEGAÇÕES NA PSICANÁLISE	46
3.1 O Recalque (<i>Verdrängung</i>).....	51
3.1.1 Recalque secundário.....	57
3.2 Recusa (<i>Verleugnung</i>).....	60
3.3 Rejeição (<i>Verwerfung</i>)	63
3.3.1 Forclusão.....	69
PARTE 4: ESTRUTURA E PSICANÁLISE	72
4.1 A estrutura de linguagem do inconsciente	73
4.1.1 O ponto de basta da estrutura.....	78
4.2 Para <i>além</i> da articulação significante: o negativo	83
4.3 O que <i>não</i> se escreve: dos furos ao <i>objeto a</i>	88
4.3.1 Manifestações do que <i>não</i> se escreve: “o deixar-se cair da cena”.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>	106

RESUMO

Este estudo trata de uma pesquisa bibliográfica conceitual, com o objetivo de investigar o conceito de negação, nas obras de Sigmund Freud e Jacques Lacan, e sua articulação com as estruturas clínicas neurose e psicose. Partimos do estudo da negação em análise, meio pelo qual um conteúdo recalcado pode ter acesso à consciência. Esse mecanismo decorre da função intelectual do Eu, que julga se uma ideia pode ser ou não aceita. Essa atividade judicativa impele Freud a buscar as origens da função do juízo, precondições para que seja possível a constituição psíquica e, portanto, constitui-se como condições estruturais. Na origem do processo de julgamento encontramos a negação associada à organização mais primitiva do Eu, que procura se diferenciar pela primeira vez do mundo exterior, expulsando os conteúdos desagradáveis e introjetando os prazerosos. Após essa primeira operação entra em cena o juízo de existência, orientado pela tentativa de reencontrar traços dos antigos objetos de satisfação. Com o aporte de Lacan, a divisão postulada por Freud no primeiro julgamento, torna-se, uma interseção do real e do simbólico. Sobre o texto simbólico incidem sucessivas negações, como tentativa de manter determinados significantes o mais distante possível. Os conceitos de *Verdrängung* (recalque) e *Verwerfung* (rejeição/ forclusão) foram discutidos como modos de negação que ocorrem entre percepção e consciência. Heterogêneo ao conjunto significativo, porém, produzido por ele, o *objeto a* surge como um resto para sempre irrecuperável, cuja manifestação faz referência ao que foi expulso pelo primeiro julgamento. O que foi expulso pela negação primordial não encontra meios de retorno pela via da denegação, em que vigoram as formações do inconsciente. Sua manifestação diz respeito ao retorno do que há de invariante na estruturação do falante, sob formas cuja característica principal é serem heterogêneas às formações simbólicas.

Palavras-chave: Psicanálise; Negação; Estrutura; Linguagem.

ABSTRACT

This study is a conceptual bibliographical research aiming to investigate the concept of denial in the works of Sigmund Freud and Jacques Lacan, and its articulation with neurosis and psychosis as clinical structures. We start from the study of denial within analysis, through which a repressed content can have access to consciousness. This mechanism stems the intellectual functioning of the self, which judges whether an idea can be accepted or not. This judging activity impels Freud to search for the origins of the function of judgement, preconditions to make the psychic constitution possible and, therefore, constituting structural conditions. In the origin of the judging process, we find denial associated with the most primitive organization of the self, which seeks to get differentiated from the exterior world for the first time, expelling unpleasant contents and introjecting pleasurable ones. After this first operation, the judgement of existence comes into play, oriented by the attempt of recovering traces of former objects of satisfaction. With the contribution of Lacan, the division postulated by Freud in the first judgement becomes an intersection between the real and the symbolic. Successive denials affect the symbolic text, as attempts of maintaining certain signifiers as distant as possible. The concepts of *Verdrängung* (repression) e *Verwerfung* (rejection/ foreclosure) were discussed as means of denial that occur between perception and consciousness. Heterogeneous to the signifying set, however produced by it, the *object petit a* emerges as a residue forever irrecoverable, whose manifestation is a reference to what was expelled by the first judgement. What was expelled by the primordial denial does not find ways of returning through denegation, where the unconscious formations predominate. Its manifestation refers to the return of what is invariant in the structuration of the speaker, under shapes whose main characteristic is to be heterogeneous to the symbolic formations.

Keywords: Psychoanalysis; Denial; Structure; Language.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a investigar o conceito de negação na teoria psicanalítica freudiana e sua relação com a constituição das estruturas clínicas neurose e psicose. Pretende-se também desenvolver esse percurso aproximando proposições freudianas e lacanianas, sem desconsiderar as diferenças das duas obras. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica conceitual para análise do tema em questão na obra de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Para tal estudo também serão utilizados comentadores com o objetivo de elucidar as leituras dos autores principais.

O artigo de Freud *Die Verneinung* (A Negativa) de 1925 coloca-se como uma referência fundamental para pensar as questões levantadas neste trabalho quanto à relação entre a constituição das estruturas clínicas neurose e psicose e a negação. É nesse sentido que busco primeiramente distinguir e discutir os pontos principais levantados pelo texto. Esse artigo abre uma série de questões, que serão retomadas por Jacques Lacan nos estudos entre 1954 e 1956, mais especificamente no debate que sustenta com o filósofo Jean Hyppolite nos textos: *Introdução ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud* e *Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud*, ambos de 1954; *O Seminário livro 3: as psicoses* de 1956, e algumas produções dos *Escritos*, onde alguns fragmentos do texto de Freud são retomados.

A primeira parte do estudo intitulado *Considerações gerais sobre a Negativa* visa descrever e analisar a negação e a afirmação tratadas por Freud e sua relação com a constituição psíquica. Dessa análise inicial foi possível discernir duas formas de negações assim consideradas: 1) denegação, a negação no nível da fala consciente; 2) negação e afirmação na origem da função do juízo.

A denegação analisada no artigo *Die Verneinung* (1925/2007) é a negação que se faz através do símbolo da negação, o “não” da frase sob o qual o conteúdo recalcado tem acesso à consciência. Essa tentativa de recusa de uma ideia que surge na fala em análise evidencia o mecanismo da projeção e permite certa enunciação do recalcado atribuindo-o a outro, no caso, o analista. Ao negar a proposição o sujeito logo a atribui a uma alteridade, o que significa admitir sua existência. A ideia existe, mas não pode ser reconhecida como própria e, nesse sentido, é atribuída ao Outro, termo usado por Lacan e que faz referência à alteridade radical.

A partir da análise de uma marca linguística – o não na frase – surge a possibilidade de realizar a descrição das negações como indicadores da constituição do sujeito e sua relação

com o Outro na neurose e na psicose. Parte-se do pressuposto de que, na fala, a negação e sua produção de sentido apontam para a divisão do sujeito na neurose e para a alteração da função simbólica na psicose. Esse primeiro nível de negação induz a procurar suas origens psíquicas, o que leva Freud a elaborar as formas do que podemos chamar de afirmação primordial e negação primordial, as origens do que Freud chamou de “as funções psíquicas de emitir juízos” (1925/2007, p. 148).

As origens da função do juízo ou do pensamento são abordadas como as precondições para que seja possível a constituição psíquica. Trata-se, portanto, de uma questão de estrutura, das condições necessárias ao advento do falante. Isso é importante para pensar algumas questões inquietantes, como por exemplo, como se estrutura uma neurose ou psicose em função desse primeiro julgamento. Para compreender a “afirmação primordial” e a “negação” na formação dessas estruturas psíquicas foi utilizado como texto complementar, além dos já citados, o *Comentário falado sobre a Verneinung de Freud* (1954/1998) de Jean Hyppolite.

Na origem do processo de julgamento encontramos as operações primordiais que seguem a lógica do princípio de prazer. Nesse primeiro julgamento o Eu procura se diferenciar pela primeira vez do mundo exterior determinando um princípio de autoidentidade: identifica-se com o que é bom e expulsa para fora de si o que é mau (Freud, 1925/2007). Com isso pode-se afirmar que não existe inicialmente, no indivíduo, uma unidade comparável ao Eu, este se constitui a partir de uma expulsão para fora de si do que causa desprazer.

É possível identificar nessa expulsão primordial, negação própria ao julgamento de atribuição, o maior exemplo de *Verwerfung* (foraclusão) e o que constitui o real enquanto aquilo que subsiste fora da simbolização. Nesse sentido, ela seria um processo ligado à constituição psíquica e à origem do sistema de representações. Esse tempo primário é a condição para que uma representação exista para o sujeito. Num segundo momento, o que é representado dentro será ou não reencontrado fora. Assim, o segundo juízo, denominado por Freud de juízo de existência, constitui a realidade psíquica, na medida em que se trata de traços incorporados ao Eu, em virtude do juízo de atribuição, que podem ser reencontrados na realidade. O fora se torna o não assimilável pelo psiquismo, um resto sentido como estranho e hostil. A divisão postulada por Freud entre dentro e fora torna-se, com Lacan, uma interseção do real e do simbólico.

Com o intuito de explorar essa relação, a segunda parte do estudo terá como base os textos: *Projeto para uma Psicologia científica* (1895/1996), *Carta 52* (1896/1996), de

Sigmund Freud, e *O Seminário livro 7: a ética da psicanálise* (1959/2008), de Jacques Lacan. A escolha pelos textos de Freud decorre, em primeiro lugar, por se tratar de esquemas do aparelho psíquico que contemplam uma descrição não encontrada nos outros modelos. Algo além do campo representacional, que nos diz que o campo simbólico não recobre todo o real. Além disso, evoca a ideia de escrita e associações, o que se aproxima de uma estrutura de linguagem, mais especificamente a estrutura significante proposta por Lacan.

Desde o *Projeto* (1895/1996) identificamos uma divisão da realidade entre um fora primitivo, nomeado por Lacan de *das Ding*, e um dentro, onde é possível a inscrição e reprodução de traços ou atributos do objeto perdido. NO *Seminário livro 7* Lacan faz uma releitura do *Projeto* de Freud apontando questões essenciais relativas à tradução do texto, à origem do pensamento e à constituição psíquica. É lá também que ele encontrará *das Ding*, enquanto o que impulsiona a experiência humana a ir além do princípio do prazer.

No *Projeto* Freud introduz, por meio do complexo do próximo, a primeira experiência na qual o objeto vindo do exterior é um semelhante, portador de linguagem. Essa experiência divide o objeto em uma parte que será mantida como Coisa e outra que será inscrita como traços, atributos e qualidades do objeto, transformados em representações. Diante desse outro o Eu inscreve no interior do sistema psíquico tudo que é familiar e o transforma num complexo de representações. Porém, algo continua inassimilável à representação.

Lacan (1959/2008) faz uma articulação entre o *Projeto* e o texto *A Negação (Die Verneinung)* para demonstrar como *das Ding* se apresenta como o que foi, na origem, foracluído pelo Eu-prazer por um julgamento de atribuição. Por meio deste julgamento o Eu procurava expulsar para fora de si o real, vivido como traumático por romper com o princípio de constância. É graças a tal expulsão que se desenvolvem as operações primordiais de simbolização e o sistema significante. *Das Ding* pode ser entendida como o limite ao reconhecimento do outro, pura negatividade no interior da constituição subjetiva.

Partindo de interrogações sobre a negação e a constituição subjetiva na linguagem, a terceira parte deste estudo visa abordar os termos utilizados por Freud para falar das negações ou defesas do sujeito. Os conceitos de *Verdrängung* (recalque) e *Verwerfung* (foraclusão/rejeição), com os desdobramentos da teoria, passaram a ser considerados fundamentais, já que determinantes da maneira como o sujeito viria a se apresentar enquanto estrutura clínica, neurose e psicose.

O desenvolvimento do trabalho prossegue na tentativa de abordar a relação das negações constitutivas do sujeito com os mecanismos de defesa formulados por Freud. É

nesse sentido que a terceira parte, intitulada *As negações na Psicanálise*, busca discernir o que chamo de negações do inconsciente. Parte-se do pressuposto de que no inconsciente há várias formas de negações e que estas mantêm relações com o que Freud chamou inicialmente de mecanismos de defesa.

A *priori*, é possível identificar que tanto a defesa quanto a negação “são modos de recusa de um conteúdo” que, por isso mesmo, confirmam sua existência. Os primeiros escritos freudianos já portam o que seria um conjunto de processos defensivos que caracterizaria e subsidiaria a formulação de uma nosologia psicanalítica. A força da defesa diz não a uma ideia patogênica, e esta, por sua vez, fará parte do sintoma produzido por ela mesma. Disso decorre que a maneira de dizer não também irá compor a formação dos sintomas. Sejam eles mecanismos defensivos ou modos de negação, o recalque e a rejeição, cada um a seu modo, afasta, censura ou transforma alguns elementos significantes primordiais à constituição do saber inconsciente. Esses elementos, postos em suspensão ou disfarçados, retornam, cada um por uma via específica.

Para a escrita dessa terceira parte, além dos textos já apontados foram utilizados os textos iniciais de Freud sobre os conceitos de defesa, recalque e rejeição. Assim, no decorrer desse capítulo buscou-se analisar de forma mais detalhada os mecanismos defensivos ou formas de negação: recalque (*Verdrängung*) e forclusão (*Verwerfung*), e seu uso por Freud e Lacan enquanto operadores da distinção entre neurose e psicose.

No quarto e último capítulo pretendemos discutir sobre a noção de estrutura em psicanálise considerando o destino que a releitura de Lacan sobre a obra de Freud deu a esse termo. A referência que Lacan dá à estrutura se alicerça nos preceitos da linguística estrutural. Para isso serão utilizados como referências principais os textos: *Função e campo da fala e da linguagem* (1953/1998), *A instância da letra no inconsciente* (1957/1998) e *O Seminário livro 3: as psicoses* de Jacques Lacan. Nesses escritos e seminário Lacan busca justamente identificar e demonstrar a estrutura de linguagem nos textos considerados canônicos de Freud.

Embora tenha se apropriado de alguns conceitos da linguística, Lacan os reinventou de forma que contemplassem os pressupostos básicos da psicanálise. O afastamento de Lacan do estruturalismo reside justamente na subversão conceitual necessária para manter o lugar do sujeito, tão caro à psicanálise, e o lugar, não menos importante, do real.

O aforismo “o inconsciente estruturado como uma linguagem” (Lacan, 1964/2008, p. 27) demonstra que o inconsciente segue as leis da linguagem e a condição do falante é de submissão à ordem significante. A estrutura de linguagem postulada por Lacan revela que

nem tudo pode ser dito. Ao real cabe aquilo que resiste à simbolização, o impossível que “não para de não se escrever” (Lacan, 1973/1985, p. 81). Trata-se de um registro que se presentifica pelo negativo, pelos furos na estrutura da linguagem.

A dimensão do que resiste à significação será trabalhada a partir do texto de Freud *Além do princípio de prazer* (1920/2006) e de sua releitura efetuada por Lacan nO *Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-1955/1985). O novo dualismo pulsional, pulsão de vida e pulsão de morte, oferece elementos para pensar a pulsão de morte como negatividade que tenta romper com a positividade presente na ligação da pulsão em representações, positividade inerente à formação de sentido da articulação significante. A pulsão de morte, nesse sentido, ressoa aquilo que não se deixa representar, algo que não se deixa enredar no interior das relações estruturais do pensamento.

Para melhor delinear o que escapa a essa estrutura de linguagem, além de textos já discutidos, como *O Seminário livro 7: a ética da psicanálise* (1959/2008) e o *Projeto* (1895/1996) de Freud, recorreremos aO *Seminário livro 10: a angústia* (1962-1963/2005) de Jacques Lacan. É nesse ponto que identificamos no *objeto a* a solução encontrada por Lacan para escrever esse resto da operação de cisão do sujeito no momento de sua entrada na linguagem. Se, por um lado, Lacan acede ao movimento estruturalista, pois daí formula sua noção de estrutura, por outro, se dissocia desse movimento ao incluir a impossibilidade de totalidade e os efeitos que disso deriva. Pensar as estruturas clínicas neurose e psicose em Lacan significa seguir seu movimento e ressituar o *objeto a* em sua dimensão estrutural, enquanto pura negatividade no cerne do inconsciente.

PARTE 1: CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE *DIE VERNEINUNG*

Será preciso coragem para fazer o que vou fazer. E me arriscar à enorme surpresa que sentirei com a pobreza da coisa dita. Mas a direi, e terei que acrescentar: não é isto, não é isto! (Lispector, 1998, p. 20)

O texto *Die Verneinung* (A Negativa) foi escrito por Sigmund Freud em julho de 1925, mas uma nota de rodapé acrescentada por ele no caso clínico Dora evidencia que o assunto já estava presente em seu pensamento anos antes. Embora seja um texto curto, nele são abordadas questões relativas à metapsicologia e à técnica, desenvolvidas a partir de três afirmações: 1) a *Verneinung* é um meio de tornar consciente o recalque; 2) o que é suprimido é apenas uma das consequências do recalque, o fato de a representação não atingir a consciência; 3) por meio do símbolo da *Verneinung* o pensamento liberta-se das limitações do recalque.

Antes de prosseguir passemos a algumas considerações sobre a palavra *Verneinung*. De acordo com o *Vocabulário de Psicanálise* de Laplanche e Pontalis (1986), em alemão *Verneinung* designa a negação no sentido gramatical do termo e também a denegação no sentido psicológico, ou seja, quando se recusa uma afirmação anunciada ou atribuída (Ex: não pensei nisso). O emprego por Freud do termo *Verneinung* no texto de 1925 explicita os dois sentidos, “e talvez esta ambiguidade seja um dos elementos propulsores da riqueza do artigo” afirmam Laplanche e Pontalis (1986, p. 374). A ambiguidade do termo também coloca algumas dificuldades para a tradução da obra, colocando ao encargo dos tradutores optarem em cada passagem pelo uso de negação ou denegação.

Diante dessa problemática o texto *Die Verneinung* e o conceito *Verneinung* suscitam várias traduções e polêmicas. O *Dicionário enciclopédico de Psicanálise* de Pierre Kaufman optou por usar o termo denegação: “Num artigo de 1925, *A denegação*, Freud circunscreve a denegação no jogo do estabelecimento do juízo de atribuição com o juízo de existência” (1996, p. 356).

Essa mesma tradução também é feita por Elisabeth Roudinesco e Michel Plon no *Dicionário de Psicanálise* (1998). Mesmo optando pelo termo denegação os autores apontam que na França a tradução da *Verneinung* gerou inúmeras discussões. Dentre elas destaca-se o termo enquanto negação gramatical e sua possível relação com as teorias de Édouard Pichon e, por fim, as repercussões da *Verneinung* para a criação do conceito de forclusão por

Jacques Lacan. As elaborações lacanianas sobre o termo tiveram auxílio do filósofo hegeliano Jean Hyppolite, que, em um debate em 1954 (Lacan, 1998) sobre a *Verneinung*, preferiu traduzi-la por denegação afirmando que tal tradução seria mais fiel à obra freudiana.

Os editores da *Standart Edition* traduzem o título alemão *Die Verneinung* para A Negativa. Isso ocorre porque no curso da tradução para o português o termo foi antes traduzido para o inglês ‘to negate’, naturalmente traduzido por negação e negativa ‘negation’. Essa mesma tradução é feita por Luiz Alberto Hanns em *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*, justificada pela precisão do termo ‘negativa’ em traduzir a palavra alemã *verneinung*. Ambos os termos expressam “uma recusa ou discordância, utilizando a partícula negativa não, ou empregando uma formulação negativa” (Freud, 1925/2007, p. 151).

No *Dicionário comentado do alemão de Freud*, Hanns explica que o termo corresponde às palavras portuguesas “negar e denegar”. No entanto, “em alemão, evoca no falante a ideia de negar rebatendo algo com um ‘não’” e, por isso, poderia ser traduzido simplesmente por “dizer não”. Enquanto substantivo *Verneinung* é geralmente traduzida por “negativa” ou “denegação”, que também podem significar rejeitar, recusar, desmentir, sem remeter o falante a explicitar a partícula não (1996, p.314). No artigo cujo título em alemão é *Die Verneinung* trata-se tanto da dimensão de negar um conteúdo, quanto à verbalização, por meio da partícula não, dessa negação.

Uma edição recente do texto *Die Verneinung* foi realizada pela editora Cosac Naify e traduzida por Marilene Carone sob o título *A Negação*. Segundo a tradutora “não optamos por traduzir *Verneinung* por “denegação” – e muito menos por “negativa”, como quer a tradução brasileira” (2014, p. 9). Carone opta por utilizar o termo negação justificando ser este o termo mais genérico possível para o ato de dizer não. Quanto ao uso enquanto denegação a autora afirma que embora haja momentos em que denegação seria mais adequado, momentos estes em que se trata de recusa de uma suposta afirmação, há outros momentos em que se trata de uma pura negação. O que colocaria o autor na posição de decidir em qual momento seria mais adequado usar denegação ou negação. Além disso, na língua alemã, *Verneinung* é o oposto de *Bejahung* (afirmação), o que seria um contrassenso opor à afirmação a denegação em vez de negação.

Diante do exposto identifica-se certa dificuldade em restaurar a fluidez e a fidedignidade da escrita freudiana, o que não é empecilho às elaborações que essa escrita suscita. Por mais discutíveis que sejam as traduções dos termos, percebe-se um consenso entre

os estudiosos do tema e entre os tradutores sobre os sentidos de *Verneinung* no decorrer do texto freudiano e também de sua obra.

Hanns (2007) lembra que Freud utilizava os termos de modo mais livre e, algumas vezes, de forma menos rigorosa, privilegiando o melhor entendimento. O que o leva muitas vezes a se servir de múltiplas denotações e conotações para demarcar melhor o sentido que pretende abordar. O que torna impossível qualquer tradução pretender apresentar o verdadeiro sentido do conceito trabalhado. Toda tradução envolve uma traição, tendo em vista a impossibilidade de manter total fidelidade ao termo. Mas isso não implica a impossibilidade de apreensão do conceito e os desdobramentos teóricos que ele suscita, a partir de um esforço de conceitualização.

Diante disso, a discussão que será apresentada não privilegiará nenhuma das traduções apontadas, mas manterá os termos que cada autor e tradutor citado optou por utilizar. Nesse sentido, tentaremos manter certa fidedignidade às referências citadas e aos comentadores com os quais o texto dialoga. Acreditamos que essa proposta não trará prejuízo às elaborações sobre o termo tendo em vista que este, ao ser discutido, evocará as possibilidades semânticas que possui. É justamente a fluidez e a abertura de sentidos que possibilitará a *Verneinug* circunscrever melhor seu conteúdo enquanto negação ou denegação.

1.1. *Die Verneinung* e o retorno do recalado

Segundo Carone (2014), o texto *A Negação (Die Verneinung)*, com apenas cinco páginas e aparência simples, tem se mostrado um texto complexo e denso, levantando questões como a origem do pensamento, distinções entre subjetivo e objetivo, representação e percepção, real e não real, e aspectos da prática clínica. Nesse texto encontramos “o ponto no qual a técnica psicanalítica de interpretação se articula às reflexões a respeito da origem psicológica do pensamento”, acrescenta Vladimir Safatle no posfácio *Aquele que diz “não”*: *sobre um modo peculiar de falar de si* (2014, p. 34).

Um dos primeiros ensinamentos de Freud é que a prática é o meio para encontrar as estruturas que caracterizam o aparelho psíquico. No artigo *A Negação* (1925/2014) Freud inicia o texto afirmando que a observação do modo como os pacientes apresentam as ideias que vão lhe ocorrendo durante a sessão leva a interessantes considerações. Para exemplificar ele expõe duas ideias que se apresentam sob a forma negativa: “Agora o senhor deve estar pensando que eu queria dizer algo ofensivo, mas realmente não é essa minha intenção”. Ou

então: “O senhor me pergunta quem poderia ser essa pessoa no meu sonho. Não é minha mãe” (1925/2014, p. 19).

Essas duas afirmativas apresentam uma tentativa de recusa de uma ideia que surge na fala em análise e evidenciam o mecanismo da projeção (Freud, 1925/2014) na enunciação. A negação permite a enunciação do recalcado atribuindo-o ao analista: "O senhor me diz...". A assertiva negativa pertence àquele que fala, enquanto sua positividade requer uma suposição por parte do outro. A ideia existe, ela só não pode ser reconhecida como própria e, nesse sentido, é possível atribuí-la ao Outro, termo usado por Lacan e que faz referência à alteridade radical. O não reconhecimento da ideia como própria também se apresenta na dissociação apontada por Freud entre intelectual e afetivo.

Freud afirma a necessidade de destacar a ideia que surge na frase: “Na interpretação tomamos a liberdade de desconsiderar a negação, extraindo o puro conteúdo da ideia” (1925/2014, p. 19). A pureza da ideia reside na representação que vence as barreiras do recalque e se apresenta na frase. Assim como o sonho, cada elemento, ao ser analisado, possui um sentido e, como num feixe associativo, relança a significação. Considerar a negação na fala do sujeito é pensá-la enquanto um suporte necessário à representação para se fazer enunciação. Partindo da hipótese de que a negativa propicia o retorno do recalcado, Freud propõe um jogo:

Pergunta-se: “O que o senhor considera o mais improvável nessa situação? Em sua opinião, o que estava mais distante de seu espírito naquele momento?” Se o paciente cai na armadilha e nomeia aquilo em que ele menos pode acreditar, ao fazê-lo ele quase sempre confessa a verdade. (Freud, 1925/2014, p. 119-120)

Se o paciente topa a brincadeira, seguindo a regra do jogo, a *verdade* inconsciente é revelada como sendo o menos importante e improvável. O mecanismo usado por Freud leva a pensar a negação como uma forma de inversão, de oposição em que algo se revela por sua outra face. Essa é uma questão que será desenvolvida no decorrer deste trabalho, pois faz referência a uma forma de estruturação e funcionamento que tem consequências para o conceito de inconsciente.

Voltando ao texto *A Negação*, Freud continua suas elaborações sobre a manifestação do recalcado inconsciente e conclui que o conteúdo recalcado de uma ideia ou pensamento pode penetrar na consciência, desde que seja negado (*verneinen*). Constata-se assim uma maneira de acesso ao conteúdo recalcado inconsciente. Desde que seja negado, o pensamento

inconsciente pode penetrar na consciência, o que torna a negação uma forma de o Eu em sua condição de desconhecimento tomar conhecimento do recalcado.

Uma das grandes revoluções freudianas foi explicitar a constituição do falante em contínuo conflito entre instâncias psíquicas subjugadas a processos de pensamento e a circulação do desejo. O que significa, segundo Vladimir Safatle (2014), certa (im) possibilidade de, através da fala, descrever e unificar o que é da ordem do sujeito freudiano. Diante disso, a negação permite operar sínteses que permitem o reconhecimento do conteúdo inconsciente pelo consciente.

Segundo Freud (1925/2014), a negação própria à *Verneinung* é a maneira como o conteúdo recalcado se torna consciente sem, contudo, implicar sua plena aceitação. O autor afirma que a negação é uma maneira de tomar conhecimento do recalcado em um plano intelectual devido a uma suspensão do recalque. Esse fenômeno aponta uma distinção entre função intelectual e processo afetivo e demonstra como a negação atua somente em um dos resultados do processo de recalque: o processo que impede que o conteúdo da ideia se torne consciente. Como resultado tem-se uma aceitação apenas intelectual do recalcado.

Safatle (2014) faz uma análise do que pode significar uma suspensão intelectual do recalcado sem uma aceitação afetiva do mesmo e, para isso, recorre ao texto de Jean Hyppolite em *Comentário falado sobre a Verneinung de Freud* (1954/1998). Nele Hyppolite apresenta uma das interpretações mais conhecidas em torno do termo *Aufhebung*, “a palavra dialética de Hegel” (p. 895), que quer dizer negar, suprimir e, simultaneamente, conservar. Combina numa unidade significados opostos, em que algo é negado e ao mesmo tempo conservado. É esse duplo sentido de *Aufhebung* que permite entender o estatuto da negatividade em Hegel.

Sem entrar nos meandros da filosofia hegeliana, Garcia-Roza (1988) resume os três sentidos da *Aufhebung* em: 1) sentido negativo: fazer cessar, suspender, abolir; 2) sentido positivo: manter, conservar; 3) unidade do negativo e do positivo: colocar em reserva, manter como provisão, para quando se fizer necessário.

Para Hyppolite (1954/1998) a denegação é uma *Aufhebung* do recalque, mas não sua aceitação. É uma forma de o sujeito apresentar seu ser à maneira de não sê-lo. Dizer “essa mulher que aparece no sonho não é minha mãe” significa não apenas negar, mas também estabelecer uma associação entre “essa mulher” e “minha mãe”, permitindo a esta representação aparecer na consciência, mesmo que desprovida de afeto. Se recalque significa inconsciência, nesse sentido, já não haveria recalque, uma vez que o conteúdo se tornou

consciente. No entanto, afirma Hyppolite (1954/1998), o recalque subsiste sob a forma da não aceitação, mantendo assim a negatividade do termo.

Tal operação se assemelha a uma inversão, uma passagem no contrário. Assim a negação da mãe é transposta pela afirmação da presença da representação da mãe no pensamento do analisando, diz Safatle (2014). O que já estava presente em Hegel através das considerações sobre oposição, indicando a solidariedade existente entre dois termos contrários: o Um e o múltiplo, o ser e o nada (Safatle, 2014). Tal fato mostra que uma determinação deve aceitar a realidade do seu oposto, o que leva Freud a concluir que quando o sujeito nega uma representação é levado a afirmar seu oposto.

Vladimir Safatle em seu livro *A paixão do Negativo* (2006) explica que a partir do momento em que, pelo símbolo da negação, é dada permissão à “minha mãe” aparecer, “essa mulher” não mais será a mesma. Ela será cada vez mais acompanhada de seu oposto, até vencer as resistências para sua aceitação ou mobilizar mais negações em torno da associação. A proximidade entre negação e *Aufhebung* pela via proposta por Hyppolite expressa uma forma de o sujeito em análise lidar com a natureza conflitual de seus desejos e determinar seus destinos no interior da linguagem.

No entanto, a experiência com a psicanálise mostra que não basta simplesmente o analista explicitar o oposto, ou seja, mostrar a mãe por detrás da mulher (Safatle, 2014). Levar a conhecer o desconhecido pela explicitação de oposições pressupõe a possibilidade de acesso total ao conteúdo reprimido, o que não condiz com o desenvolvimento da própria psicanálise e do conceito de inconsciente. É preciso considerar que já em Freud existe algo que ultrapassa esse jogo de oposições e que exige um modo diferenciado de elaboração.

Situar a verdade pela via da inversão não significa que ela esteja localizada em um sentido oposto, mas sim de tomar a negação como uma formação do inconsciente em que o sujeito, por ser dividido e constituir-se na relação com o Outro, se projeta em um mais além. Essas questões colocam a necessidade de articular a *Verneinung* em relação à estrutura própria do inconsciente e a função do Outro na constituição do sujeito.

1.2 A origem psicológica da função de julgamento: *Bejahung-Ausstossung*

Retomando o desenvolvimento do texto notamos que confirmar ou negar o conteúdo dos pensamentos corresponde a uma função de julgamento. Considerando as observações sobre a relação entre recalque e negação Freud afirma que negar algo é o mesmo que dizer

“isso eu prefiro recalcar” (1925/2007, p.148), sendo que o não aparece como a marca do recalçamento, certificando sua origem. O símbolo da negação torna-se assim um meio pelo qual o pensamento se liberta das restrições do recalque.

As elaborações iniciais de Freud (1925/2007) abordam a negação que se faz através do símbolo da negação, o "não" da frase do analisando. Há, porém, outros níveis de negação e de afirmação anteriores ao do exemplo de Freud. O que o leva a procurar suas origens psíquicas e as formas do que podemos chamar de afirmação primordial e negação primordial. É na segunda parte do texto que Freud resolve tratar das origens do que chamou de “as funções psíquicas de emitir juízos” (1925/2007, p. 148). Basicamente, ele nos diz que a função de emitir juízo exerce dois papéis: atribuir ou não certas características a uma coisa (*Ding*) e certificar ou refutar se a representação psíquica dessa coisa tem existência real.

O julgamento de atribuição, no qual se decide se uma propriedade pertence ou não à coisa, situa-se em posição originária e estabelece o campo para o desenvolvimento do julgamento de existência. No julgamento de atribuição, trata-se de decidir se algo se torna ou não propriedade do Eu a partir do critério de bom ou ruim. Torna-se parte do Eu tudo que lhe aparece como bom, e é rejeitado o que aparece como ruim. Essa rejeição pode ser entendida como uma primeira forma de negação descrita por Freud (1925/2007), como expulsão para fora de si (*Ausstosung aus dem Ich*), e pressupõe uma separação radical entre o Eu e um real traumático.

Segundo Freud (1925/2007), a distinção entre o estranho e ele mesmo é uma expulsão; inicialmente, eles são idênticos. A operação de expulsão é a operação primordial em que se funda o juízo de atribuição tendo em vista que sem expulsão a introjeção não faria sentido. Tal pressuposto leva Freud (1925/2007) a afirmar que no início não há diferenciação entre subjetivo e objetivo, ela seria produzida a partir do estabelecimento do princípio do prazer constituído pela busca das experiências de prazer e tentativas de fuga do desprazer. Na operação de expulsão, aquilo que foi expulso permanece fora do domínio do princípio do prazer. Nessa divisão, o desprazer vai restar inassimilável e irreduzível ao princípio do prazer, dentro do plano do Eu-real. Ressalta-se que parte do próprio Eu é expelido para o mundo externo e passa a ser sentido como hostil.

Hyppolite (1954/1998) destaca que esse momento de indiferenciação seria a forma primária de relação que pode ser chamada afetiva. Segundo Freud (1925/2007), formular uma espécie de gênese do juízo significa mostrar como o intelectual se separa em ato do afetivo. Garcia-Roza no livro *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução* (1988) explica o

afetivo como uma experiência originária, em que a criança seria dominada pelo sim do afetivo primordial que corresponderia à primeira forma de relação da criança com a mãe, puramente afirmativa, na media em que expressa as exigências pulsionais anteriores ao recalque.

Aqui é preciso observar a análise de Hyppolite (1966/1998), para quem o afetivo, desde o início, situa-se no campo distintivo da condição humana, o que indica que até o mais primitivo dos atos humanos já se dá no interior do simbólico, visto que este o antecede e o marca profundamente. Não existe o afetivo puro de um lado, e o intelectual de outro, separado do afetivo para depois apropriar-se dele.

Portanto, já no juízo de atribuição temos uma primeira negação que corresponde à negação da afirmação, pensando esta última enquanto não produtora de diferenças. A negação dá lugar a uma disjunção primeira que é vivida pela criança em termos do diferencial interior-exterior. No entanto, não há ainda aqui a "criação do símbolo da negação". A diferenciação é puramente corporal. Introjetar o que é vivido como prazeroso e expulsar o que é vivido como desprazeroso e estranho é o primeiro mecanismo defensivo de que o recém-nascido lança mão.

Toda introjeção só tem sentido se for precedida de uma expulsão, visto que para o falante, em seus momentos mais arcaicos, nada havia de estranho e, portanto de externo. É a expulsão que funda o externo e, correlativamente, o interno; assim, a indiferenciação inicial é rompida pela expulsão. Segundo Freud, o pensamento se constitui a partir de uma negação que seria a gênese da denegação propriamente dita. Freud faz uma distinção sutil entre a gênese dos dois juízos: “A confirmação (*Bejahung*) seria um substituto da unificação e pertenceria a Eros, a negativa (*Verneinung*) seria então a sucessora da expulsão, pertencendo à pulsão de destruição” (1925/2007, p. 150).

A partir da assertiva freudiana é possível supor a existência de uma negação originária que, assim como a *Bejahung* antecede o juízo de atribuição, precederia à denegação (*Verneinung*) propriamente dita. De acordo com Solal Rabinovitch, em seu livro *A foraclusão: presos do lado de fora*, “se a afirmação primordial, a *Bejahung*, não comporta símbolo de negação, não ocorre, entretanto, sem negação” (2001, p. 24). Isso significa que a afirmação, introdução no Eu, só se dá pela negação de algo que ficará para sempre fora do Eu, ou seja, pelo não-Eu. Se o que está no Eu é idêntico ao bom, tal identidade só é possível em contraposição ao que está no não-Eu, identificado como mau e estranho. A *Ausstossung*, segundo Rabinovitch (2001), pode ser considerada a negação primordial, expulsão que permite a afirmação e o advento de um sujeito que, a partir de então, se ausenta do real.

O par *Bejahung-Ausstossung* levanta questões importantes acerca da constituição do sujeito da psicanálise e das noções de real e simbólico. Segundo Freud (1925/2007) na constituição da origem está o juízo de atribuição (*Urteil*), operação subjetiva que implicaria o sujeito como prévio. Se o sujeito afirma algo, já está constituído no momento dessa primeira afirmação, ou ele se constitui a partir dessa afirmação e, nesse sentido, não pode afirmar? Dizer que o Eu toma o que é bom e rejeita o que é mau é concebê-lo como prévio às negações. Tais fatos levantam também a questão da localização lógica da negação, se anterior ou contemporânea da afirmação. Como aponta Rabinovitch:

Se a *Ausstossung* for anterior à *Bejahung*, haverá anterioridade do real sobre o simbólico, mas se a *Ausstossung* for contemporânea da *Bejahung* em um movimento único, haverá então anterioridade do simbólico sobre o real, ou até mesmo anterioridade do simbólico sobre a *Bejahung*. (2001, p. 26)

Em *Pulsões e destinos da pulsão* (1915/2004) Freud afirma que na medida em que os objetos externos são experienciados como fontes de prazer são recolhidos no Eu e, ao mesmo tempo, tudo que é sentido como desprazer é expelido do Eu. Assim, de um Eu-real inicial, auto-erótico e indiferenciado, deriva-se um Eu-prazer, a partir de marcas distintivas que colocam o prazer acima de qualquer outra característica. Uma primeira organização psíquica se forma submetida ao princípio do prazer, ou seja, regulada pela série prazer-desprazer, respectivamente, redução e aumento de estímulos que agem sobre a vida psíquica.

O juízo de atribuição demonstra que Eu e real se constituem de um mesmo movimento: rejeição do mau e conservação-introjeção do bom. O que leva a concluir que o Eu constitui-se daquilo que não é excluído, e a expulsão marca a gênese desse Eu-prazer original, a saída de um momento em que tudo era idêntico, que leva à clivagem e funda um fora, como exterior ao Eu. O par *Bejahung-Ausstossung* (afirmação-expulsão) é colocado por Freud como a pré-condição para a função de julgamento, iniciando-se uma primeira distinção entre dentro e fora. Sob a forma da expulsão e da atração evidenciam-se as duas pulsões *primevas*: a pulsão de morte e a pulsão de vida. Nesse sentido, não se pode falar de uma anterioridade da negação ou da afirmação, *Bejahung* e *Ausstossung* são um mesmo movimento, gesto de uma mesma divisão:

A dupla operação *Bejahung-Ausstossung* se faz com o mesmo gesto, pois a incorporação significativa (*Bejahung*) não ocorre sem a rejeição do Outro do gozo (*Ausstossung*). É sobre a bateria significativa incorporada que intervirão as

negações (entre as quais a *Verneinung* no sentido freudiano), todas indexadas por esse *Ver* que empurra para mais longe seu limite. (Rabinovitch, 2001, p. 34)

O tempo originário da afirmação é a condição para a inscrição significativa. As negações sucessivas se dão sobre os significantes inscritos pela afirmação primordial e configuram os modos de sujeição e tradução do sistema significativo, reescrevendo as marcas que o constituem ao mesmo tempo em que contornam o real, que também orienta a história do sujeito. É a partir do texto *A Negativa* que Lacan, em *Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud* de 1954, faz a leitura de uma primeira inscrição do corpo simbólico, efetuada pela *Bejahung-Ausstossung*, e do qual pode ser expulso qualquer significativo, que será para sempre ilegível:

Porque é assim que se deve compreender a *Einbeziehung ins Ich*, a introdução no sujeito, e a *Ausstossung aus dem Ich*, a expulsão para fora do sujeito. É esta última que constitui o real, na medida em que ele é o domínio do que subsiste fora da simbolização. (Lacan, 1954/1998, p. 390)

A operação primordial *Bejahung-Ausstossung* nos apresenta as relações do dentro e do fora em termos de real e simbólico. É o que levará Lacan a formular uma espécie de “interseção do simbólico e do real” de forma “imediate, na medida em que ela opera sem intermediário imaginário” (1954/1998, p. 385). É nesse sentido que a formulação lacaniana “o que é recusado no simbólico reaparece no real” (p. 390) e a assertiva freudiana “aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora” (1911/1996, p. 78) abrem espaço para uma reelaboração da distinção entre dentro e fora.

A noção de real e simbólico vem subverter a noção de interior e exterior, além de apresentar uma nova configuração em termos de localização. Segundo Rabinovitch uma transformação radical se deduz das relações recíprocas entre Real, Simbólico e Imaginário: “cada um dos três registros, R, S ou I que penetra em um dos dois outros torna-se equivalente à dimensão real, simbólica ou imaginária, que ele penetra ou atravessa” (2001, p. 22).

Nesse sentido, RSI, além de configurarem uma localização, constituem também o que é real, simbólico e imaginário, o que evidencia que um elemento expulso do simbólico, mesmo tendo sua origem simbólica, ao ser lançado no real, ou seja, lançado em trevas exteriores, torna-se ele próprio real. Essa interferência entre o simbólico e o real será discutida ao longo deste trabalho, principalmente no que se trata da psicose. Como afirma Lacan: “É

justamente isso que explica, ao que parece, a insistência do esquizofrênico em reiterar esse passo. Em vão, já que para ele, todo simbólico é real” (1954/1998, p. 394).

Por ora, basta ressaltar que mesmo antes de formular o nó borromeano¹ Lacan já pensava as noções de real e simbólico articuladas às formulações feitas por Freud no texto *A Negativa* acerca da constituição do juízo. Este por sua vez, se apoia na *Bejahung*, termo utilizado por Freud para caracterizar o juízo de atribuição e que Lacan traduziu por afirmação primordial. O essencial aqui é que a questão da afirmação primordial de um conjunto de significantes torna-se a base para se pensar a origem do sujeito e dos lugares real e simbólico.

A afirmação primordial, enquanto introjeção de um primeiro corpo de significantes, na concepção lacaniana, instaura o lugar do Outro, descrito por Lacan como tesouro de significantes. Ao mesmo tempo, a *Austossung*, em sua face negativa, constitui o fora como real exterior, para sempre perdido e impossível de ser encontrado. Os desdobramentos que daí decorrem são elementos importantes para pensar o modo como esse sujeito se estrutura e a relação dessa estruturação com o real, o simbólico e o imaginário em Lacan.

1.3 O juízo de existência

Seguindo Freud no artigo *A Negativa*, a função de emitir juízo não se restringe apenas a “Isto eu quero colocar dentro de mim e isto eu quero pôr fora” (1925/2007, p. 148). A função de emitir juízo deve lidar também com uma outra questão: a de saber se o que foi introjetado, se o que foi acolhido no Eu pelo juízo de atribuição, pode ser encontrado na realidade.

Aqui entra em cena o juízo de existência, cujo objetivo não é somente saber se uma coisa merece ser acolhida no Eu, pois ela já está lá, mas também se ela está presente no mundo externo, de modo que seja possível se apoderar dela conforme surja a necessidade (Freud, 1925/2007). Disso resulta que o encontro do objeto é apenas o seu reencontro. O objeto, quando reencontrado no mundo externo, já deve estar devidamente inscrito, o que põe em causa uma dissimetria entre o objeto real e o objeto simbolizado.

¹ O nó borromeano foi introduzido por Lacan em 1972 para designar os nós trançados, cada qual representando um elemento da trilogia real, simbólico e imaginário (RSI). A expressão remete à história da família Borromeu, cujo símbolo compunha-se de três anéis, cada um representando um ramo da família e formando uma tríplice aliança. A retirada de um dos anéis significa a soltura dos outros dois (Roudinesco & Plon, 1998, p. 541).

O juízo de existência lida com a existência real ou não da coisa que está sendo psiquicamente representada. Esse já é “um interesse do eu-real-definitivo, o qual se origina e se desenvolve a partir do eu-prazer inicial” (Freud, 1915/2004, p. 148), trata-se do teste de realidade. Aqui há uma segunda tentativa de distinção entre dentro e fora, subjetivo/objetivo. Não basta mais saber se algo imaginado, o subjetivo, está presente no dentro e é bom, é preciso saber se isso que é imaginado está presente também na realidade.

O juízo de existência afirma ou nega a existência na realidade de algo que se refere a uma representação, o que indica que isso é feito através da inscrição no simbólico, o que possibilita certo domínio sobre a compulsão do princípio de prazer. Cabe lembrar que as representações se originam de percepções e são repetições dessas; assim, a própria existência da representação já é uma garantia da realidade do representado. É por isso que, pela alucinação, o bebê, enquanto um circuito fechado de investimento de percepções, toma as representações investidas como realidade.

No artigo *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* Freud (1911) afirma que uma organização psíquica regida exclusivamente pelo princípio de prazer tem escassas possibilidades de sobreviver, tendo em vista que visa única e exclusivamente à satisfação, e esta é obtida inicialmente de forma alucinada. No entanto, essa satisfação alucinatória é tornada realidade pelo oferecimento do seio materno, como se a alucinação evocasse um seio e isso produzisse o efeito desejado. Dessa forma, a alucinação não permanece alucinação, visto que o seio real vem recobrir a falta.

Disso decorre que nessa organização psíquica regida pelo princípio de prazer o objeto alucinado e o objeto real confundem-se, o que impossibilita a criança de distinguir o objeto e o seu próprio corpo. Mais uma vez, é uma “questão de dentro e fora”, diz Freud (1925/2007, p. 149). Enquanto a criança ainda não é capaz de distinguir entre o seio que a mãe lhe oferece e o seu próprio corpo, ela se constitui como um sistema fechado no interior do qual é impossível a distinção sujeito-objeto.

É a ausência de satisfação que provocará a desilusão e a conseqüente renúncia da via alucinatória. O aparelho psíquico é forçado a reconhecer a existência de uma exterioridade, que o obrigará a uma mudança real através da introdução de um novo princípio de atividade psíquica: o princípio de realidade. Não se trata mais de distinguir o prazer do desprazer, mas o objeto real do objeto alucinado.

Cabe destacar que “o teste de realidade só entrará em cena quando e se os objetos, que outrora trouxeram satisfação, já tiverem sido perdidos”, diz Freud (1925/2007, p. 149). É a

perda do objeto que vai funcionar como prova de realidade e provocar a separação original entre interior-exterior, criança-mãe. Assim como é a mãe que ao oferecer o objeto de desejo funda a relação amorosa e a tendência à unificação, é ela também que ao recusar o objeto desejado produz a frustração. Esse processo, assim como o ato de julgar, depende da ação recíproca das pulsões primárias, mas particularmente da pulsão de morte, na medida em que é ela a responsável pela disjunção.

A *afirmação primordial* pode ser entendida como um primeiro recorte que o Eu, de forma inconsciente, realiza dentre as percepções/representações, com as quais inscreverá sua história:

Tentemos nos recordar onde anteriormente o Eu exercitou um tatear desses [...]. Isso ocorreu na extremidade sensorial do aparelho psíquico, junto às percepções sensoriais, pois, de acordo com a nossa suposição, a percepção não é um processo passivo; pelo contrário, o Eu envia periodicamente pequenas quantidades de cargas de investimento ao sistema perceptivo por meio dos quais ele prova e testa os estímulos externos para logo recolher-se novamente. (Freud, 1925/2007, p. 150)

Baseado no mecanismo prazer-desprazer o Eu tateia a realidade e introjeta as percepções que serão lidas simbolicamente. Do mesmo modo, ele expulsa de si percepções que, por isso, não farão parte de suas representações. Segundo Freud (1925/2007), é no interior do campo delimitado por tal expulsão que os julgamentos de existência podem aparecer. Ou seja, a realidade é o que se constrói após a recusa do que ficará fora do Eu e de seu sistema de saber e é motivada pela tentativa de repetir experiências de satisfação. A decisão sobre o estatuto da realidade de uma representação é feita porque essa realidade é fonte de satisfação.

O destaque dessa parte do texto *A Negativa* (1925/2007) não consiste apenas em distinguir dois juízos: atribuição e existência, mas em pensar o juízo de atribuição como anterior ao juízo de existência. As consequências disso são que: o juízo de existência só se aplica ao que já está incluso no Eu pela *Bejahung*; e a *Bejahung* não comporta ainda a existência, o fato de ter ocorrido a afirmação primordial não garante ainda a existência do afirmado. Nesse sentido, é num *só depois*, por meio do juízo de existência que o afirmado no juízo de atribuição produzirá seus efeitos. Baseado nisso Lacan afirma que “a primeira apreensão da realidade pelo sujeito é o julgamento de existência, que consiste em dizer – Isso não é meu sonho ou minha alucinação ou minha representação, mas um objeto” (1956/1985, p. 179). Trata-se da constituição da realidade pela redescoberta do objeto.

Desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996) Freud ensina que as percepções são guiadas pela tentativa de adequar representações constituídas por traços mnêmicos oriundos das experiências de satisfação originárias a objetos capazes de passar por uma “prova de realidade”. Para explicitar melhor o que se passa no juízo de existência faz-se necessário retomar as primeiras elaborações de Freud sobre a função do juízo presente no *Projeto*.

PARTE 2. UMA PASSAGEM PELO PROJETO...

Sou tão maior do que aquilo que eu chamava de "eu", que somente tendo a vida do mundo, eu me teria. Toda a parte mais inatingível de minha alma e que não me pertence - é aquela que toca na minha fronteira com o que já não é eu, e à qual me dou. Toda a minha ânsia tem sido esta proximidade inultrapassável e excessivamente próxima. Sou aquilo que em mim não é. (Lispector, 1998, p. 123)

Efetivamente, o *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996) é uma primeira tentativa de Freud de descrever o aparelho psíquico a partir da diferenciação de três grupos de neurônios, responsáveis pela percepção, memória e consciência. Esse aparelho se apoia na noção de quantidade de energia, entendida como o que diferencia a atividade do repouso. O objetivo do aparelho é manter o nível de energia o mais baixo possível. Qualquer aumento de quantidade é sentido como desprazer e deve ser eliminado por meio de uma ação específica. O prazer deriva da sensação de eliminação ou redução do excesso de energia, o que enseja o principal princípio de regulação do aparelho psíquico: o princípio de prazer.

Entretanto, algo impossibilita a descarga total de energia, existe sempre um *quantum* proveniente do interior do corpo que segue insatisfeito, “e nesse fato se assenta a mola mestra do mecanismo psíquico” (Freud, 1985/1996, p. 368). Freud percebe que as quantidades endógenas não cessam nunca, o que exige um grande trabalho do aparelho psíquico. Essa ação é descrita por Freud em função de duas experiências: as vivências de satisfação e de dor. São essas experiências primárias que irão formar os circuitos associativos primordiais do sujeito. Para melhor compreender essa afirmação faz-se necessário retomar a experiência inicial da criança, marcada pelo desamparo frente às demandas externas e internas.

2.1. O encontro com o Outro: a introdução da Coisa

O ser humano ao nascer não tem proteção contra as ameaças decorrentes do mundo externo, assim como é incapaz de eliminar as tensões endógenas, ligadas às necessidades vitais. Isso faz com que exista uma excitação constante do aparelho psíquico, que Freud vai apontar como sendo a sede do impulso que sustenta toda a atividade psíquica, a vontade, “o derivado das pulsões” (1895/1996, p.369). Premido pelas excitações constantes o recém-

nascido chora, e essa conduta, considerada em si mesma ineficaz para a eliminação da tensão, é suficiente para colocar em ação o que Freud chamou de função da *comunicação*.

O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais. (Freud, 1895/1996, p. 370)

O choro é usado para convocar o outro a realizar a ação específica a qual o organismo humano é a princípio incapaz de executar. Mas, se a partir do choro ou grito do *infans* um adulto realiza a ação específica, sucede a *vivência de satisfação*. O fundamental na vivência de satisfação reside em depender de um outro para realizar a ação que cessa, ao menos provisoriamente, a tensão. Como já foi exposto, não se trata de um outro qualquer, enquanto objeto do mundo, mas um outro aparelho de linguagem, que ouve esse choro e ao atendê-lo introduz o sujeito na ordem simbólica.

De acordo com Lucero e Vorcaro (2009) o grito adquire, assim, a função de comunicação, na medida em que é interpretado pelo ser humano como um apelo, uma demanda a ser respondida. Notemos que a experiência de satisfação está inteiramente suspensa ao outro, aquele que Freud designou de próximo (*Nebenmensch*), por meio do qual tudo que se refere aos processos de pensamento pode tomar forma. Freud também supõe a situação em que o próximo, um outro, seja o objeto da percepção e, ao mesmo tempo, o primeiro objeto de satisfação e o primeiro objeto hostil.

Retomando a experiência de satisfação, a totalidade do evento tem consequências radicais no desenvolvimento das funções psíquicas do indivíduo. Isto porque três coisas ocorrem: produz-se uma descarga, eliminando provisoriamente a urgência que causou o desprazer; produz-se a catexização de um grupo de neurônios que correspondem à percepção do objeto; e, em outro ponto, a informação da descarga após a ação específica. Assim, origina-se uma facilitação entre duas imagens mnêmicas: a percepção do objeto e a imagem de movimento da descarga; e os estados de urgência. Com o reaparecimento do estado de urgência ou de desejo, a facilitação prossegue em busca das duas imagens mnêmicas, reativando-as.

É provável que a imagem mnêmica do objeto seja a primeira a ser afetada pela ativação do desejo. Não tenho dúvida de que na primeira instância essa ativação

do desejo produz algo idêntico a uma percepção – a saber, uma alucinação. Quando uma ação reflexa é introduzida em seguida a esta, a consequência inevitável é o desapontamento. (Freud, 1895/1996, p. 371-372)

Até aqui o funcionamento do aparelho visa encontrar e reencontrar uma percepção idêntica, que não teria nenhum critério de realidade, ela é apenas alucinada. Para melhor compreender todo esse processo o primeiro passo é traduzir neurônios ou complexos de neurônios por representação ou complexo de representações. Freud deixa claro que uma representação é uma imagem ou um complexo de imagens. Nessa leitura, a representação não se liga ao referente da realidade, mas é sustentada por uma trama de associações, em que cada cruzamento dessa rede inconsciente atesta a inscrição de elementos linguísticos, designando o que Freud chamou de memória, e fixa suas relações.

Notemos que a base para constituição do aparelho psíquico reside no que comumente descrevemos como mais irreal, a alucinação. Nesse sentido, a alucinação é o primeiro movimento de ordenação, primeiro sistema de referência sem o qual o mundo da percepção não poderia ordenar-se de maneira válida. Nas palavras de Lacan: “O mundo da percepção nos é dado por Freud como que dependendo dessa alucinação fundamental sem a qual não haveria nenhuma atenção disponível” (1959/2008, p. 68).

Sobre a alucinação Moustapha Safouan (1988 apud Lucero & Vorcaro, 2009) nos diz que o estado de desejo conduz não a pensar o objeto que agencia a descarga, mas sim a crer percebê-lo. O aparelho psíquico aqui descrito não se contenta em pensar, mas realiza seu pensamento antes de reconhecê-lo no real. É um aparelho que existe em uma adesão principal às suas próprias ficções, que não espera nem mesmo que a realidade o decepcione antes de substituí-la, de forma alucinada, por outra realidade. Isso indica um organismo pouco preparado para a vida, visto que esta requer uma adesão mínima à percepção da realidade.

Segundo Freud (1895/1996) a experiência ensinará a esse organismo a não investir as imagens-mnêmicas desejadas acima de certa medida, tendo em vista que o resultado será o desapontamento. Nesse caso, a satisfação almejada não será alcançada “porque o objeto não é *real*, mas está presente apenas como *ideia* imaginária” (p. 377). A questão que se coloca aqui é como distinguir entre imagens-percepção e imagens-ideias (ou imagem-mnêmica) se em ambos os casos temos imagens.

Freud (1895/1996) admite que a subjetivação só se torna possível quando se estabelece um critério de discernimento entre as duas. Ele nos oferece alguns exemplos de experiências nas quais estão presentes, simultaneamente, a representação-lembrança

(imagem-mnêmica), decorrente do investimento de desejo, e a representação-percepção (imagem-percepção), decorrente do objeto externo, e de como se processa a distinção entre elas.

No primeiro exemplo representação-percepção e representação-lembrança coincidem totalmente, e a descarga de energia ocorre de forma eficaz. Freud diz que uma coincidência assim “não pode ser biologicamente aproveitada” (1895/1996/1996, p. 380). Isso indica que uma situação como tal não produz o desenvolvimento psíquico do *infans*. Cabe destacar que uma identidade perfeita entre os dois complexos de representações é um caso ideal, até mítico, e não corresponde à experiência.

No segundo caso a representação-lembrança e a representação-percepção coincidem apenas parcialmente, sendo esse o caso que nos interessa. Para exemplificar, Freud relaciona a representação-lembrança como sendo o complexo $a+b$, e a representação percepção o complexo $a+c$. Percebe-se aqui que há uma semelhança e não uma identidade entre os complexos, o que impossibilita a total descarga de energia.

Comparando o complexo perceptual com o desejado, Freud (1895/1996) o decompõe em dois componentes: o primeiro componente, a , é denominado a Coisa (*das Ding*), que se mantém constante; e os componentes variantes b e c são descritos como seu atributo ou predicado. Percebe-se que a Coisa é uma estrutura constante presente na representação-lembrança e na representação-percepção, sendo o elemento responsável pela semelhança entre os dois complexos. Contudo, em outras passagens do *Projeto*, Freud volta a abordar o tema referindo-se à Coisa como o inassimilável, o que escapa ao juízo.

Se a é o irrepresentável não é possível conceber um movimento que, partindo de c ou b retorne a a . Nesse sentido, é em função dos predicados b e c que poderão ser feitas comparações entre os complexos de representações que apresentam a como ponto de interseção. A atividade do pensamento visa à identidade entre os complexos e seguirá as facilitações de c até encontrar um acesso ao elemento b desaparecido. O que dirige o curso dessa atividade é o fato de o complexo desejado, ou seja, o que falta, se manter investido durante o tempo em que a cadeia associativa é percorrida a partir de c .

Assim, julgar é um processo inaugural do pensamento que só se torna possível pela dessemelhança entre o investimento da lembrança de desejo e o objeto percebido. Daí se deduz que o ímpeto para a atividade do pensamento se dá pela não coincidência, o que torna a dessemelhança, a diferença e a não-identidade os mecanismos básicos à constituição do psiquismo.

Já no *Projeto* se desenha uma primeira divisão da realidade entre um fora primitivo nomeado de a Coisa (*das Ding*), objeto perdido e nunca encontrado, e um dentro, formado pelos primeiros traços de objeto que podem ser reproduzidos. Esses traços darão origem às representações que se dividem em representações-palavra e representações-coisa.

Lacan, no *Seminário livro 7: a ética da psicanálise* dedica três lições a uma releitura do *Projeto* e enfatiza o quanto esse texto é revelador “de uma espécie de embasamento da reflexão freudiana” (1959/2008, p. 48). É nesse sentido que ele se apropria do conceito freudiano de *das Ding* e se propõe a desenvolver, a partir disso, os pontos que restaram em aberto acerca desse termo. Segundo Lacan, *das Ding* é originalmente o fora-do-significado em torno da qual se organizam as representações. Estas dependem das qualidades, dos atributos do objeto, de forma que o movimento sempre tem origem nos predicados (neurônios *b, c, d...*) e não na parte que permanece idêntica. É em função do que varia que poderão ser feitas as comparações entre os complexos de representação.

2.2 Entre percepção e consciência: *das Ding* e o complexo associativo

Na orientação dada por *das Ding* as representações atraem-se umas as outras segundo as leis das facilitações² (*Bahnungen*) e são reguladas pelo princípio de prazer. Lacan no *Seminário livro 7: A ética da psicanálise* (1959/2008) explica que a melhor tradução para *Bahnung* é trilhamento, pois o sentido original é de uma via de continuidade, concatenação, associação, o que aproxima ainda mais à cadeia significante. Lacan ainda destaca que aquilo que funciona no nível do princípio do prazer se insere entre percepção e consciência. Para compreender isso seguiremos seu conselho de recorrer à *Carta 52*, na qual Freud (1896/1996), em sua correspondência com Fliess, começa a fornecer-nos uma concepção do funcionamento do inconsciente.

Toda sua teoria da memória gira em torno da sucessão das *Niederschriften*, das inscrições. A exigência fundamental de todo esse sistema consiste em ordenar numa concepção coerente do aparelho psíquico os campos diversos do que ele vê efetivamente funcionar nos traços mnêmicos. (Lacan, 1959/2008, p. 65)

² Na *Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, a palavra facilitação é usada como tradução do alemão “*Bahnung*”: “Descreveremos esse estado das barreiras de contato como grau de facilitação [*Bahnung*]” (Freud, 1895/1996, p. 352).

A *Carta 52* chama a atenção por tratar a impressão do mundo exterior sob a forma de inscrições. O que remete a algo que constitui signo e que é da ordem da escrita. Os efeitos do mundo são marcados como uma escrita e posterior reescrita nos sucessivos registros, sujeitos de tempos em tempos a um rearranjo de acordo com as circunstâncias. Vejamos o modelo proposto por Freud em 6 de dezembro de 1896:

	I	II	III	
W	Wz	Ub	Vb	Bews

W [*Wahrnehmungen* (percepções)] são os neurônios onde se originam as percepções, às quais a consciência se liga, mas que, em si mesmas, não retêm nenhum traço do que aconteceu. E isso porque a consciência e a memória são mutuamente exclusivas. *Wz* [*Wahrnehmungszeichen* (signos de percepção)] é o primeiro registro das percepções; é totalmente inacessível à consciência e se organiza de acordo com associações por simultaneidade. *Ub* [*Unbewusstsein* (inconsciência)] é o segundo tipo de registro, disposto de acordo com outras relações, talvez causais. Os traços do *Ub* talvez correspondam a lembranças conceituais; é igualmente inacessível à consciência. *Vb* [*Vorbewusstsein* (pré-consciência)] é o terceiro registro, ligado a representação-palavra e corresponde a nosso ego oficial. As categorias correspondentes de *Vb* tornam-se conscientes de acordo com certas regras; e essa consciência secundária do pensamento, se dá, no tempo, a posteriori e provavelmente está ligada à ativação alucinatória das representações-palavra, de modo que os neurônios da consciência sejam também neurônios perceptivos e desprovidos de memória em si mesmos. (Freud, 1896/1996, p.208)

Esse modelo explicita que todo o funcionamento do aparelho psíquico se dá entre percepção e consciência. Apesar de ter sido elaborado em 1896, esse esquema estará presente de forma implícita em toda a obra de Freud e tem a ver, como afirma Lacan (1959/2008), com o inconsciente não apenas em função, mas com a estrutura significante:

Em outros termos, é na medida em que a estrutura significante interpõe-se entre percepção e consciência que o inconsciente intervém, que o princípio de prazer intervém, não mais enquanto função de manutenção de um certo investimento, mas na medida em que ele concerne as *Bahnungen*. (Lacan, 1959/2008, p. 66)

O primeiro modo de escrita escreve-se como sinais/marcas/signos de percepção (*Wahrnehmungszeichen*), organizados segundo a simultaneidade. Aqui vale a pena relembrar o texto do *Projeto* (1895/1996), onde a representação não é representação de um objeto, mas a diferença entre séries de associações. A memória, assim, é constituída pelas diferenças entre as facilitações que só são possíveis pela simultaneidade de duas ou mais impressões. Lacan

(1959/2008) diz que é na simultaneidade que vários significantes podem apresentar-se ao falante e nos lembra que, antes mesmo de se estabelecerem relações ditas humanas, certas relações já são determinadas. “A natureza fornece, para dizer o termo, significantes, e esses significantes organizam de modo inaugural as relações humanas” (1964/2008, p. 28).

Esse primeiro sistema, signos de percepção, nasce da alternância de presença/ausência, tensão/apaziguamento e já são significantes advindos da imersão na ordem simbólica. Essas primeiras marcas terão um papel essencial na capacidade de alucinação da Coisa. Segundo Lacan (1959/2008) é porque existe uma constância no aparecimento do Outro que a realidade pode existir. É a partir de um agente em função do Outro que os significantes poderão ser transmitidos ao recém-nascido. Assim como na Antiguidade, em que o conhecimento se articulava em torno do que se repetia e retornava sempre ao mesmo lugar, como por exemplo, o movimento dos astros e as estações do ano, da mesma forma, no início da vida é preciso alguma referência, alguma orientação dada pelo Outro.

Esse primeiro agente do Outro, em Lacan (1959/2008), comporta também algo de real e não será jamais plenamente assimilável, permanecendo, nas palavras de Freud, “unido como coisa” (1895/1996, p. 384). Essa coisa, ou *das Ding*, no vocabulário lacaniano, pode ser compreendido como a primeira emergência da falta inerente ao real antes do complexo de castração. A impossibilidade de simbolização de *das Ding* obriga o aparelho psíquico a foraccluir esse real inassimilável. É nesse sentido que comumente se fala em uma *Verwerfung* (rejeição) generalizada, comum às estruturas clínicas neurose, psicose e perversão. Conclui-se que a falta instaurada por *das Ding* é independente e antecede o famoso complexo de castração formulado por Freud.

Outra especificidade desse sistema é que os significantes aí inscritos guardam a possibilidade de serem ou não representados em imagens, serem ou não traduzidos em palavras. Segundo Lacan (1959/2008), o mecanismo de defesa próprio a esse primeiro registro de memória é o processo de elisão ou recusa, ou seja, a percepção de determinado objeto pode não entrar no campo simbólico. Existe, portanto, a possibilidade desses signos de percepção não se tornarem representações e permanecerem como percepções.

Isso quer dizer que o percebido pode ser evitado e não deixar nenhuma marca. No caso de deixar marca esta é o *Wz* (*Wahrnehmungszeichen*/signo de percepção), que subsiste sob duas faces: a face de percebido real (*Wahrnehmung*) e a face simbólica de signo (*zeichen*). Esse primeiro modo de escrita se apresenta como o estado primordial, que Lacan (1959/2008) chamou de foracclusão do significante Nome-do-Pai, enquanto mecanismo operador da

psicose. O que não entra na possibilidade de significação reaparece como sinal de percepção, ou, dito de outro modo, o que é recusado pelo Simbólico reaparece no Real.

Seguindo o modelo da *Carta 52* vemos que o segundo modo de escrita é a inconsciência (*Unbewusstsein*), e sua organização se dá pelas relações causais, sendo o efeito da reescrita do primeiro registro, signos de percepção (*Wahrnehmungszeichen*). A inconsciência, nesse caso, pode ser explicada como o campo da representação-objeto, onde se inscrevem, segundo Moraes (2001), as coisas das palavras. Vale lembrar, nas palavras de Lucero e Vorcaro, que a representação-coisa “é um complexo associativo composto pelas mais variadas representações visuais, acústicas, táteis, sinestésicas, etc. Ela não é uma representação fechada ou passível de fechamento” (2009, p. 241).

Isso quer dizer que o inconsciente corresponde a uma segunda escrita que visa fazer sentido ao primeiro registro. Essa reescritura é o lugar em que se estabelecem as pré-relações entre o processo primário e o que dele será remanejado pelo pré-consciente. Para que isso aconteça é necessário que *isso* tenha relações com a causalidade (Moraes, 2001). Segundo Lacan: “a noção de relação causal aparece ali pela primeira vez enquanto tal. É o momento em que o significante, uma vez constituído, se ordena secundariamente por alguma outra coisa, que é a aparição do significado” (1956/1988, p. 213).

Lacan (1959/2008) destaca que a Coisa, *das Ding*, é diferente da representação-coisa (*Sachvorstellung*) presente no inconsciente. Esta corresponde à gravitação das representações (*Vorstellung*) em torno de *das Ding*, e pode tornar-se consciente ao se ligar a uma representação-palavra, presente no pré-consciente, conforme o modo de reescrita da Carta 52. Cabe lembrar que esse modelo está implícito nas formulações realizadas no artigo *O Inconsciente* (1915/1996), onde Freud faz uma divisão da representação-objeto, isto é, a ideia consciente que temos do objeto, em representação-palavra (*Wortvorstellung*) e representação-coisa (*Sachvorstellung*).

É a partir do terceiro modo de remanejamento (*Vb-Vorbewusstsein*) que as representações investidas serão tornadas conscientes, conferindo-lhes uma realidade e tornando possível sua recordação. Assim, a representação consciente abrange a representação-coisa mais a representação-palavra que pertence a ela, ao passo que a representação inconsciente é apenas a representação-coisa. A oposição representação-coisa/representação-palavra atravessa, portanto, a oposição entre os sistemas Pré-consciente e Inconsciente e apresenta o sistema Inconsciente como o depósito das representações mais rudimentares do objeto:

O sistema *Ics.* contém as catexias da coisa dos objetos, as primeiras e verdadeiras catexias objetais; o sistema *Pcs.* ocorre quando essa apresentação da coisa é hipercatexizada através da ligação com as apresentações da palavra que lhe correspondem. São essas hipercatexias, podemos supor, que provocam uma organização psíquica mais elevada, possibilitando que o processo primário seja sucedido pelo processo secundário, dominante no *Pcs.* (Freud, 1915/1996, p. 206)

Se o tornar-se consciente exige a ligação da representação-objeto à representação-palavra que o designa, podemos declarar que o recalque visa justamente negar a tradução em palavras da representação-objeto. Uma representação não colocada em palavras permanece no *Ics.* em estado de recalque e sob o domínio do princípio de prazer. A negação produzida pela *Verneinung* coloca em suspensão o recalque e pode ser vista como o momento em que se reúnem as duas ordens de representação: representação-palavra e representação-coisa.

Essa pequena digressão visa também demarcar a Coisa (*das Ding*) apontada por Freud em alguns momentos do *Projeto* (1895/1996) e do artigo *A Negativa* (1925/2007) como uma parte inassimilável do Eu e projetada como não-Eu. Algo que não pode ser representado, que se situa fora da possibilidade de representação. Ao se situar como fora a Coisa (*das Ding*) marca a presença de um vazio e, ao mesmo tempo, a impossibilidade de se encontrar o que, supostamente, teria sido uma vez percebido. O aparelho psíquico se constitui, então, na experiência de algo que não se submete ao princípio de prazer, presença de um vazio que provoca o movimento das representações e funda a orientação do humano.

Rabinovitch (2001) identifica essa primeira divisão com o mecanismo da negação primordial, denominada por Freud de *Ausstossung*. Processo pelo qual se dá a partição do Outro, enquanto tesouro de significantes, e define *das Ding* como o gozo para sempre perdido. Isso faz do Outro um lugar esvaziado de gozo de onde o sujeito irá construir sua realidade. Essa divisão coincide também com a separação entre Real e Simbólico, indissolivelmente ligada ao que podemos chamar de uma *Verneinung* primordial.

Nesse sentido, o juízo de existência constitui a realidade que se situa fora, mas na medida em que ela já está representada dentro, graças ao primeiro juízo. A realidade é assim, um mundo imaginário/simbólico feito daquilo que o Eu pode nela encontrar de semelhante ao que nele já está representado (Freud, 1895/1996). Segundo Rabinovitch (2001), a realidade, enquanto pura representação tecida pela articulação simbólica se diferencia completamente do real, incapaz de se fazer representar.

Entretanto, o que é representado nunca corresponde ao objeto percebido, e vice-versa. Segundo Kaufman, o objeto percebido é aceito ou recusado não mais apenas por seus atributos de bom ou mau, mas é julgado em função de sua relação com a falta do objeto primordial, ou seja, “em função de sua relação com a falta da mãe, falta que se representa no real do objeto” (1996, p. 356). Falta essa que relança o sujeito nos caminhos associativos fazendo com que o desejo seja constantemente remanifestado. O que o sujeito procura é justamente o não inscrito, o não possível, mas que insiste por sua própria negatividade. É nesse sentido que toda enunciação comporta em si a negatividade, “não há senão não possível na origem de toda enunciação”, afirma Kaufman (1996, p. 357). Os desdobramentos até aqui apontam que na origem do juízo existe algo mais além de uma oposição.

O objeto reencontrado nunca corresponde ao objeto que, por ter sido simbolizado, foi incorporado. Há realmente algo de inadequado no objeto percebido, daí porque o sujeito se serve de uma negação. Logo é preciso insistir no retorno, e a cada volta repete-se a frustração, na medida em que o que é encontrado nunca é o que era esperado. Por outro lado, Safatle (2014) aponta que compreender o julgamento de existência sob a forma do reencontro, na medida em que este visa aproximar representação mental e objeto percebido, indicaria situações nas quais o sujeito buscaria afastar representação e objeto, justamente porque, submetido às exigências do desejo, um seria a verdade do outro, e uma maneira de fazer isso seria negando.

2.3 A Negatividade e a estruturação do sujeito

A questão da negatividade pode ser abordada a partir do encontro faltoso com a Coisa, *das Ding*, primeiro exterior em torno do qual gira todo o movimento das representações, que Freud mostra como reguladas pelo princípio do prazer. É em torno dele, afirma Lacan no *Seminário livro 7: a ética da psicanálise*, que se orienta todo o encaminhamento do sujeito, visto que o processo simbólico se manifesta aí inextricavelmente tramado e referenciando o mundo dos desejos.

O mundo freudiano, ou seja, o da nossa experiência, comporta que é esse objeto, *das Ding*, enquanto o Outro absoluto do sujeito, que se trata de reencontrar. Reencontramo-lo no máximo como saudade. Não é ele que reencontramos, mas suas coordenadas de prazer, e nesse estado de ansiar por ele e de esperá-lo que será buscada, em nome do princípio do prazer, a tensão ótima abaixo da qual não há mais nem percepção nem esforço. (Lacan, 1959/2008, p. 68)

Essa é uma divisão original da experiência da realidade que pode ser reencontrada no texto da *Verneinung*. Refere-se àquilo que do interior do sujeito é levado para um primeiro exterior, mas um exterior que nada tem a ver com a realidade formada a partir dos signos de percepção que indicam o rumo para a satisfação. Essa divisão original é algo que antecede essa busca e estabelece a meta do reencontro. É o que Freud designa quando diz que “o objetivo primeiro e imediato da prova de realidade não é a de encontrar na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas reencontrá-lo, convencer-se de que ele ainda está presente” (1925/2007, p. 149).

É em torno da ação específica, em relação à qual o princípio de prazer funciona, cujo fim é reproduzir o estado inicial de reencontrar *das Ding*, que se orienta a posição do sujeito. Nessa orientação as representações (*Vorstellungen*) atraem-se uma a outra segundo as *Bahnung*, trilhamentos. É justamente por se constituir como um elemento associativo combinatório, oriundo dos trilhamentos, que Lacan (1959/2008) abordará o mundo da representação segundo as possibilidades do significante. No nível do inconsciente, as representações se organizam segundo as leis da condensação e do deslocamento e, como denomina Lacan, as leis da metáfora e da metonímia. Desde o *Projeto* Freud explica que o que se articula sobre os processos de pensamento só pode ter acesso à consciência por intermédio de um discurso.

A partir do momento em que falamos “é que somos capazes de articular num discurso algo desse palavratório” pelo qual nos constituímos e justificamos o encaminhamento do nosso desejo (Lacan, 1959/2008, p. 78). É justamente na medida em que passamos para o discurso que *das Ding* se define em uma série de efeitos. Lacan (1959/2008) esclarece que no nível da representação a Coisa não é nada, ela se distingue como ausente. Tudo o que dela se articula são atributos que entram desde logo na ordem da representação, como índice do que orienta a posição do sujeito, mas que o mantém sempre a certa distância. A Coisa se situa sempre mais além, ainda que regulando todo o processo.

A propósito da *Verneinung*, trata-se de um modo privilegiado pelo qual se situa no enunciado, no discurso do pré-consciente, o que está no inconsciente, recalcado. É o modo pelo qual se confessa o que para o sujeito se encontra, ao mesmo tempo, presentificado e negado pela ação do recalque. A denegação, nesse sentido, afirma a existência daquilo que ela nega, justamente por negá-la. Segundo Rabinovitch (2001), a negação gramatical que se exerce na palavra e na escrita expõe ao saber consciente o “eu não sei” do inconsciente. Ela é

constitutiva do sujeito da enunciação justamente por indicar um furo na enunciação e, com isso, possibilitar a escamoteação do que não se sabe e do que não se diz.

Lacan (1959/2008) sugere prolongar o estudo da *Verneinung* pelo estudo da partícula negativa *ne* e seu uso na língua francesa enquanto discordancial. Aqui Lacan faz referência aos estudos de Pichon e Damourette (1943 apud Machado, 2012) acerca de um tipo específico de emprego do *ne*, em que este expressa uma discordância entre a oração subordinada e o fato central da frase. Devido a isso eles deram à partícula *ne* o nome de discordancial. Lacan (1959/2008, p. 81) usa como exemplo a frase “je crains qu’il ne vienne” (temo que ele não venha), onde a partícula aparentemente negativa *ne* expressa a discordância entre o sujeito da principal - eu temo - e a possibilidade que ele considera – que ele venha. O *ne*, ao contrário de exprimir uma negação sintática, opera apenas como discordancial e, assim, exprime o desejo do locutor de que ele venha. Há aqui, na própria estrutura da linguagem uma divisão do sujeito, algo tão ressaltado por Lacan:

Enunciando je crains... quelque chose, temo... alguma coisa, faço-o surgir em sua existência e, da mesma feita, em sua existência de voto – qu’il vienne, que ele venha. É aí que se introduz esse pequeno *ne* que mostra a discordância da enunciação com o enunciado. (1959/2008, p. 81)

A análise da negação em francês mostra que na fala a partícula *ne* produz uma distinção entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado. Essa distinção faz referência à divisão do sujeito operada pela linguagem. O que supõe a escuta do sujeito do inconsciente para além da fala, ou seja, em referência ao encadeamento significativo que remete sempre a uma outra cena. Para apreender aquilo de que se trata quando tomamos a linguagem é necessário, afirma Lacan:

Ordená-la por meio do que podemos chamar de uma referência a si mesma, a sua própria estrutura como tal [...] como algo que de alguma maneira não se sustenta com uma gênese puramente utilitária, instrumental, prática, uma gênese psicológica, mas que nos mostra a linguagem como uma ordem, um registro, uma função [...] precisamos vê-la como capaz de funcionar fora de toda consciência por parte do sujeito, e cujo campo somos levados a definir como sendo caracterizado por valores estruturais que lhe são próprios. (Lacan, 1962/2003, p.254)

A linguagem, enquanto uma vertente do simbólico, é exterior e anterior ao sujeito, uma estrutura independente do falante. Essa exterioridade da estrutura em relação ao sujeito foi o que Lacan chamou de Outro (Garcia-Roza, 2001). O sujeito está desde a origem imerso

na linguagem e submetido à sua estrutura. Esse grande Outro, Lacan o denomina de tesouro de significantes, aquele que dá os elementos para que um falante possa falar a um outro. É a outra cena do sonho, em que encena o desejo inconsciente.

A relação com o Outro na *Verneinung* comparece na medida em que o que é denegado foi antes uma *Bejahung*, ou seja, uma afirmação simbólica de um significante vindo do Outro. Assim, o que foi inscrito simbolicamente, mesmo recalçado, persiste e retorna enquanto uma inscrição simbólica, mesmo que submetida ao movimento da denegação. A negação, nesse sentido, é uma tentativa de eliminar o significante do Outro, mas, ao fazer isso, o afirma, tanto no campo do Outro quanto no do próprio sujeito. Lacan ressalta que se trata de uma negação formal:

em outras palavras, de um fenômeno típico de desconhecimento e sob a forma invertida em que insistimos, forma cuja expressão mais habitual — Não vá pensar que... — já nos fornece essa relação profunda com o outro como tal, que valorizaremos no Eu. (Lacan, 1946/1998, p.181)

A relação mais profunda com o outro a que Lacan faz referência está relacionada também à especularidade enquanto constitutiva do Eu. O conteúdo recalçado, além de ser denegado, é atribuído ao outro. A mensagem emitida é tomada pelo outro, o que leva Lacan a retomar uma fase primitiva da constituição do Eu, em que antes deste ser nomeado na primeira pessoa, o é na terceira pessoa. Esboça-se aqui a posição subjetiva em que o Eu é inicialmente o outro, concepção trabalhada por Lacan no estágio do espelho, onde “o sujeito se identifica em seu sentimento de si, com a imagem do outro; e a imagem do outro vem cativar nele esse sentimento” (1946/1998, p. 182).

É com essas elaborações que podemos pensar a relação que foi apresentada por Freud entre a negação e a constituição do Eu a partir do juízo de atribuição e, concomitantemente, a constituição dos registros real, simbólico e imaginário preconizados por Lacan. O que parece ser simplesmente a recusa de uma representação no relato de um sonho encobre uma dinâmica e não esgota a questão da função da negação no interior da linguagem:

Há ilusão em crer que uma *Verneinung* se constata simplesmente na insistência do sujeito em dizer a respeito de um sonho *Não é meu pai*, todo mundo sabe por experiência própria, o sujeito acusa o lance da interpretação e acaba por dizer que é seu pai, e, como ficamos contentes, não vamos mais adiante. (Lacan, 1956/1988, p. 184)

Ir mais adiante significa tirar consequências dessa negação que ocorre na fala colocando-a em relação com alguma coisa de mais primitiva. NO *Seminário livro 3: as psicoses* (1956/1988) Lacan enfatiza a dimensão da negação própria à dimensão da existência. Nada existe senão sobre um fundo de ausência, o que aponta a simbolização como uma negação primordial inerente à instituição do significante para o falante. A preexistência da linguagem implica que o *infans* só pode adentrá-la à custa de uma negação, da exclusão de uma inércia psíquica.

É essa exclusão que possibilita a fala e, portanto, assegura a entrada na linguagem. Inversamente, a não entrada na linguagem, como pode ser o caso do autismo, expressa uma profunda dificuldade em servir-se dela para falar. Da mesma forma, simplesmente falar não garante a introdução do sujeito na linguagem, o que é apontado por Lacan (1956/1988) ao referir-se ao psicótico como “uma boneca falante”. Segundo Rabinovitch (2001), a radicalidade da negação se refere à sua relação com a introdução da linguagem no sujeito e a introdução do sujeito na linguagem.

Até aqui podemos destacar alguns pontos importantes com relação à negação e à estruturação psíquica. Como vimos, a negação, o *não* da frase é um meio de apresentação do pensamento e, como indica Freud, o analista deve se ater ao plano da enunciação, tendo em vista que pela negação o recalcado tem acesso ao consciente. Entretanto, não se trata de tentar traduzir o *não* que acompanha a representação por uma afirmativa, como se uma fosse a face da outra, há uma negação própria à dimensão significante.

A negação apresenta-se como uma formação própria ao inconsciente, na medida em que este se constitui pela marca diferencial do significante, que nunca coincide com ele mesmo, o que implica uma negatividade fundadora no cerne do sujeito. É a ação do significante que barra o sujeito lançando-o em um mais além, em busca de um significante que o represente, o que institui o lugar do Outro como endereçamento de onde se tenta obter um suposto saber. É assim que a negação possibilita o retorno do recalcado e sua retomada a partir do lugar do Outro.

As elaborações realizadas até aqui apontam que a negação pode ser tratada não só a partir da instauração do recalque, mas enquanto um processo articulado aos movimentos mais primitivos da constituição subjetiva. O juízo de atribuição é a expressão das mais antigas moções pulsionais, o que demonstra a presença da linguagem já nos movimentos do “eu quero introjetar” e o “eu quero expulsar”, atividades anteriores ao recalque (Freud, 1925/2007). O que resulta dessa operação primordial, diferenciação entre o dentro e o fora,

não poderia se produzir sem a inscrição dessa experiência, o que confirma uma operação de corte significante, que funda num mesmo movimento real e simbólico, bem como situa a articulação entre simbólico e imaginário na constituição do Eu.

PARTE 3: AS NEGAÇÕES NA PSICANÁLISE

*Esta imagem de mim entre as
aspas me satisfazia, e não apenas
suficientemente. Eu era a imagem
do que eu não era, e essa imagem
do não ser me cumulava toda.
Como eu não sabia o que era,
então "não-ser" era minha maior
aproximação da verdade: pelo
menos eu tinha o "não", tinha o
meu oposto. O meu bem eu não
sabia qual era, então vivia com um
pré-favor o que era meu mal.
(Lispector, 1998, p. 32)*

Como apresentado anteriormente é a partir do artigo *Die Verneinung* que se pode analisar a negação na sua paradoxal afirmação de uma existência. Isso faz do par *Bejahung-Ausstossung* a operação primordial sob a qual, num mesmo gesto, se dá a incorporação significante, entrada no simbólico, e a rejeição de um suposto estado de gozo, real. Esse *não* a um suposto estado de gozo permite a entrada na linguagem e a constituição do sujeito do inconsciente separado daquilo que não será da ordem do sujeito.

Da expulsão do fora do sujeito, do real, nasce o significante. Este por sua vez pode apagar-se, pode anular-se, pode ser não-dito ou mal-dito, explica Rabinovitch (2001). Entretanto, nada disso o extingue, pelo contrário faz perpetuá-lo, na medida em que reafirma sua existência. Segundo Rabinovitch (2001), é sobre o que está inscrito, ou seja, sobre os significantes que intervirão as negações, todas precedidas por esse prefixo *Ver*, que as lança para mais longe, ampliando seus limites.

O fato de a *Verneinung* comportar a negação de um enunciado corrobora com o desenvolvimento da primeira tópica freudiana acerca dos mecanismos de defesa provenientes do Eu. Resta saber qual a relação das negações constitutivas do sujeito com os mecanismos de defesa formulados por Freud. *A priori*, é possível identificar que tanto a defesa quanto a negação “são modos de recusa de um conteúdo inconsciente” (Rabinovitch, 2001, p. 40) que, por isso mesmo, confirma sua existência.

O modo de ratificar a existência do conteúdo ameaçador é explicitado pelos prefixos *Un* e *Ver*. De acordo com Rabinovitch “O termo *Unbewust* afeta o consciente com uma negação; o prefixo *Un* indica que ele parasita o que ele precede” (2001, p. 40). Nesse sentido,

o prefixo *Un* é usado para indicar o que não está presente no termo que segue, ao mesmo tempo em que aponta sua derivação. O *Heimlich* não pode ser pensado sem o *Unheimlich* e o *Bewusstsein* sem sua face *Unbewusst*. Já o prefixo *Ver* radicaliza ao buscar “levar ao limite aquilo que ele precede” (2001, p. 40). Ele não busca apenas completar o termo que precede e, com isso, afirmar sua existência, antes o lança o mais distante possível, com o objetivo de tornar seu sentido desconhecido.

Ver afasta, exila, abandona, faz desaparecer. *Ver* indica que a ação expressa pelo verbo que precede se faz inadequadamente ou em falso [...]; também pode indicar que essa ação é levada até o fim, até obter uma mudança [...]; mas, principalmente, exprime o limite extremo de uma ação. Você viaja pra longe, para mais longe, para além, para além do exílio [...] para tão longe que não é possível encontrá-lo nunca mais. (Rabinovitch, 2001, p. 33)

Essas características estão presentes em alguns dos termos usados por Freud. *Verwerfen* é jogar fora (*werfen*) definitivamente, jogar algo fora, de onde não poderá mais ser recuperado; *Verdrangung* é pôr de lado, afastar, expulsar da consciência; *Verleugnung* é desmentir, desautorizar, recusar, renegar; e *Verneinung* é a única negação que comporta o verbo negar, intensificado pelo prefixo *Ver*, que em francês tem o valor de denegação (Rabinovitch, 2001).

Cada uma dessas negações são modos diferentes de negar que participam da organização psíquica tendo, cada uma, consequências próprias. Essas negações estiveram em Freud (1895/1996) associadas a uma força psíquica que se opunha à rememoração das representações consideradas patogênicas. Resta saber do que o Eu se defende.

Na *Carta 52* a Fliess Freud é enfático: “o que determina a defesa patológica, portanto, é a natureza sexual do evento e a sua ocorrência numa fase anterior” (1896/1996, p. 284). Tal assertiva levanta duas questões de grande importância: a sexualidade e a ideia de *só depois*, de um segundo momento de reescritura que evoca a excitação sexual *primeva*. No caso de Emma, analisado no *Projeto* (1895/1996), Freud explica que é a recordação de uma primeira cena que desencadeia o afluxo de excitações sexuais e, conseqüentemente, as defesas do Eu.

Como vimos anteriormente, na *Carta 52* Freud apresenta um modelo do aparelho psíquico pautado na inscrição de traços e impressões, denominado de sistema mnêmico. Esses traços estariam sujeitos a retranscrições, de tempos em tempos, segundo novas circunstâncias. Essa primeira inscrição pode ser entendida como um excesso de excitação, que é a entrada na ordem da sexualidade, da qual nenhum ser humano escapa:

O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa – usualmente, a mãe – contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como substituto de um objeto sexual plenamente legítimo. (Freud, 1905/1996, p. 210-211)

O aparelho psíquico surge justamente da impossibilidade de total descarga das excitações, ficando sempre um resto que impulsiona toda a produção humana. Nos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905/1996), Freud elucida o conteúdo sexual desse primeiro momento e sua importância à constituição do humano. Esboça-se aqui, as primeiras elaborações freudianas sobre pulsão que sugerem que toda construção humana inexistiria caso a relação do bebê com seu primeiro outro se mantivesse apenas no nível da saciedade de uma necessidade.

É por um movimento mais além que o choro, primeiro ato de comunicação, passará a evocar não apenas o alimento, mas a presença materna e todos os traços que a compõem. Esses traços formarão os caminhos associativos que o sujeito deseja reencontrar e comporão a realidade do que será também negado, pelos mecanismos defensivos do Eu. A defesa age contra a rememoração, ou seja, a reescrita dos traços inscritos no sistema mnêmico: “gostaria de acentuar o fato de que os sucessivos registros representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida. Na fronteira entre essas épocas deve ocorrer uma tradução do material psíquico” (Freud, 1896/1996, p. 283).

O que chamamos aqui de negações constitutivas do psiquismo pode ser localizado no trajeto que Freud faz na *Carta 52* entre percepção (*Wahrnehmungen*) e consciência (*Bewusstsein*). Arquivo de inscrições, do nascimento até a morte, de um emaranhado de traços cuja trama constitui a memória, esta “não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos;” e “é registrada em diferentes espécies de indicações.” (1896/1996, p. 281).

As inscrições e retranscrições desses traços são remanejados pelo jogo das negações, ou defesas, como dizia Freud. Em percepções, W (*Wahrnehmungen*), o percebido pode ser evitado e, sendo evitado, dele não ficará nenhuma marca (Rabinovitch, 2001). É aqui que podemos localizar o que chamamos de afirmação/negação primordial, configurada no par *Bejahung/Ausstossung* e na separação entre os registros real e simbólico.

Rabinovitch (2001) explicita que quando o percebido deixa marca, esta subsiste sob duas faces: face real (*Wahrnehmungen*), que corresponde à percepção sonora, visual ou

móvel; e a face simbólica, que corresponde ao signo (*Zeichen*), que dá origem ao primeiro registro das percepções, nomeado por Freud de indicação de percepção Wz (*Wahrnehmungszeichen*). Esse registro “é praticamente incapaz de assomar à consciência e se dispõe conforme as associações por simultaneidade” (1896/1996, p. 282).

É nesse registro que se inscreve o primeiro corpo de significantes, a partir do assentimento da afirmação primordial, em que vai se instaurar o inconsciente e sob o qual irá incidir, segundo Rabinovitch (2001), a primeira das negações orientadas pelo prefixo *Ver*, a *Verwerfung*. Entre esse primeiro registro (Wz) e o segundo, descrito por Freud de inconsciência Ub (*Unbewusst*), ocorreria a segunda negação, a *Verleugnung*. Essa negação corresponde à desfiguração de alguns dos traços escritos e assemelha-se à deformação do texto, que só depois será submetido ao recalçamento.

O terceiro registro descrito por Freud de pré-consciência, Vb (*Vorbewusstsein*), está ligado às representações de palavra e corresponde ao ego. É aqui que ocorre certa tradução e organização da massa confusa inscrita nos registros anteriores. A *Verdrängung* imprime sua marca no nível dessa inscrição, impedindo a tradução que ordena esse texto, deixando aí sobreviver, de forma soterrada e sob leis próprias, o texto inconsciente.

Em *Vorbewusstsein* (Vb) ocorre a terceira reescritura, descrita por Freud como tradução em representações de palavras. É a ligação aos representantes verbais que permite o acesso do pensamento à consciência (*Bewusstsein*), último registro. É nesse nível que opera o símbolo do *não*, representante verbal com o qual intervém a *Verneinung* propriamente dita, que permite o acesso do conteúdo inconsciente sem, contudo, implicar sua aceitação. Enfim, é uma questão de reescrita de traços que deve ocorrer entre as fronteiras dos registros psíquicos, que correspondem a épocas sucessivas da vida:

É nas fronteiras entre uma época e outra, entre um tempo e outro, que se exerce esta ou aquela negação. Ela censura, proíbe, exila; ela bloqueia a passagem. Mesmo interrompida, uma passagem continua a ser uma passagem; a negação, dando uma forma falsificada e deformada às representações – aos significantes – aos quais recusa a passagem, prova ao mesmo tempo a existência destes, que ela torna insubmersível. (Rabinovitch, 2001, p. 39)

Vemos que os primeiros escritos freudianos já portam o que seria um conjunto de processos defensivos que caracterizaria e subsidiaria a formulação de uma nosologia psicanalítica. A força da defesa diz *não* a uma ideia patogênica, e esta por sua vez fará parte

do sintoma produzido por ela mesma. Disso decorre que a maneira de dizer não também irá integrar a formação dos sintomas.

Em *Inibição, sintoma e angústia* Freud (1926[1925]/1996) elabora a ideia de que a este ou aquele mecanismo de defesa corresponde esta ou aquela forma de psicose. Mesmo variando a configuração sintomática, a natureza sexual do conflito permanece comum a todas as afecções. E é justamente porque a representação rejeitada pelo Eu é de natureza sexual que Freud produz, ao mesmo tempo, uma teoria sexual do inconsciente e uma primeira nosografia caracterizada pelos diferentes modos de recusa ou repúdio desse sexual. Por ser impossível de ser dito, o real sexual só pode fabricar o rompimento, a não tradução do texto.

No texto *Análise terminável e interminável*, Freud aponta que não é mais apenas o texto inconsciente que a defesa submete ao engano, ao erro de transcrição: “e podemos descobrir, nas diferentes formas dessa falsificação, paralelos com a variedade de maneiras pelas quais o ego é alterado” (1937/1996, p. 253). Aqui o próprio Eu é alterado pelos mecanismos de defesa dos quais, anteriormente, ele era o senhor. O Eu não mais se restringe a ser a causa desses mecanismos e seus distúrbios, mas passa a ser o seu centro, a se constituir conforme esses mecanismos de defesa:

Nenhum indivíduo, naturalmente, faz uso de todos os mecanismos de defesa possíveis. Cada pessoa não utiliza mais do que uma seleção deles, mas estes se fixam em seu ego. Tornam-se modalidades regulares de reação de seu caráter, as quais são repetidas durante toda a vida, sempre que ocorre uma situação semelhante à original. (Freud, 1937/1996, p. 254)

Freud instala o Eu no centro das defesas que, aqui, relacionamos a modos de negação. Do texto primordial, introduzido no *infans*, nesse texto que o instaura como falante, nem tudo se fixa, pode ser que uma parte seja lançada fora, seja *Verworfen*. No texto restante, em que o percebido se dispõe sob a forma de signo segundo as leis da simultaneidade e contiguidade, elementos serão deformados – primeira fronteira – antes de se tornarem representantes-representações organizadas em relações causais. O que restar do texto primordial será submetido ao recalçamento antes de reescrever-se em palavras e, assim, ter acesso ao consciente.

Sejam eles mecanismos defensivos ou modos de negação, o recalçamento, o desmentido e a forclusão, cada um a seu modo afasta, censura, deforma ou transforma alguns elementos significantes que compõem o saber inconsciente. Esses elementos, postos em suspensão ou disfarçados, retornam, cada um por uma via específica.

O meio pelo qual o conteúdo recalçado retorna não é o mesmo pelo qual o que foi foracluído retorna, o mesmo se aplica ao desmentido. Quanto ao conteúdo simplesmente negado, como no caso da denegação, é o próprio *não* que oferece um caminho, não de retorno, mas de ingresso na consciência. Assim, no decorrer desse capítulo pretendemos analisar de forma mais detalhada os mecanismos defensivos ou formas de negação: *Verdrängung* (recalque) e *Verwerfung* (rejeição/foraclusão), e seu uso por Freud e Lacan enquanto operadores da distinção entre neurose e psicose.

3.1 Recalque (*Verdrängung*)

Freud declara na seção I da *História do Movimento Psicanalítico* que "a teoria do recalque é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise" (1914/1996, p.26). Entretanto, um conceito tão importante não está livre de complicações terminológicas quanto a sua tradução, explica Garcia-Roza:

Em francês, o termo empregado é *refoulement*; a *Standard Edition* traduz por *repression*; as traduções para o espanhol empregam *represión*; em português, encontramos três termos diferentes para traduzir a *Verdrängung*: “repressão”, “recalque” e “recalcamento”. O Vocabulário da psicanálise de Laplanche e Pontalis, tanto na edição francesa como na brasileira, optou por “recalcamento ou recalque”, e as duas traduções para o português das obras de Freud — a publicada pela Imago e a antiga tradução da editora Delta — optaram por “repressão” (provavelmente em função do *repression* da *Standard Edition* inglesa). (2008, p. 164)

Ocorre que a escolha do termo não pode ser feita por uma questão de preferência e sim por sua aproximação ao desenvolvimento teórico do autor. Em português, comumente o termo repressão refere-se a uma ação exercida pelo exterior sobre o indivíduo enquanto que recalque designa um processo interno ao Eu. Sob este ponto de vista a tradução mais consistente de acordo com o conceito freudiano de *Verdrängung* seria recalque ou recalcamento, afirma Garcia-Roza (2008).

Antes mesmo de formular uma teoria sobre o recalque, este já estava presente desde cedo nas pesquisas de Freud. Na *Carta 75 a Fliess* em 1897, ele confia sua preocupação em encontrar “a fonte do recalcamento sexual normal (moralidade, vergonha, etc.)” (1950/1996, p. 319). Nessa mesma carta o autor conclui que essa fonte poderia ser o próprio recalque exercido por alguma coisa orgânica. Freud liga essa ideia orgânica do recalcamento ao abandono de zonas sexuais precedentes, como a boca, o ânus e a garganta, que já não

produzem a excitação de outrora. Nos animais essas zonas continuam em vigor e orientam a atividade sexual. No homem, o abandono dessas zonas sexuais está ligado “à modificação do papel desempenhado pelas sensações do olfato: a adoção da postura ereta, o nariz levantado do chão” (1950[1897]/1996, p. 319).

O abandono dessas zonas evidencia a perda de componentes importantes à satisfação sexual, porém, incompatíveis com os padrões estéticos da civilização e abandonados com a aquisição da postura ereta. Mas, como elucidada Freud “A anatomia é o destino” e é visível que os órgãos sexuais não tiveram seu posicionamento alterado, o excrementício continua anatomicamente muito íntimo e inseparavelmente ligado ao sexual: “a posição dos órgãos sexuais – *inter urinas et faeces* – permanece sendo o fator decisivo e imutável” (1912/1996, p. 194).

A investigação inicial acerca da origem do recalque é retomada por Freud (1930/1996) em uma nota de rodapé do texto *Mal estar na civilização*. Nessa nota o autor reafirma o pressuposto de que a aquisição da postura ereta e a diminuição de seu sentido olfativo ocasionaram, no homem, o recalque de sua sexualidade, de forma que, desde então, a função sexual foi acompanhada por uma repugnância que impede sua satisfação completa. Além disso, os órgãos genitais dão origem a intensas sensações de odor que não mais são toleradas, o que corrobora com o abandono de sua primitiva existência animal.

Em decorrência desse processo, o recalque, miticamente oriundo de tempos pré-históricos, continua ligado à civilização e se atualiza em cada sujeito. Em seus estudos sobre o trauma Freud (1897/1996) discutiu o papel de traços de memória sobre a ação retardada na liberação da sexualidade. Uma ação dessa espécie ocorre também em conexão com as lembranças de excitação das zonas sexuais abandonadas. O que o leva a afirmar que a lembrança atual cheira mal, e assim como a espécie humana afastou o órgão sensorial – o nariz – com repugnância, cada sujeito afasta da consciência essa lembrança, o que designa o recalque (Freud, 1897/1996).

As elaborações iniciais de Freud acerca da origem do recalque, a par de toda questão orgânica, apontam o advento da sexualidade humana tributária de uma perda sofrida por nossa espécie, a partir da qual se instalou uma falta em todos os indivíduos. MD Magno, no livro *Pato Lógico* aborda a falta como a única coisa que se pode requerer de ôntico para o falante, daí Lacan usar o termo *hontologie* do falante: “Honte em francês é vergonha. Não se trata aqui da ontologia – do ser – da filosofia, mas da lógica da vergonha, a lógica da falta” (1979, p. 115).

Segundo MD Magno (1979) é aí que Lacan situa o ponto de inserção da sexualidade na estrutura. A perda que Freud testemunha no início de seus escritos como função biológica coincide com a falta de um significante que distingue o outro sexo. O que significa pensar que do lado da pulsão há uma impossibilidade de representar adequadamente a sexualidade, e do lado do Outro falta um significante. Isso quer dizer, nas palavras de MD Magno, que “não há um representante psíquico da oposição masculino/feminino; é quanto a isto que podemos designar a essência da castração, ao mesmo tempo em que a ligação da sexualidade ao inconsciente: a diferença sexual se recusa ao saber” (1979, p. 92).

O surgimento da diferença como perda atesta que há algo na própria natureza da pulsão desfavorável à satisfação completa. Continuando com Freud (1912/1996), este explica que, quando o objeto original de um impulso se perde, essa perda se apresenta por uma infundável sucessão de objetos substitutos que não levam à satisfação completa. Entretanto, é a própria incapacidade da pulsão de produzir satisfação plena a fonte das mais nobres produções culturais. Como explica Freud em *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor*:

Pois que motivo teria o homem para colocar as forças instintivas sexuais a outros serviços se, com qualquer distribuição dessas forças, eles poderiam conseguir prazer completamente satisfatório? Não renunciariam nunca a esse prazer e jamais realizariam qualquer outro progresso. (Freud, 1912/1996, p.195)

É justamente por ser um estímulo endógeno e constante que a pulsão impõe uma exigência de trabalho. O psiquismo se constitui para fazer frente às pulsões e dominá-las, ao mesmo tempo em que retira delas a energia necessária para a manutenção de seu aparato. Assim, a pulsão é condição de possibilidade do psiquismo, e o recalque originário é a marca que permite atualizar essa possibilidade, na medida em que configura a ligação da energia pulsional de origem somática a um representante psíquico. Esse mecanismo possibilita transformar a energia pulsional livre em energia ligada, o que corrobora na substituição do processo primário para o processo secundário.

No texto *O recalque* (1915/2004) Freud postula que sua essência consiste em repelir algo para fora da consciência e mantê-lo afastado desta. Para isso é necessário que se tenha estabelecido uma separação entre consciente e inconsciente. Antes desse nível de organização psíquica outros destinos pulsionais estavam incubidos de barrar as moções pulsionais. Em *Pulsões e destinos da pulsão* (1915/2004) Freud destaca o narcisismo primário como a fase inicial em que as pulsões sexuais se satisfazem de maneira autoerótica. Foi apenas com a não

satisfação da pulsão que essa via de satisfação precisou ser abandonada. Com isso o aparelho psíquico teve que sofrer uma alteração e representar as circunstâncias reais presentes no mundo externo. O que engendra a entrada da realidade é a angústia proveniente da perda do objeto, vivenciado como externo ao sujeito.

Os primeiros objetos sexuais constituem fontes de prazer e movimentam a pulsão nas fases do desenvolvimento da libido como protótipos do objeto perdido. É nesse sentido que a perda dos primeiros objetos, representados pelo seio, fezes e pênis constituem o núcleo do recalque e do inconsciente. Ao tratar do tema da angústia infantil *Nos três ensaios sobre a sexualidade* (1905/1996) Freud postula que é na dependência do bebê em relação ao adulto que se instaura a origem da vivência de desamparo e de angústia, sentida pelo bebê cada vez que a mãe se afasta. O desaparecimento dela é suficiente para instaurar no bebê uma intensa angústia e, com ela, os indícios do recalque originário. É a experiência da perda do objeto que engendra a possibilidade de a pulsão buscar uma representação psíquica por meio da fixação a traços deixados pelo objeto de prazer. Com isso a atividade autoerótica, que visava obter prazer de uma determinada parte do corpo, se fixa a uma ideia plena de desejo e instaura a fantasia originária, como defesa ante a angústia e ao recalque originário.

É esse momento de inscrição ou fixação de um representante da pulsão que Freud (1915/2004) vai denominar de *recalcamento originário*. Esta seria a primeira fase do recalque e precursora de todo o recalque; consiste em negar ao representante da pulsão o acesso à consciência, estabelecendo com isso uma fixação, uma ligação da pulsão ao representante-representação. Freud emprega ainda o termo inscrição para designar essa fixação da pulsão e sua manutenção num registro inacessível à consciência.

Segundo Garcia-Roza (2008) o recalque primário é anterior à constituição do inconsciente enquanto sistema psíquico, mas seus conteúdos já são estruturados como linguagem. Uma comunicação feita por Laplanche e Leclaire no Colóquio de Bonneval pretendia ser uma exposição do recalque originário sob aporte da leitura lacaniana. Jean Laplanche assinala a necessidade de se desdobrar o recalque originário em dois níveis distintos de simbolização: no primeiro nível de simbolização haveria apenas uma rede de oposições significantes sem que nenhum significado particular estivesse preso a ela; num segundo nível de simbolização haveria uma “ancoragem” dessas oposições significantes no universo simbólico.

Segundo Garcia-Roza (2008), nessa comunicação, Laplanche e Leclaire discordam quanto a qual desses níveis de simbolização corresponderia o recalque originário. Para

Laplanche, o segundo momento seria o característico do recalque originário e da constituição do inconsciente; para Leclaire o primeiro momento já caracterizaria o recalque originário, sendo que o surgimento do inconsciente resultaria da captura da energia pulsional nas malhas do significante, captura esta que ocorreria já a partir da primeira oposição significativa.

Independentemente da divergência interna, ambos os autores procuram responder à questão do recalque originário através da simbolização, da oposição significativa como entrada no simbólico. Garcia-Roza (2008) destaca que o essencial na contribuição de Lacan e dos seus discípulos é a ideia de que, anterior à formação do inconsciente enquanto sistema psíquico, uma rede de oposições significantes opera a captura das representações elementares, criando uma *inscrição* de uma primeira cadeia inconsciente. Simultaneamente, tem-se a captura da energia pulsional por essa trama de oposições significantes, de tal modo que se estabelece uma ligação da pulsão à representação e, portanto uma *fixação* da pulsão. A fixação decorre das primeiras ligações e correspondem a um primeiro esboço de organização do aparelho psíquico.

O recalque originário coincide assim com a afirmação primordial, inscrição simbólica que engendra a entrada na linguagem. Este foi um construto teórico “inventado” por Freud como necessário para pensar o recalque, mas podemos associá-lo como necessário para se pensar a possibilidade de o sujeito se tornar um falante. Segundo MD Magno “é evidente que se trata de um animal, mas tem aparência de gente e, pior, é filho da mãe” (1979, p. 107). Esse animal nasce com a possibilidade de se tornar um falante e todos a sua volta se dedicam a isso, sobretudo a mãe. Quando se faz todo investimento linguageiro, todo investimento simbólico nesse pedaço de carne, está-se recalcando o animal, o não falante:

Isto quer dizer que o falante não aceita reproduzir sexualmente senão um falante: “Está proibido não ser falante, senão eu sou a mãe do monstro, do bicho”. Isto é que é o recalque originário. Alguma coisa que se dá do lado do Outro, ou seja, nasceu filho de gente, está proibido de não falar. (MD Magno, 1979, p. 107)

E como todo recalque, o recalcado nunca é inteiramente abolido, ele permanece na impossibilidade de tudo falar. A proibição de não falar elimina uma parte do falante, ele não vai falar tudo, vai sempre faltar um pedaço. Essa seria uma forma de mitificar o recalque originário associado à função do *falasser*. Todo mundo espera que a ação do outro possa transformar o bicho em gente (MD Magno, 1979) e quando isso não acontece instaura-se

também a *Ver-gonha*, porque coloca em questão o imaginário de que o filho do falante tem que ser falante.

A possibilidade de dar à luz a um *não-falante* remete os falantes à suposição de algum crime. MD Magno (1979) lembra que isso remete a zoofilia, paternidade atribuída a um animal, o que não deixa de nos remeter ao regime totêmico. Esse pai animal não fala, o pai simbólico fala. Isto configura o assassinato do pai: mata-se o pai animal e fica o pai simbólico. Esse pai simbólico proveniente do recalque originário instaura no seu filhote, sob a forma da lei, o funcionamento da linguagem.

É isso que Lacan vai chamar de Nome-do-Pai, a entrada do pai no campo do Outro enquanto pai simbólico, e não real. A função paterna aqui é supor um significante que exerça a função de Lei no campo do Outro. Daí por diante o Nome-do-Pai inscreve no sujeito, ou seja, naquele submetido ao recalque originário, a proibição de não *fallasser*.

Pautado no recalque originário de Freud, enquanto pivô fundamental da psicanálise, vê-se descortinar também outras formas de negações originárias. Segundo MD Magno (1979) esse movimento permite pensar também numa foraclusão originária. Cabe lembrar que não se trata aqui do princípio que Lacan destacou como sendo o construto fundamental para pensar a psicose, que se baseia na foraclusão de um significante e será desenvolvido posteriormente.

Trata-se de um movimento comum a todas as estruturas psíquicas, mas que tem gerado certa confusão, principalmente porque Lacan, em *Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a Verneinung de Freud*, usa o termo *Verwerfung* para falar do que “se opõe a *Bejahung* primária e constitui como tal aquilo que é expulso” (1954/1998, p. 389). O que não foi deixado ser nessa *Bejahung*, que aqui equivalemos ao recalque originário, é expulso e nunca mais poderá ser reencontrado na história do sujeito. Aqui *Verwerfung* e *Ausstossung* se confundem, mas ambos corroboram a ideia apresentada no artigo *Die Verneinung* de uma foraclusão originária sob a forma de alguma coisa que é expulsa do falante, que não há como ser dita ou inscrita e que chamamos de real. Se há real, há foraclusão originária, há alguma coisa que não entra no simbólico, mas que o faz acontecer.

No mesmo movimento vemos se definir muito claramente o que Lacan chama de Outro enquanto lugar do simbólico puro, e o real, enquanto aquilo que será repellido do campo do Outro. No campo do Outro o falante passa a vigorar no regime da Lei. Se percorrermos as obras de Freud e Lacan encontraremos vários enunciados do que chamamos de Lei: a lei da interdição do incesto, a Mulher não existe, a Verdade não existe, não há metalinguagem, etc.

(MD Magno, 1979). Todas essas assertivas são tentativas de enunciar a Lei que a psicanálise busca transmitir com a falta de um significante no campo do Outro.

Diante dessa impossibilidade resta ao sujeito o desejo, sendo que Lei e desejo são duas faces da mesma moeda: “A Lei é que o sujeito falante tem como essencialidade o desejo” (MD Magno, 1979, p. 94). Nesse sentido, o Outro é lugar dos significantes, mas é também o lugar onde se institui o Outro da falta, visto que também lhe falta um significante que o definiria como totalidade.

3.1.1. Recalque secundário.

O *recalque secundário* ou *recalque propriamente dito* refere-se à operação pela qual o indivíduo procura repelir ou manter no inconsciente as representações derivadas do recalque originário ou cadeias de pensamento que acabam se ligando com as primeiras inscrições. Devido a essa ligação, sofrem o mesmo destino do recalcado originário, são excluídos da consciência (Freud, 1915/2004). Para que haja o recalque secundário é necessário não apenas o repúdio por parte da consciência, mas também a atração exercida pelo recalque originário, daí Freud referir-se a ele como um pós-calar. Freud adverte que o recalque não impede o representante pulsional de continuar existindo no inconsciente: "ele então prolifera, por assim dizer, na escuridão e encontra formas de expressão" (1915/2004, p. 179).

O recalque apenas perturba a relação desses representantes com o sistema consciente e nem sequer é correto afirmar que o recalque mantém afastado todos os derivados do recalcado original. Estes podem “burlar” o recalque e ter acesso à consciência quando se afastam suficientemente do representante recalcado, seja por deformações ou por ligações a outros representantes, mantendo assim certa distância das origens. A própria prática clínica fundada na associação livre visa à produção de derivados do recalcado que possam, pela distância ou deformação, passar livremente pela censura do consciente. Os sintomas neuróticos também são derivados do recalcado que, por meio das formações sintomáticas, encontram o acesso à consciência que antes lhes era negado.

Cabe destacar também que, no artigo *O recalque* (1915/2004), a pulsão é representada no psiquismo pelo representante-representação (*Vorstellungsrepräsentanz*), o que é confirmado no artigo seguinte da série *O inconsciente* (1915/2006). Nesses artigos Freud distingue, no representante pulsional (*Triebrepräsenz*) ou representante-representação (*Vorstellungsrepräsentanz*), a representação propriamente dita (a *Vorstellung*) e o fator quantitativo (*Affekt*). Quando atingida pelo recalque, a representação tem seu acesso à

consciência impedido, enquanto que o afeto tem destinos diferentes: ele pode ser suprimido, pode ser deslocado e pode ser transformado, mas não pode ser propriamente recalçado.

Segundo Garcia-Roza, “a direção na qual se envereda o pensamento freudiano é sempre a de colocar o afeto na rubrica do sinal [e não na do significante]” (2008, p. 201). Nesse sentido o afeto seria o lado não significante, aquilo que, embora esteja presente na trama dos representantes-representações, constitui seu aspecto quantitativo e não seu aspecto significativo, razão pela qual é considerado como sinal e não como significante. O afeto seria o modo quantitativo de expressão da pulsão, e se o recalque tem êxito em manter no inconsciente o representante pulsional, nem sempre ele é capaz de impedir o desprazer resultante da liberação da carga de afeto a ele ligado. Freud exemplifica isso com três quadros clínicos: a neurose de angústia, a histeria de conversão e a neurose obsessiva.

Para exemplificar o caso de neurose de angústia Freud (1915/2004) recorre ao Homem dos Lobos, analisando-o sob o aspecto de uma fobia de animal. Nesse caso o que cai sob o golpe do recalque é a atitude libidinal da criança com relação ao pai, pareado com o medo que tinha dele. Depois do recalque o pai não mais aparece como objeto da libido, o desejo sexual pelo pai é recalçado e aparece como objeto de medo a figura do lobo, enquanto substituto da figura do pai. Essa formação substituta produziu-se pela via de um deslocamento ao longo de uma cadeia cujas conexões obedecem a certas determinações. Quanto à parcela quantitativa, esta não desapareceu, mas se transformou em angústia. O resultado é um medo (angústia) de lobo no lugar de uma demanda de amor em relação ao pai. Freud finaliza a discussão salientando o quanto o recalçamento, nesse caso, foi fracassado, pois mesmo sendo eficaz no sentido de substituir a representação dolorosa, foi totalmente ineficaz quanto a evitar o desprazer resultante do desprendimento do afeto ligado à representação.

Já a histeria de conversão parece apontar um melhor efeito do recalque, pois este costuma levar a um total desaparecimento do afeto. Freud cita, a esse respeito, a frase de Charcot sobre “*la belle indifférence des hystériques*” (1915/2004, p. 184) em relação aos seus sintomas. Uma conversão bem-sucedida é uma garantia contra a angústia, já que provoca a supressão completa do afeto. O representante-representação é retirado da consciência e no lugar deste, como formação substitutiva, ou seja, como sintoma, encontra-se uma inervação ultraforte que pode assumir a forma de excitação ou de inibição de uma parte do corpo, que por condensação atraiu todo o investimento para si.

Na neurose obsessivo-compulsiva o efeito do recalque, de início é bem sucedido. O conteúdo da representação é recusado à consciência e o afeto acaba desaparecendo. No

entanto, esse recalçamento bem-sucedido não consegue se manter, o afeto retorna sob a forma “de medo social, em medo da própria consciência moral e na forma de uma repreensão impiedosa” (Freud, 1915/2004, p. 186). A representação recalçada exige novas substituições por deslocamentos e novos mecanismos de fuga como na fobia. Em geral, na neurose obsessiva esse processo de recalçamento prossegue numa luta constante sem muito êxito e, interminável.

A partir do exposto pode-se formular que uma das hipóteses fundamentais da teoria do recalque é que este não elimina as representações sobre as quais incide. As representações recalçadas, além de não serem eliminadas, lutam incansavelmente pelo acesso ao sistema pré-consciente/consciente, o que exige deste um dispêndio constante de energia para mantê-las recalçadas. Por outro lado, o recalçado não apenas luta pelo acesso à consciência, mas, mesmo no inconsciente, produz derivados e constantes efeitos ao sistema pré-consciente/consciente.

Como vimos, foi como um fato clínico que o recalçamento se impôs a Freud sob a forma de “retorno do recalçado”. A distinção é apenas para mostrar que, mediante o retorno de certos significantes, que não comparecem explicitamente, sabe-se que aquilo está recalçado. Do contrário, jamais se saberia de sua existência (MD Magno, 1979). Freud só pôde construir uma teoria do recalque por meio do retorno do recalçado.

Isso significa que existe uma cadeia significativa claramente manifesta e que, paralela a esta, existe uma outra cadeia, também denominada por Freud de outra cena, que, mesmo repelida, comparece nos sonhos, nos atos falhos, nos chistes e nos sintomas. Torná-lo consciente quer dizer, mediante as insurgências desse recalçado, possibilitá-lo manifestar-se de forma mais plena, pela palavra. É dar a palavra ao sintoma e tirá-lo dos subterfúgios comuns aos criminosos. Esse retorno só é possível por caminhos desviados, por meio de substituições, deslocamentos e condensações, que possibilitam uma distância do recalçado original, único meio pelo qual é possível escapar aos mecanismos defensivos.

No terceiro dos ensaios que compõem *Moisés e o monoteísmo* (1939/1996) Freud explicita as condições segundo as quais se dá o retorno do recalçado: 1) se há um enfraquecimento do contrainvestimento em decorrência de algum processo patológico que afeta o Eu, ou por uma mudança na distribuição do investimento no interior do Eu como ocorre no sonho; 2) quando a articulação da pulsão com o recalçado recebe um reforço especial (como ocorre na puberdade, por exemplo); 3) quando, em experiências recentes, certas impressões ou vivências semelhantes ao recalçado têm o poder de despertá-lo.

Seja qual for, porém, a condição que possibilita o retorno do recalcado, este nunca se dá em sua forma original e sem conflito. O material recalcado é invariavelmente submetido à deformação por exigência da censura, mesmo quando as defesas do Eu são diminuídas, como no caso do sono ou pelo símbolo da negação na frase, como demonstra Freud (1925/2007). No texto *A Negativa* fica claro que não se pode pensar em denegação sem pensar em recalque. A negação é a forma que o sujeito encontra para fazer comparecer o recalcado. Há uma cadeia significativa proibida de comparecer e, por um ato de pensamento, o falante suspende o recalque dizendo: “Não se trata disso”. A *Verneinung* é, portanto, precedida estruturalmente por um recalque e está no regime da relação entre as cadeias no inconsciente.

3.2. Recusa (*Verleugnung*)

O termo *Verleugnung* é comumente traduzido por recusa, rejeição, renegação, desmentido e, segundo Laplanche e Pontalis (1986), é evocado para explicar o fetichismo e a psicose. Essencialmente pode ser definido como um modo de defesa em que há uma recusa em reconhecer a realidade de uma percepção negativa, que é essencialmente a ausência de pênis na mulher. No entanto, essa definição foi construída no decorrer da obra de Freud, pois inicialmente, há certa indistinção entre *Verleugnung* e *Verneinung*, é o que explica uma nota do editor no texto *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*, onde o termo aparece pela primeira vez:

Verleugnen, ‘negar’; Alt.: recusar a realidade, denegar, desmentir, renegar; Cont.: mantém ambiguidade de desmentir (não se sabe se o desmentido restabelece a verdade), de renegar (em geral se renega algo que já foi aceito). Obs.: o termo é empregado por Freud ora como mecanismo de defesa acessório da neurose, ora como mecanismo da perversão, ora como defesa da psicose. (Freud, 1911/2004, p. 72)

Apesar das diferentes conotações adotadas, Freud emprega o termo para pensar a relação do “ser humano em geral – com a realidade” (1911/2004, p. 65). Inicialmente não há uma distinção entre neurose e psicose, ambos se afastam da realidade: o neurótico afasta-se da realidade que o faz sofrer por achá-la insuportável, e o psicótico afasta-se da realidade que provoca a loucura: “Encontramos o tipo mais extremo desse afastamento da realidade em certos casos de psicose alucinatória, nos quais o evento que provocou a loucura deve ser negado [*verleugnet*] pela pessoa” (p.65). Essa constatação leva Freud a procurar o significado psicológico do que ele chama de “mundo real externo”.

Levar em consideração a relação como o mundo externo requer uma abertura de um aparelho que tende a obter satisfação da pulsão de forma direta e alucinatória, a um mundo exterior, o que só é possível pela frustração inerente à não satisfação pulsional. É a partir da frustração que o aparelho psíquico é obrigado a modificar-se e levar em conta as circunstâncias reais presentes no mundo externo.

Essa perspectiva de rejeição de uma realidade desprazerosa ou traumatizante ganha pleno sentido no artigo *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade* (1923/1996), quando é articulada com a realidade da castração. No decurso de suas pesquisas, as crianças descobrem que o pênis não é uma possessão comum a todos os seres que a ela se assemelham, o que Freud chamou de teoria da universalidade do pênis. Diante das primeiras impressões dessa ausência elas

rejeitam o fato e acreditam que elas realmente, ainda assim, veem um pênis. Encobrem a contradição entre a observação e a preconcepção dizendo-se que o pênis ainda é pequeno e ficará maior dentro em pouco, e depois chegam à conclusão [...] de que, afinal de contas, o pênis pelo menos estivera lá, antes, e fora retirado depois. A falta de um pênis é vista como resultado da castração e, agora, a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração com relação a si própria. (Freud, 1923/1996, p. 159)

O processo descrito envolve a percepção de um dado e este, por ameaçar o próprio ser passa a ser rejeitado. Assemelha-se ao processo de negação, tendo em vista que pressupõe uma afirmação pela via da percepção e, depois, a rejeição do percebido. Aqui a tradução por renegação parece ser mais apropriada, pois diz respeito ao não-reconhecimento da diferença sexual, ou seja, da ausência de pênis na mulher.

Essa recusa é descrita como um fenômeno que ocorre tanto no menino quanto na menina, explica Freud em *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925/1996). O destaque nesse texto é que Freud faz uma relação da rejeição com o mecanismo psicótico: “eu gostaria de chamar de ‘rejeição’, o processo que, na vida mental das crianças, não aparece incomum, nem perigoso, mas em um adulto significaria o começo de uma psicose.” (Freud, 1925/1996, p. 282).

A psicose aqui começa a ser delineada por uma rejeição da realidade, o que é melhor explicitado no texto *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924/2007), onde Freud define a psicose como uma perturbação do Eu com o mundo externo. O mundo externo atua sobre o Eu por duas vias: “através das percepções atualizadas e sempre renováveis ou através do repertório de lembranças de percepções passadas” (Freud, 1924/2007, p. 96). Disso

conclui-se que ocorre não apenas a rejeição de novas percepções, mas também do mundo interno, ou da realidade psíquica, “o que leva o Eu a criar onipotentemente um novo mundo externo e interno” (1924/2007, p. 97).

Enquanto o neurótico recalca as exigências do id, o psicótico recusa a realidade e reconstrói uma realidade alucinatória. As noções de renegação ou rejeição são inicialmente usadas por Freud de forma indiscriminada para descrever um modo de defesa frente à realidade ameaçadora. Essa ameaça é sentida sobre uma percepção de ordem sexual, visto que se relaciona à diferença sexual e à castração.

Em 1927 Freud retoma o conceito de renegação, mas agora no quadro do fetichismo. No texto *O Fetichismo* (1927/2007) ele mostra como o fetichista faz uso do mecanismo infantil de recusa e reconhecimento da castração feminina. O objeto fetiche atua como um substituto do pênis da mulher, cuja falta foi percebida, mas renegada. Nos textos *Clivagem do eu no processo de defesa* e *Esboço de Psicanálise*, ambos de 1938, a noção de clivagem ajuda a esclarecer a de renegação. As duas atitudes do fetichista – recusar a ausência de pênis na mulher e reconhecer esta falta ao tirar consequências dela – passam a existir como o núcleo da clivagem do Eu. Na renegação, as duas atitudes opostas coexistem, uma delas se ajusta à prova de realidade, e a oposta permanece sob a ordem da realidade psíquica regida pelo princípio de prazer. O que as mantém afastadas entre si e elimina seu caráter contraditório é uma ruptura da associação entre elas (Kaufman, 1996).

Essa divisão é diferente do que ocorre no recalçamento neurótico, pois trata da coexistência de dois tipos diferentes de defesa do Eu, e não de um conflito entre o Eu e o Id. E uma dessas defesas incide sobre a realidade exterior como recusa de uma percepção. Essa recusa pode ser entendida como um *não* e, nesse sentido, só pode ser efetivada pelo símbolo da negação oriunda de uma condenação de juízo.

As elaborações de Freud acerca da renegação/recusa demonstram sua tentativa de responder à questão formulada no final do artigo *Neurose e Psicose*: “qual seria o mecanismo análogo ao recalque, pelo qual o Eu logra se desprender do mundo externo?” (1924/2007, p. 98). A investigação dessa questão passa pela noção de recusa e é melhor explicitada em algumas passagens de *O Homem dos Lobos*, por exemplo:

[...] seriam encontradas nele, lado a lado, duas correntes contrárias, das quais uma abominava a ideia de castração, ao passo que a outra estava preparada para aceitá-la e consolar-se com a feminilidade como uma compensação. Para além de qualquer dúvida, porém, uma terceira corrente, a mais antiga e profunda, que

nem sequer levantara ainda a questão da realidade da castração, era ainda capaz de entrar em atividade. (Freud, 1914/1996, p. 93)

Nesse trecho Freud indica o mecanismo da renegação sob a forma das duas correntes contraditórias, no entanto chama à atenção uma terceira corrente, mais fundamental que as anteriores. Nesse caso, a renegação estaria apenas encobrindo um mecanismo de recusa mais originário, que pode ser reativado. Com isso, podemos deduzir que seria uma negação do não (não renegação/recusa), visto que na renegação o não está presente, uma característica desse mecanismo de recusa mais fundamental.

3.3 Rejeição (*Verwerfung*)

O termo *Verwerfung* é comumente traduzido por rejeição, repúdio, foraclusão e forclusão. É um conceito forjado por Lacan para designar o mecanismo específico da psicose, “através do qual se produz a rejeição de um significante fundamental para fora do universo simbólico do sujeito” (Roudinesco, 1998, p. 245). Dessa rejeição resulta a foraclusão do significante e não sua integração pelo inconsciente, como ocorre no recalque. O que não é integrado ao inconsciente retorna no real sob a forma de alucinação.

Jacques Lacan, durante suas elaborações acerca da psicanálise sempre se dedicou à obra de Freud, procurando ler a letra freudiana. Nessa leitura ao pé da letra ele invoca a utilização que Freud fez do termo *Verwerfung* durante suas investigações sobre as defesas do Eu frente à realidade insuportável. É possível identificar algumas elaborações sobre a rejeição desde 1894 no artigo intitulado *As neuropsicoses de defesa*:

Há, entretanto, uma espécie de defesa muito mais poderosa e bem sucedida. Nela, o eu rejeita a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido. Mas a partir do momento em que isso é conseguido, o sujeito fica numa psicose que só pode ser qualificada como “confusão alucinatória”. (Freud, 1894/1996, p. 64)

Nesse trabalho Freud aponta que a representação insuportável é rejeitada pelo Eu juntamente com seu afeto. A rejeição da representação por parte do Eu configura também a rejeição de uma parte da realidade, tendo em vista que a representação está sempre associada a uma parte da realidade. Se a representação é insuportável é porque a realidade a que está ligada é inadmissível ao sujeito. Esse é um ponto importante e cujos desdobramentos embasarão as formulações freudianas acerca da psicose.

A tentativa de definir o mecanismo de defesa específico da psicose como uma rejeição também pode ser identificada na teorização freudiana acerca da projeção, um conceito também muito cedo discutido em relação à psicose. No rascunho H intitulado *Paranoia* e remetido a Fliess em 1895, Freud apresenta uma das primeiras discussões sobre o tema. Nele a paranoia é tratada como um modo patológico de defesa, semelhante à neurose obsessiva e a histeria, no entanto com uma peculiaridade: “a localização da coisa” (1895/1996, p.255).

Na histeria e na neurose obsessiva, trata-se de uma autocensura interna, uma representação considerada incompatível com o Eu sofre recriminação por parte deste resultando disso um conflito psíquico e o modo de defesa patológico. Na paranoia a recriminação é de fora, o julgamento do Eu é transposto para fora, para as pessoas conhecidas. Há uma vantagem nisso, visto que da recriminação de dentro não é possível fugir, já a do exterior é possível rejeitar. Disso Freud conclui que “o propósito da paranoia é rejeitar uma ideia incompatível com o ego, projetando seu conteúdo no mundo externo” (1895/1996, p. 256), este seria sua localização.

O elemento determinante da paranoia seria a projeção que envolve a recusa da ideia de autocensura, esta viria de fora. A paranoia resultaria então de um abuso de um mecanismo comumente utilizado na vida normal e estaria associada ao mecanismo do recalque: “apenas o afeto é recalcado por projeção, ou quando, juntamente com o afeto, também o conteúdo da experiência é recalcado [...], o conteúdo da experiência retorna sob a forma de um pensamento que ocorre ao paciente como alucinação visual ou sensorial” (Freud, 1895/1996, p. 274).

Nesses primeiros textos Freud concebe que existe recalque na paranoia, mas este está no mundo exterior, e o sintoma primário é a desconfiança em relação ao outro. O delírio resultaria de um fracasso dessa defesa e é concebido como um retorno do recalcado, só que este retornaria do exterior. Laplanche e Pontalis (1986) comentam essa forma inicial de Freud abordar a projeção como um processo de expulsão quase real, em que o Eu lança para fora de si o que não quer e reencontra-o no mundo externo. Estaria relacionada ao ser do sujeito, já que não corresponde a não querer conhecer algo interno, forma comumente usada em que se projeta em outrem o que o indivíduo desconhece em si mesmo, e sim em não querer ser.

Rejeitar, colocar para fora o que se recusa ser nos remete à bipartição originária do Eu e do mundo exterior presente no juízo de atribuição. A projeção aparece como uma atribuição ao outro de qualidades que o indivíduo recusa em si e encontra seu princípio na dinâmica pulsional. Desde o início da obra de Freud podemos dizer que o organismo é submetido a

duas espécies de excitações: as externas, das quais pode fugir; e as internas, contra as quais o organismo não pode se defender. A projeção pode ser definida como o primeiro mecanismo de defesa contra as excitações internas sentidas como desprazerosas. O indivíduo projeta-as para o exterior e trata-as como se não agissem do mundo interior, mas de fora. O primeiro critério do interior e do exterior calca-se no mecanismo da projeção e do princípio do prazer: o que produz prazer é atribuído ao Eu, e o desprazer projetado para fora, ao não-Eu.

No caso Schreber (Freud, 1911/1996) a projeção é tratada de forma diferente, como um mecanismo mais geral associado à formação do sintoma. Num primeiro momento o conteúdo insuportável (amor homossexual) seria recalcado no interior e transformado em seu contrário e, num segundo momento, seria projetado no mundo exterior. Aqui Freud reinterpreta a projeção como um momento secundário do recalçamento e conclui que a projeção não é o mecanismo propulsor da psicose: “Foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é projetada para o exterior; a verdade é, pelo contrário, como agora percebemos, que aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora” (Freud, 1911/1996, p. 78).

É assim que, no decorrer da teorização freudiana, podemos identificar a construção do mecanismo específico da psicose caracterizado pela rejeição de conteúdos aflitivos e pelo retorno de fora do que é rejeitado. Mas é o artigo *O Homem dos Lobos* que Lacan usa como referência para promover a noção de foraclusão a partir da rejeição (*Verwerfung*) discutida por Freud:

Já nos é conhecida a atitude inicial do paciente para com o problema da castração. Ele a rejeitou e se ateu ao ponto de vista da união pelo ânus. Ao dizer que a rejeitou, o significado imediato da expressão é que não quis saber dela, no sentido de que a reprimiu. Com isso não se pronunciava um juízo sobre a sua existência, mas era como se não existisse. (1918[1914]/1996, p. 76)

Freud faz uma análise da atitude do *Homem dos Lobos* frente à ameaça de castração. Nesse trecho destaca-se que o paciente não cria nenhum critério ou julgamento acerca da existência de tal sofrimento. Essa indiferença frente à realidade coloca em questão o que é alvo da rejeição. Laplanche e Pontalis (1986) chamam atenção ao fato de que inicialmente não há uma distinção clara na obra de Freud sobre os termos rejeição (*Verwerfung*) e recusa (*Verleugnet*) e sua relação com a castração.

“Será a própria castração?”, perguntam os autores, ou “tratar-se-á da falta de pênis na mulher?” (1986, p. 575). Vejamos que se trata de dois processos: o primeiro diz respeito a

uma interpretação dos fatos, uma teoria; o segundo diz respeito a uma percepção que seria recusada, o que implica, conseqüentemente, sua presença, tendo em vista que a recusa de uma percepção, ou seja, sua ausência só é possível na medida em que é relacionada com uma possível presença.

É com Lacan que as dificuldades oriundas do uso dos termos *Verwerfung* e *Verleugnun* começam a se dissolver, e esse processo de delineamento conceitual se apoia no texto *A Negativa (Die Verneinung)* de Freud. Como já anunciado, Freud retoma a constituição do pensamento a partir de duas operações primordiais e complementares: a introdução no Eu e a expulsão para fora do Eu. Com a ajuda da interpretação de Jean Hypploite acerca da *Die Verneinung* Lacan retomará o conceito de *Verwerfung* e o situará num dos tempos da *Verneinung*: “trata-se exatamente do que se opõe à *Bejahung* primária e constitui como tal aquilo que é expulso” (1954/1998, p. 389). A primeira dessas operações, chamada *Bejahung* (afirmação), é o que Lacan chama de simbolização primordial, e a segunda, a expulsão para fora do Eu (*Ausstossung aus dem Ich*): “o que constitui o real, na medida em que ele é o domínio do que subsiste fora da simbolização” (1954/1998, p. 390). É no real que o que não foi introduzido no Eu dentro dos limites da simbolização vai aparecer, de forma errática.

Nesse primeiro momento de teorização acerca da psicose Lacan utiliza apenas o termo rejeição e este parece confundir-se com a expulsão primária (*Ausstossung*). Colocar a *Verwerfung* como uma oposição a *Bejahung* é tratá-la como uma não-*Bejahung*. Segundo Rabinovitch (2001) a definição da *Bejahung* como afirmação primordial faz dela a condição para que qualquer coisa exista para o sujeito. A *Verwerfung* em oposição a *Bejahung* configuraria, assim, o que foi rejeitado do simbólico, ausência de qualquer marca simbólica.

A *Verwerfung*, portanto, corta pela raiz qualquer manifestação da ordem simbólica, isto é, da *Bejahung* que Freud enuncia como o processo primário em que o juízo atributivo se enraíza, e que não é outra coisa senão a condição primordial para que, do real, alguma coisa venha se oferecer à revelação do ser, ou, seja deixado-ser. (Lacan, 1954/1998, p. 389)

O que não foi deixado-ser nessa *Bejahung* primordial não fará parte da história do sujeito, lugar onde o recalcado reaparece. Pois, para que ele tivesse acesso a esse conteúdo no sentido do recalque, seria preciso que, de algum modo, isso tivesse passado pela simbolização primordial. Lacan em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível de psicose* (1958/1998) aponta que o termo *Verwerfung* usado por Freud designa uma função do inconsciente distinta do recalcado: “Ele se articula nesse registro como ausência da *Bejahung*,

ou juízo de atribuição, que Freud postula como precedente necessário a qualquer aplicação possível da *Verneinung* [...]” (p. 564). Nesse sentido, a *verneinung* configura o retorno do recalçado, que não é outra coisa senão a negação da negação, ou seja, a negação do recalçado originário do juízo de atribuição.

Assim, *Ausstossung* e *Vewerfung* se confundem, o que implica também na questão de saber se o real separado do simbólico pelo processo *Bejahung-Ausstossung* é idêntico ao real produzido pela *Verwerfung*. Para tentar esclarecer tais questões, ao menos parcialmente, é necessário prosseguir com o que diz Lacan nO *Seminário livro 3: as psicoses*: “Há necessidade estrutural de pôr uma etapa primitiva em que aparecem no mundo os significantes como tais” (1956/1988, p. 177).

Essa aparição primitiva do significante indica a incidência da ordem simbólica antes mesmo de a criança aprender a articular a linguagem. A *Bejahung* é então um acontecimento que ocorre a um significante já existente no texto simbólico, que já está presente desde o início. O que o sujeito toma em si no texto simbólico sofrerá vários remanejamentos ou reescrituras, o que ele não toma para si, o que repele, sofrerá outro destino.

Comentando a passagem de *O Homem dos Lobos* em que Freud utiliza o termo *Verwerfung* para dizer que esse sujeito nada queria saber da castração no sentido do recalque, Lacan (1954/1998) usa como correspondente francês de *Verwerfung* a palavra *retranchement*, traduzida por supressão, eliminação, retirada, subtração. Esses termos carregam o sentido de introdução e rejeição, suprimir algo quer dizer buscar apagar algo que já foi de alguma forma inscrito, que fez marca. Essa observação nos ajuda a discernir a *Verwerfung* como distinta da *Ausstossung*, ou até vindo posterior a esta. Assim, a *Verwerfung*, mesmo empregada por Lacan nos textos iniciais em oposição a *Bejahung*, seria mais bem definida enquanto um mecanismo de negação agindo sobre algum simbólico preexistente. Como explica Rabinovitch:

Se há preexistência do simbólico, isso implica que o sujeito extraia a parte do texto que conservará; a *Bejahung* se refere, pois, a um significante ‘isolado enquanto termo de uma percepção original sob o nome de signo, *Zeichen*’, mas não basta que o sujeito tenha escolhido no texto do que há a dizer apenas uma parte, repelindo o resto, para que com essa parte a coisa se encaixe; essa parte vai em seguida sofrer um certo número de negações. (2001, p. 30)

A *Verwerfung* seria a primeira dessas negações e excluiria um significante já presente no interior do Eu. Essa elaboração começa a se clarificar no *Seminário livro 3: as psicoses*

(1956/1988), quando Lacan inicia suas elaborações acerca da alucinação. O fato de que a alucinação seja o retorno de um significante no real favorece a hipótese de uma *Verwerfung* agindo sobre um simbólico preexistente. Se aquilo que retorna sob a forma de alucinação constitui o que não existe para o sujeito, desorganizando o mundo e tornando impossível qualquer sentimento de realidade diante da estranheza do fenômeno, é porque esse retorno se dá numa alteração do juízo de existência, posterior ao juízo de atribuição. A alucinação confirma, assim, que a *Verwerfung* é posterior a *Bejahung*, já que o retorno do que foi rejeitado altera o juízo de existência condicionado pela *Bejahung*.

É claro que essa tentativa de clarificação dos termos usados por Lacan não resolve a questão, visto que o efeito da *Verwerfung* é a abolição simbólica. Como diz Freud sobre a castração no caso do *Homem dos Lobos*, “era como se ela nunca tivesse existido” (1918[1914]/1996, p. 75). Nesse sentido, não há dentro de sua organização psíquica um registro capaz de criar atribuição da existência da castração. A *Verwerfung* se configura, assim, como uma defesa possivelmente mais primitiva na origem do aparelho psíquico.

Entretanto, após um extenso estudo da paranoia e mais especificamente do caso Schreber, a *Verwerfung* continuará secundária à operação *Bejahung-Ausstossung* e se efetivará pela exclusão de um significante já instituído:

De que se trata quando falo de *Verwerfung*? Trata-se da rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então nesse nível. Eis o mecanismo fundamental que suponho na base da paranoia. Trata-se de um processo primordial, que não é o dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo de significante. É no interior desse corpo primordial que Freud supõe se constituir o mundo da realidade, como já pontuado, já estruturado em termos de significantes. (Lacan, 1956/1988, p. 178)

Ainda no *Seminário livro 3*, após tais desdobramentos, Lacan propõe traduzir *Verwerfung* por foraclusão: “Não torno a voltar à noção de *Verwerfung* de que parti, e para a qual, tudo bem refletido, proponho que vocês adotem definitivamente esta tradução que creio ser a melhor – a *foraclusão*” (1956/1988, p. 369-370). Com essa mudança Lacan estabelece o que há de tangível na psicose e cunha o mecanismo da foraclusão como seu principal operador. Entendido como a rejeição de um significante fundamental para fora do universo simbólico, a foraclusão explicita a dependência do falante à ordem simbólica, no sentido de a estruturação subjetiva estar submetida à ordem significante.

3.3.1 Foraclusão

Etimologicamente, foraclusão significa “a abolição simbólica de um direito que não foi exercido no prazo prescrito”, afirma Joel Dor (2011, p. 97). De origem jurídica, expressa precisamente um procedimento de justiça “pelo qual ordena-se a uma parte dizer, contradizer” (Dor, 2011, p. 97) ou outros atos semelhantes, ou seja, submeter-se às leis da palavra, num prazo previamente estabelecido. Após esse prazo, nada mais poderá ser dito, “o processo será então julgado por foraclusão” (Rabinovitch, 2001, p. 18).

Essa definição coloca o termo foraclusão em estreita relação com o tempo e com a linguagem, já que se trata de dizer ou contradizer algo dentro de determinado tempo. Assim, uma junção se opera entre a lei, o tempo e a linguagem. Adotado por Lacan como um conceito operatório da psicose, a foraclusão designa a falta de um significante que existe inicialmente para um sujeito, mas que se torna obsoleto, prescrito. A temporalidade trazida pelo uso jurídico da foraclusão também pode ser encontrada na junção da foraclusão em sentido jurídico com a negação gramatical.

A relação da foraclusão com a linguagem já havia sido trabalhada por Pichon em 1928, juntamente com seu tio Damourette no artigo *Sobre a significação psicológica da negação em francês*. A partir do estudo da língua francesa os autores concluem que ela possui uma negação em dois pedaços: *ne-pas*, *ne-jamais*, *ne-rien*. Segundo Rabinovitch, “é à segunda parte da negação, aquela que segue o “ne” discordancial (...) que Damourette e Pichon dão o nome de foraclusivo” (2001, p. 19).

A partícula *ne*, como já discutido, é designada como discordancial e empregado em verbos que designam temor, precaução e impedimento. Já o segundo, constituído por *pas*, *jamais*, *rien*, “aplicava-se a fatos que o locutor já não encarava como fazendo parte da realidade” (Roudinesco, 1998, p.245). Chama a atenção dos autores um truque da língua muito interessante do ponto de vista psicológico: “é do passado que um fato que realmente existiu é efetivamente excluído” (Kaufman, 1996, p. 214).

Em português podemos pensar no *não* como discordancial e na palavra *nunca*, como foraclusivo (nunca ter existido, nunca ter vivido). A força de uma negação que afeta o momento posterior destrói o que o antecedia e do qual dependia. Nomear uma coisa a faz existir, mesmo que seja negando-a, o que ocorre no *não* discordancial, discordar significa antes de tudo confirmar a presença de algo.

No entanto, o modo de negação foraclusivo, que reforça a primeira negação da frase, destrói a coisa no momento em que a faz existir e o faz eliminando suas possibilidades no

futuro ao mesmo tempo em que expressa um desejo que o abole do passado “desejo que... nunca tivesse existido”. Causa uma fratura no passado e uma expulsão do campo das possibilidades futuras. A expulsão do futuro produz profundos efeitos no passado tendo em vista que as elaborações são feitas *a posteriori*, só depois é possível fazer uma retranscrição dos traços, e, conseqüentemente, uma releitura dos mesmos.

Excluindo do futuro o foraclusivo exclui do próprio passado as possibilidades que dele poderiam advir, “trata-se, para o sujeito, da abordagem de um significante como tal, e da impossibilidade dessa abordagem”, diz Lacan (1956/1988, p. 369). A intersecção do possível e do impossível coloca a foraclusão entre real, ou seja, o impossível, e o simbólico, visto que se trata da abordagem de um significante. É impressionante como a própria gramática põe em evidências as leis da linguagem e as possibilidades de entrar nela ou ficar do lado de fora. E isso fora feito antes mesmo do termo ser isolado por Lacan como um mecanismo específico da psicose, esta sendo definida como um distúrbio na ordem da linguagem.

Segundo Pichon (Kaufman, 1996), para aqueles que sabem decifrar suas imagens, a linguagem é um belo espelho do inconsciente. Disso decorrem os pontos de encontro entre alguns mecanismos presentes na língua e os mecanismos encontrados na clínica referentes à estruturação do sujeito. Foi justamente a partir da escuta clínica e das elaborações realizadas por Freud que Lacan pôde clarificar o que permanecia obscuro acerca da psicose e especificar o mecanismo conseqüente para discriminar esta da neurose. Além disso, pôde significar de forma original de que se trata a abolição simbólica na psicose. Essa abolição incide sobre um significante particular, denominado Nome - do - pai.

Ainda no *Seminário livro 3: as psicoses* Lacan (1956/1988) chama a atenção para a prevalência dada por Freud à função do pai em toda a sua obra. Apesar de no caso Schreber o complexo paterno ser um elemento dominante, Freud não caracteriza a paranoia a partir desse elemento, tendo em vista que é em torno dele que a neurose também se desenvolve. Talvez tenha sido por isso que Freud não o tenha evidenciado. No entanto, um ano seguinte ao artigo sobre o caso Schreber, Freud publica um *Pós-escrito* (1912-1911/1996) com o intuito de apreciar mais adequadamente a riqueza delirante de Schreber e sua relação com a mitologia.

Dessa apreciação resulta a explicação da relação do paciente com o Sol como um simbolismo paterno. Após seu restabelecimento, Schreber gabava-se de poder olhar para o Sol sem qualquer dificuldade, coisa que lhe era impossível anteriormente. Este privilégio a mitologia atribui somente à águia, que, enquanto moradora das mais altas regiões mantinha uma relação íntima com os céus e com o sol. A mesma mitologia também conta que a águia

submete seus filhos a um ‘teste de paternidade’ antes de reconhecê-los como sua descendência: precisam olhar para o sol sem piscar, caso contrário, serão expulsos do ninho.

Freud conclui (1912-1911/1996) que o mito narra algo que constitui costume entre os homens e que é transmitido nas mais diversas raças: o teste de linhagem. Quando Schreber se orgulha de poder olhar para o Sol ileso e sem dificuldades está apenas remontando o antigo mito e sua filiação com o Sol, na opinião de Freud, símbolo do pai. Em toda a evolução da psicose de Schreber encontramos a prevalência das personagens paternas que se substituem umas as outras e vão crescendo até se identificarem com o próprio Pai Divino.

Lacan (1956/1988) decide ler na análise de Freud os termos que ele jamais abandonou e que ele mesmo exigiu para toda compreensão analítica possível. Mesmo lá, onde para Freud só aparecia de forma alusiva, pois talvez seja essa a forma que a função do pai e o complexo de castração tendem a se manifestar na psicose, Lacan os insere e restabelece seu valor e posição perante a constituição subjetiva. Essa é a conclusão a que chega Lacan n*O Seminário As psicoses*, o que o conduz ao estudo *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, onde formula de maneira incisiva que a abolição do significante Nome-do-pai constitui “a falha que dá à psicose sua condição essencial que a separa das neuroses” (1957/1998, p. 582).

Segundo Joel Dor (2011) é nesse ponto que reside, comparado a Freud, a contribuição de Lacan em destacar o caráter crucial da ordem simbólica e de sua função na origem das psicoses. Dizer que o significante Nome-do-pai é foracluído na psicose é inferir que a psicose resulta de um comprometimento no acesso ao simbólico. A foraclusão do Nome-do-pai ocasiona o fracasso do recalque originário e neutraliza a emergência da metáfora paterna, que consiste na substituição do significante originário do desejo da mãe. Nesse sentido, a foraclusão se produz quando nenhum significante comparece a essa convocação. Na falta de um significante substituto adequado ocorre uma organização simbólica, mas com uma lógica diferente, e com ela o modo de funcionamento da estrutura psicótica.

PARTE 4: ESTRUTURA E PSICANÁLISE

A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano: por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falho a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu. (Lispector, 1998, p. 176)

Lacan releu Freud a partir da linguística estrutural de Ferdinand de Saussure, ferramenta que ainda não estava à disposição de Freud, com o intuito de reconduzir a psicanálise às suas premissas básicas: a fala e a linguagem. Esse retorno foi subsidiado pelos linguistas contemporâneos de Lacan, os que na época se debruçavam para tentar desvendar a estrutura da linguagem, dentre eles destacam-se: Roman Jakobson, Louis Hjelmslev e Émile Benveniste.

Cabe destacar que, embora tenha feito uso de alguns conceitos da linguística, como: significante, significado, cadeias significantes, metáfora e metonímia, esses foram reelaborados pelo próprio Lacan, justamente por sua fidelidade aos pressupostos básicos da psicanálise. O afastamento de Lacan do estruturalismo reside justamente na subversão conceitual necessária para manter o lugar do sujeito, tão caro à Psicanálise, e o lugar, não menos importante, do real.

À questão do sujeito Lacan responde com os aforismos “inconsciente estruturado como uma linguagem” (1964/2008, p. 27) e “um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante” (1963/2005, p. 168). Com isso Lacan demonstra que o inconsciente segue as leis da linguagem e a condição do falante é de submissão à ordem significante. Como efeito da linguagem, visto estar entre as cadeias significantes, Lacan situa o sujeito. Se o Outro é o lugar da cadeia significante, é ele que comanda tudo o que vai poder presentificar-se do lado do sujeito.

A própria estrutura da linguagem revela que nem tudo pode ser dito. Ao real cabe aquilo que resiste à simbolização, o impossível que “não para de não se escrever” (Lacan, 1973/1985, p. 81). Trata-se de um registro que se presentifica pelo negativo, pelos furos na

estrutura da linguagem. Enquanto impossível, o real não faz parte da estrutura postulada pelos linguistas, pois para eles a estrutura se associa à ideia de totalidade (Longo, 2006). Para a psicanálise, o real se inscreve na estrutura sob a forma de furo no imaginário e falta no simbólico. O *objeto a* é a solução encontrada por Lacan (1962/2005) para escrever esse resto da operação de cisão do sujeito no momento de sua entrada na linguagem. Assim como o real, o *objeto a*, existe só pela via do negativo, pela presentificação de sua inexistência no aparelho psíquico.

Se, por um lado, Lacan adere ao movimento estruturalista, pois daí formula sua noção de estrutura, por outro, se dissocia desse movimento ao incluir a impossibilidade de totalidade e os efeitos que disso deriva. Pensar as estruturas clínicas neurose e psicose em Lacan significa seguir seu movimento e ressituar o *objeto a* em sua dimensão estrutural.

4.1 A estrutura de linguagem do inconsciente

Em *Função e campo da fala e da linguagem* Lacan nos alerta que “a técnica não pode ser compreendida nem corretamente aplicada, [...] quando se desconhecem os conceitos que a fundamentam”. É na busca desses fundamentos que ele propõe uma leitura de Freud a partir da linguística. De acordo com o autor “esses conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala” (1953/1998, p. 246).

Desde os primórdios da psicanálise a função da fala é o berço do método psicanalítico, que se estabelece pela fala endereçada ao outro, através da qual o sujeito conta sua história e, ao contá-la, produz novas significações: “Mostraremos que não há fala sem resposta, mesmo que depare apenas com o silêncio, desde que ela tenha um ouvinte, e que é esse o cerne de sua função na análise” (1953/1998, p. 249). Quanto à linguagem, Lacan recoloca a problemática do inconsciente à luz dos preceitos da linguística estrutural e, com essas ferramentas, faz seu retorno a Freud e direciona o olhar sobre os textos canônicos acerca do inconsciente.

Então, que retomemos a obra de Freud na *Traumdeutung*, para ali nos lembrarmos que o sonho tem a estrutura de uma frase, ou melhor, atendo-nos à sua letra, de um rébus, isto é, de uma escrita da qual o sonho da criança representaria a ideografia primordial, e que reproduz no adulto o emprego fonético e simbólico, simultaneamente, dos elementos significantes [...]. É na versão do texto que o importante começa, o importante que Freud nos diz ser dado na elaboração do sonho, isto é, em sua retórica. Elipse e pleonasma, hipérbato ou silepse, regressão, repetição, oposição, são esses os deslocamentos sintáticos, e metáfora, catacrese, antonomásia, alegoria, metonímia e sinédoque,

as condensações semânticas em que Freud nos ensina a ler as intenções ostentatórias ou demonstrativas, dissimuladoras ou persuasivas, retaliadoras ou sedutoras com que o sujeito modula seu discurso onírico. (Lacan, 1953/1998, p. 268)

É a estrutura da linguagem que materializará a noção de estrutura em Lacan, na medida em que é a esta que o inconsciente é relacionado ao mesmo tempo em que é o meio no qual ele se enuncia. Diante de uma variedade de temas linguísticos identificados por Lacan no sonho, fica evidente por que este autor se dedicou a vasculhar na obra de Freud os elementos que lhe propiciariam "vascular" a metapsicologia. Os elementos identificados não se restringem ao sonho:

Quanto à psicopatologia da vida cotidiana, outro campo consagrado por uma outra obra de Freud, está claro que todo ato falho é um discurso bem-sucedido, ou até formulado com graça, e que, no lapso, é a mordaca que gira em torno da fala, e justamente pelo quadrante necessário para que um bom entendedor encontre ali sua meia palavra. (Lacan, 1953/1998, p. 269)

Lacan nos mostra que as relações entre a linguagem e a psicanálise são mais estreitas do que pensávamos. É o que leva Leila Longo no livro *Linguagem e Psicanálise* a afirmar que "embora Freud não tenha erigido uma 'teoria da linguagem' propriamente dita, a linguagem permeia toda a sua obra" (2006, p. 17). O postulado lacaniano 'o inconsciente é estruturado como uma linguagem' explicita a submissão do inconsciente às leis da linguagem: condensação (metáfora) e deslocamento (metonímia). Não há discurso possível sem o ordenamento da linguagem, o que revela a condição de determinação à articulação significante posta a todo falante. A partir da teoria do significante Lacan redimensiona as noções freudianas e demonstra que o trabalho dos sonhos é regido pelas leis da linguagem: "De uma forma geral, o que Freud chama a condensação é o que se chama em retórica a metáfora, o que ele chama deslocamento é a metonímia" (1956/1988, p. 258).

Longo (2006) demonstra que essas figuras de linguagem são fontes de interesse dos homens desde sempre. Aristóteles, por exemplo, na *Retórica*, define a metáfora como a percepção de semelhanças, uma projeção de atributos de um segundo elemento num primeiro elemento. Mas, ressalta a autora, "esses atributos só podem ser projetados se ambos os elementos tiverem algo em comum, pontos de interseção reais ou imaginados" (p. 21). O chamado ponto de interseção é o ponto em que ocorre a condensação de sentido, fazendo surgir um terceiro sentido.

NO *Seminário livro 3: as psicoses*, Lacan (1956/1988) delinea o que chama de organização do significante, a partir dos desenvolvimentos de Roman Jakobson acerca das afasias. Para Lacan, essas perturbações devem ser vistas à luz da oposição entre, por um lado, as relações de similaridade e de substituição e, por outro, tudo que é da ordem da contiguidade, do alinhamento e da coordenação sintática. Com base nessas evidências ele identifica o predomínio da contiguidade no fenômeno psicótico de Schreber em face do enfraquecimento da função de significação por via da similaridade: “aí está um tipo que está se servindo de imensos blablablás extraordinariamente articulados, algumas vezes ricos em inflexões, mas que nunca pode chegar ao cerne do que ele tem a comunicar” (1956/1988, p. 257).

A metonímia é justamente o que faz referência à contiguidade e "concerne à substituição de alguma coisa que se trata de nomear – estamos, com efeito, ao nível do nome. Nomeia-se uma coisa por uma outra que é o seu continente, ou a parte, ou o que está em conexão com" (1956/1988, p. 258). O mecanismo da metonímia impõe um novo significante em relação de contiguidade com o significante anterior que ele substitui. Ao fazer isso, oferece um pouco de sentido à medida que a cadeia se desloca.

Um ano depois, na conferência intitulada *A instância da letra no inconsciente*, ao desenvolver as formas de incidência do significante sobre o significado, Lacan (1957/1998) demarca que a estrutura metonímica se constitui na resistência à significação, personificada pela permanência da barra entre significante e significado. O autor ressalta que a linguagem infantil é basicamente metonímica e, com isso, a metonímia torna-se o ponto de partida para a produção metafórica. Como exemplo de uma forma fundamental da metonímia, Freud relata que sua filha caçula Anna Freud, sonhando, fala: "Morangos grandões, framboesas, flans, mingaus" (1956/1988, p. 266). Ou seja, de palavra em palavra dessa conexão metonímica tem-se a expressão de um desejo. Segundo Lacan (1957/1998), tal concepção ganha vigor ao nos apresentar o próprio movimento do desejo.

E os enigmas que o desejo propõe a toda “filosofia natural”, seu frenesi que imita o abismo do infinito, o conluio íntimo em que ele envolve com o gozo o prazer de saber e o de dominar, não decorrem de nenhum outro desregramento do instinto senão sua captação nos trilhos – eternamente estendidos para o *desejo de outra coisa* - da metonímia. (Lacan, 1957/1998, p. 522)

Não há outra maneira de conceber a indestrutibilidade do desejo senão denominando-o como *desejo de outra coisa*. “Coisa” para sempre perdida nos trilhos da metonímia,

percorrida por meio do que Freud chamou de memória, onde a cadeia significante insiste em apontar a verdade do desejo na história de determinado sujeito. É na base dessa articulação metonímica que uma primeira coordenação significante se torna possível para, *só depois*, alcançar a produção do que Lacan denominou de “transferências de significado” (1956/1988, p. 268).

Lacan utiliza esse termo para iniciar sua discussão acerca da metáfora e nos alerta que esta “não é a coisa no mundo das mais fáceis de falar” (1956/1988, p. 255). Na metáfora trata-se da substituição de um significante por outro significante: “ela brota entre dois significantes dos quais um substitui o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia” (1957/1998, p. 510).

Ao contrário da metonímia, a metáfora manifesta a transposição da barra para a manifestação da significação. Para que um significante produza um efeito chamado significado é preciso transpor essa barra, que segundo Gerbase (2004) corresponde à barra do real. Essa transposição, afirma Lacan, “exprime a condição de passagem do significante para o significado”, cujo momento assinala “o lugar do sujeito” (1957/1998, p. 519). Assim, a metáfora produz um efeito de sentido, ou mais especificamente, um efeito de sujeito, o que um significante representa diante de outro significante. Este efeito é o que interessa à experiência psicanalítica, e não o significado.

Vladimir Safatle (2006) destaca que a possibilidade de substituição significante pressupõe uma outra operação mais fundamental à compreensão da metáfora na teoria lacaniana, operação que permite ligar a metáfora à questão do ser:

E é também para que eu convide vocês a se indignarem com o fato de, após tantos séculos de hipocrisia religiosa e fanfarronice filosófica, ainda não se haver articulado validamente nada do que liga a metáfora à questão do ser e a metonímia a sua falta. (Lacan, 1957/1998, p. 532-533)

A leitura de Safatle (2006) acerca da metáfora e sua relação com o ser remete à noção de metáfora como ‘negação da referência’. Essa negação operada pela metáfora não é uma negação do real, visto que esta já foi efetuada pela *Bejahung* (afirmação) primordial, caracterizado como aquilo que não se submete à simbolização e, portanto, à metáfora. Segundo o autor, trata-se de uma “negação de uma construção imaginária naturalizada” (2006,

p. 105). Isso pode ser exemplificado quando Lacan aponta a capacidade da criança em desconectar o sujeito e o predicado:

[...] na aurora mesma do uso da fala, em que a criança que designa por um 'au-au' aquilo que, em alguns casos, houve quem se empenhasse em chamar unicamente pelo nome de 'cão', transpõe esse 'au-au' para quase qualquer coisa – e como não lamentar que ela não se detenha, além disso, no momento posterior em que ela declara que o gato faz 'au-au' e o cachorro faz 'miau', mostrando com seus soluços, quando alguém pretende corrigir sua brincadeira, que afinal, essa brincadeira não é gratuita? (1959/1998, p. 715)

De acordo com Safatle (2006), justifica-se referir-se a um trabalho do negativo porque o cão só pôde ser desconectado de seu 'au-au' ao ser negado enquanto presença naturalizada. Por isso Lacan articula as operações de simbolização à pulsão de morte, chegando a falar do símbolo enquanto morte da coisa. Com isso ele demonstra que a linguagem não é feita de signos, mas de significantes puros, desprovidos de força denotativa. A relação da metáfora com a negação da referência é mais uma oportunidade de formalizar a inadequação da linguagem às coisas sensíveis, tal qual a concepção de que os significantes, em sua pureza, só manifestam a presença da diferença e a morte da coisa: “assim, o símbolo se manifesta inicialmente como assassinato da coisa, e essa morte constitui no sujeito a eternização de seu desejo” (Lacan, 1953/1998, p. 320).

Para Lacan, a metáfora opera uma identificação entre significantes autônomos, "não há comparação, mas identificação" (1956/1988, p. 255). Tendo em vista o processo de negação inerente à metáfora, a identificação levantada por Lacan ganha nova elaboração. Não se trata de descrição de analogias e similitudes, como se estas estivessem dadas na coisa em si, trata-se antes de um processo de criação de semelhanças. A metáfora seria um "ver como", afirma Safatle (2006, p. 109), que instaura uma realidade: "eu vejo este coração como uma pedra, eu vejo esta mulher como uma rosa". A identificação metafórica instaura um novo sentido às duas cadeias significantes ao mesmo tempo em que mantém a inadequação. O "como" evidencia justamente o limite da possibilidade descritiva da língua.

Esse é um ponto muito importante porque indica um limite próprio à simbolização analítica. Nas operações de substituição significante e produção de sentido, faz-se necessário reconhecer o que não passa pela substituição significante, o que resiste à nomeação. É justamente porque algo resiste à nomeação que a nomeação metafórica produz o

reconhecimento do desejo. Assim, a metáfora pode ser vista como uma forma de elaborar a falta própria ao desejo.

O neurótico, afirma Safatle (2006), procura denegar a natureza metafórica entre significante e referência. Ele busca apagar a inadequação colocando uma correspondência entre a coisa e as representações do Eu, como tentativa de reencontrar o objeto na realidade. No caso da psicose, a natureza metafórica do significante não é denegada, mas foracuída, daí Lacan (1956/1988) afirmar que os psicóticos são incapazes de criar metáforas. Ao invés de uma criação metafórica há uma criação imaginária como tentativa de preencher a falta e a indeterminação de sentido própria à metáfora. Assim, psicose e neurose mostram como a denegação ou a foracclusão da natureza metafórica da linguagem impedem o reconhecimento do desejo.

4.1.1 O ponto de basta da estrutura

Como demonstrado até aqui, a experiência psicanalítica só pode ser compreendida à luz da linguagem e, com base nisso, devemos estender tal exigência às estruturas clínicas. De acordo com Lacan no *Seminário livro 3: as psicoses*, a concepção freudiana de “estrutura se estabelece sempre pela referência de algo que é coerente com algo diverso, que lhe é complementar” (1956/1988, p. 215). Assim, para pensar a neurose e a psicose enquanto estruturas clínicas é preciso identificar o que estas possuem de coerente e de complementar.

Como ponto de partida Lacan afirma que “a noção de estrutura já é por si própria uma manifestação do significante”, nesse sentido, “quando analisamos uma estrutura, é sempre, pelo menos idealmente, do significante que se trata” (1956/1988, p. 215). Nessa concepção de estrutura o significante se torna a peça principal que precisa de algo diverso que lhe dê certa complementaridade. Esse complemento, já que é do significante que se trata, não poderia ser outra coisa senão outro significante que dê um efeito de sentido àquele que por definição não significa nada.

O sistema estrutural do significante precisa de algo para sustentá-lo e ordená-lo, que lhe permita construir uma cadeia coerente; enfim, precisa de um significante que delimite a própria estrutura. Lacan introduz essa delimitação, inicialmente, através do conceito que ele chamou de ponto-de-basta. Conceituação diretamente provocada pela experiência psicótica, na qual justamente esse tipo de "limite" parece faltar: "em suma, podemos esperar do fenômeno da psicose que ele nos permita restaurar a justa relação, cada vez mais desconhecida no trabalho analítico, do significante e do significado" (Lacan, 1956/1988, p.

300). Justa relação, segundo Lacan, perdida devido à tendência da psicanálise da época em colocar o significado em primeiro lugar.

Como de costume, é sempre o significado que colocamos no primeiro plano de nossa análise, porque é seguramente o que há de mais sedutor, e é o que, à primeira vista, parece ser a dimensão própria da investigação simbólica da psicanálise. Mas ao se desconhecer o papel mediador primordial do significante, ao se desconhecer que é o significante que é na realidade o elemento-guia, não só desequilibramos a compreensão original dos fenômenos neuróticos, a própria interpretação dos sonhos, mas nos tornamos absolutamente incapazes de compreender o que se passa nas psicoses. (Lacan, 1956/1988, p. 257-258)

Para Joel Dor, em *Introdução à leitura de Lacan*, a noção de ponto-de-basta é um avanço à assimilação dos mecanismos inconscientes aos da linguagem e assevera ainda mais a lógica do significante "nos processos metafóricos e metonímicos do discurso do sujeito, como testemunhas incontornáveis do caráter primordial do significante" (1989, p. 41). Lacan destaca que a estrutura do significante está em ele ser articulado. Seguindo essa lógica, o significante em si, não significa nada, a significação provém apenas das "correlações do significante com o significante", são as correlações que "fornecem o padrão de qualquer busca de significação" (1957/1998, p. 505). É em cadeia que o significante funciona no sentido de gerar significações, sem se deter em nenhuma delas, o que impõe "a noção de um deslizamento incessante do significado sob o significante" (p. 506). Esse tipo de funcionamento levanta a questão acerca do que para esse deslizamento a fim de produzir um efeito de sentido.

O sentido vai sempre em direção a alguma coisa, em direção a uma outra significação, em direção ao encerramento da significação, ele sempre remete a alguma coisa que está adiante ou volta sobre si mesmo. Mas há uma direção. Isso quer dizer que não temos ponto de parada? Eu estou certo de que esse retardo permanece sempre incerto no espírito de vocês considerando a minha insistência em dizer que a significação remete sempre à significação. (Lacan, 1956/1988, p. 163)

É preciso um ponto de parada para que se interrompa, ao menos provisoriamente, o incessante deslizar do significante. A solução encontrada para essa problemática da emergência do sentido é formalizada por Lacan com o que chamou de ponto de basta: "o ponto em que vêm se atar o significado e o significante" (Lacan, 1956/1988, p. 311). A formulação lacaniana tem como referência o esquema de Ferdinand de Saussure em que é representado o

duplo fluxo paralelo do significante e do significado, destinados a um infinito deslizar de um sobre o outro.

Trata-se de um significante em torno do qual “tudo se irradia e tudo se organiza [....]. É o ponto de convergência que permite situar retroativa e prospectivamente tudo o que se passa nesse discurso” (Lacan, 1956/1988, p. 311). É por isso que Lacan afirma que “o esquema do ponto de basta é essencial na experiência humana” (p. 311). Pode ter sido essa essencialidade que levou Lacan a articular o esquema do ponto de basta e a noção de pai em Freud, já que este, enquanto operador do Complexo de Édipo, se mostra estrutural à experiência humana:

E por que esse privilégio do complexo de Édipo? Por que Freud quer sempre, com tanta insistência, reencontrá-lo por toda a parte? Por que há aí um nó que lhe parece tão essencial que ele não pode abandoná-lo na menor observação particular? – se não é porque a noção de pai, muito mais próxima daquela de temor a Deus lhe dá o elemento mais sensível na experiência do que chamei o ponto de basta entre o significante e o significado. (Lacan, 1956/1988, p. 311)

Na última lição d*O Seminário livro 3: as psicoses* Lacan dedica-se a mostrar que a análise que Freud faz do caso Schreber gira em torno da castração e da perda do objeto fálico. Trata-se de um fato essencial à teorização freudiana: “seja qual for o remanejamento que ele tenha introduzido em sua teorização, através de todas as fases da esquematização que pôde dar da vida psíquica, a prevalência do centro fálico jamais foi modificada” (1956/1988, p. 360). Portanto, compreender a função do pai e o complexo de castração requer situar o falo em sua função mediadora.

A insistência de Lacan em pinçar as referências em Freud acerca do falo e sua relação com o pai é porque o falo é o elemento significante que lhe é atribuído. O objeto fálico não é o pênis, mas um elemento significante que mediatiza a relação da criança com a mãe e da mãe com a criança. É claro que, já em Freud, por mais que a elaboração do objeto fálico se sustente de certa forma, a partir do pênis, ter ou não ter o pênis, a função atribuída a tal objeto não é senão uma função simbólica.

Não pode tratar-se pura e simplesmente de elementos imaginários. O que se reconhece no imaginário sob a forma da mãe fálica não é homogêneo, todos vocês sabem disso, ao complexo de castração, na medida em que está integrado à situação triangular do Édipo. Essa situação não é completamente elucidada por Freud, mas, só pelo fato de sempre ser mantida ela está ali para se prestar a uma elucidação, que só é possível se reconhecemos que o terceiro, central para

Freud, que é o pai, tem um elemento significante, irreduzível a toda espécie de condicionamento imaginário. (Lacan, 1956/1988, p. 363)

Com Lacan, o falo será elevado à categoria de significante primordial do desejo na triangulação edipiana, e o pai não tem outra função senão a de representar o portador, o detentor do falo. De forma geral, a função fundamental do Édipo aparece como co-extensiva à função paterna, o que permite circunscrever a leitura do Édipo em torno do processo da metáfora do Nome-do-Pai que articula a função fálica e o significante Nome-do-Pai. Segundo Dor (1989), a primazia do falo desempenha um papel estruturante na dialética edipiana, na medida em que a dinâmica fálica promove uma operação simbólica inaugural que consiste no advento da metáfora do Nome-do-Pai.

Nesse sentido, compreende-se a metáfora paterna como uma operação de substituição significante que tem por função assegurar a estabilidade da cadeia significante. Como na psicose a metáfora paterna não opera, há uma instabilidade fundamental da cadeia significante. Partindo desse pressuposto, a sistematização do significante Nome-do-Pai, iniciada no *Seminário livro 3: as psicoses*, o coloca como o significante outro que permite a complementaridade à estrutura e assegura a ordem simbólica. Lacan afirma também que “a psicose se situa no nível das relações do sujeito com o significante” (1956/1988, p. 233), de onde podemos concluir que a psicose faz parte do que é coerente, ou seja, da composição significante. Entretanto, a forclusão do significante complementar tem como efeito um distúrbio no campo da significação.

Considerando que na psicose é o significante que está em causa, e este não é nunca sozinho e sempre forma algo de coerente, a falta de um significante leva o sujeito a reconsiderar todo o edifício significante. Essa falta nos permite fazer uma diferenciação e organizar a psicose como uma estrutura a que falta um elemento: “a psicose consiste em um buraco, uma falta ao nível do significante” (1956/1988, p. 235). No momento em que um significante convoca outro para uma tentativa de significação, o que também ocorre na neurose, na psicose essa significação não é atingida. Na busca de um significante que dê certa coerência e sustentação à cadeia estrutural, o sujeito se depara com a perplexidade: “trata-se, no fundo da psicose, de um impasse, de uma perplexidade concernente ao significante” (p. 227).

O psicótico se depara com uma perplexidade que lhe é dada por um sentido total ou uma total ausência de significação. Essas duas formas, “a mais plena e a mais vazia”, elas “param a significação, é uma espécie de chumbo na malha, na rede do discurso do sujeito.

Característica estrutural em que, já na abordagem clínica, reconhecemos a assinatura do delírio” (Lacan, 1955/1988, p. 45). O recurso simbólico de tentativa de amarração de uma realidade, no psicótico, se mostra precário, lhe restando a produção de um delírio como barreira ao gozo da produção significante, o que Lacan (1956/1988) denomina de metáfora delirante. Na neurose, a fantasia surge como recurso agenciado pelo significante Nome-do-pai. A fantasia surge, assim, como um ilusório recurso de significação diante do insuportável vazio do próprio significante.

O Nome-do-pai torna a articulação significante passível de significação, permitindo a criação de metáforas que ratifiquem a mensagem vinda do Outro. Dessa forma, ancorado na tese do inconsciente estruturado como linguagem, dando um lugar fundamental à metáfora, Lacan forja sua teoria acerca da psicose. Na neurose, a substituição do significante materno pelo significante do Nome-do-Pai tem como efeito a emergência da significação fálica, portanto, uma significação ligada ao falo (Dor, 1989). Já nas psicoses, devido à forclusão do significante Nome-do-Pai, a significação decorrente da substituição significante não opera, e o sujeito fica fora da significação fálica. Ou seja, se há forclusão do significante do Nome-do-Pai, há também a forclusão da significação fálica.

O delírio se apresenta como uma tentativa de cura pela via da significação. Mas a construção delirante só ganha estatuto de metáfora delirante quando consegue restabelecer certa relação entre significante e significado. A metáfora delirante funcionaria como uma tentativa de reorganização do significante. Ou seja, ali onde falta a significação fálica advém uma significação de suplência, que, no caso de Schreber, é ser a mulher de Deus (1956/1988).

Ainda no *Seminário livro 3: as psicoses* Lacan afirma que a relação do psicótico com o delírio é algo que ultrapassa o jogo do significado e das significações: “Freud teve o sentimento profundo de que, nas relações do sujeito psicótico com o seu delírio, alguma coisa ultrapassa o jogo do significado e das significações, o jogo que nós chamaremos mais tarde as pulsões do id” (1956/1988, p. 252). Segundo Lacan, é “com essa vibração no ouvido” que devemos abordar a função econômica que a linguagem assume na psicose. Ele indica que o fenômeno vivido na psicose, por mais que apresente, em certo sentido uma articulação lógica, seus elementos “apresentam-se como fechados, e mesmo enigmáticos” (p. 253).

Isso leva Lacan a questionar a possibilidade metafórica do psicótico: “Algo me surpreendeu – mesmo quando as frases podem ter um sentido, nunca se encontra nada que se pareça a uma metáfora” (1956/1988, p. 254). Essa afirmação sugere a possibilidade da emergência de uma significação por outra via que não a metafórica. Mesmo sendo

denominado de “metáfora delirante” “alguns de seus elementos se isolam, tornam-se pesados, ganham um valor, uma força de inércia particular, carregam-se de significação, simplesmente de uma significação” (p. 69). Nesse sentido, a organização delirante não obedece inteiramente às leis de funcionamento da linguagem, algumas palavras mantêm uma significação eletiva que nem o delirante compreende bem. Além disso, há um caráter repetitivo no delírio, sugerindo uma função de real, já que há algo impossível de significar e que não cessa de não se escrever.

4.2 Para além da articulação significante

A elaboração do ponto de basta e a metáfora paterna são formas de articular, pela via da linguagem, algum efeito de sentido para o sujeito. Todavia, neurose e psicose demonstram o quão problemática é essa noção de sentido. É claro que na psicose essa dificuldade é mais exacerbada devido à forclusão da significação fálica. Contudo, cabe demarcar que, já no *Seminário livro 3*, Lacan assinala um outro ponto de parada que produzirá novos efeitos: “Há uma propriedade original do discurso em relação à indicação. Mas não é aí que encontramos a referência fundamental do discurso. Estamos procurando onde ele para? Pois bem, é sempre no nível desse termo problemático chamado o ser” (Lacan, 1956/1988, p. 163).

O ser aparece aqui como o ponto de atração para onde o discurso se dirige. O que remete a um ponto de saturação denominado por Freud “o umbigo do sonho”, um buraco em que, justamente, o sentido desaparece e não é possível remeter a mais nada senão a si próprio. Antonio Godino Cabas, no livro *O sujeito da psicanálise de Freud a Lacan* (2009), afirma que esse umbigo demarca um ponto que é exterior ao próprio inconsciente e que culmina na pulsão. Para além do simbólico há um ponto limite, um impossível pulsional que repete uma exigência de satisfação que não tem fim. Esse imperativo de repetição e a satisfação que ele almeja parecem mais primitivos que o princípio de prazer que rege o inconsciente.

A partir de 1920, com a publicação de *Além do princípio do prazer*, Freud (1920/2006) questiona a dominância, que colocara até aquele momento, do princípio do prazer, ligado ao princípio de constância, em que o organismo deve reduzir a excitação o mais baixo possível ou mantê-la constante. A experiência clínica revela que muitos processos psíquicos não são acompanhados de prazer e nem conduzidos a isso. Dentre eles, há os sonhos traumáticos que insistem em conduzir o paciente à situação de seu trauma; as brincadeiras infantis em que as crianças repetem indefinidamente uma cena ou um jogo onde tentam assumir um papel ativo; e a situação de transferência em que o analisando, ao invés de

rememorar uma experiência do passado, é forçado a repetir o recalcado como se fosse uma vivência atual:

Ao levarmos em conta essas observações a respeito da transferência e a fatalidade presente no destino de tantos seres humanos, vemo-nos encorajados a assumir a hipótese de que realmente existe na vida psíquica uma compulsão à repetição que ultrapassa o princípio de prazer. (Freud, 1920/2006, p. 148)

Além de questionar a predominância do princípio de prazer esses fatos também apontam o que Freud denominou de compulsão à repetição operando na vida psíquica. As manifestações da compulsão à repetição se apresentam tanto em fatos cotidianos como em nível patológico. Freud (1920/2006) identificou essa exigência de repetição com o termo *Widerholungszwang*, cuja análise revela as seguintes significações: “*Wieder* (novamente); *Holung* (buscar, mandar buscar, pescar); e *Zwang* (força, pressão)” (Cabas, 2009, p. 80). Revela-se o imperativo de buscar de novo uma exigência inerente à própria pulsão. Essa insistência pulsional leva Freud a rever sua teoria da resistência.

Freud (1920/2006) conclui que o recalcado insiste em encontrar uma forma de descarga, se não pela via da recordação, pela atuação. Isso significa que as resistências não provêm do inconsciente, mas do Eu, sendo que grande parte deste também é inconsciente. O que leva Freud a formular uma nova oposição, agora entre as resistências do Eu e a compulsão à repetição proveniente do recalcado. Mas esse não é o único dualismo apontado por Freud. Pode-se dizer que o ponto chave do texto reside na elaboração do novo dualismo *pulsão de vida e pulsão de morte* e suas consequências à metapsicologia.

Tal fato nos coloca diante de um intrincado arcabouço teórico que articula os princípios que regem o funcionamento psíquico: as elaborações acerca do Eu, a compulsão à repetição e o novo dualismo pulsional. Para melhor discorrer sobre as relações entre esses conceitos serão utilizados os estudos de Jean Laplanche acerca da sexualidade, do ego e da pulsão de morte no livro *Vida e morte em psicanálise* (1985) e *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-1955/1985), de Jacques Lacan.

Os desdobramentos da nova conceituação posta pela compulsão à repetição incidem sobre a constituição subjetiva e consolidam a posição de sujeito dividido com o qual opera a psicanálise. A divisão se passa agora entre o que tende a repetir-se e, por outro lado, o que constitui um obstáculo a isso e que está organizado de maneira homeostática, ou seja, o Eu. A primeira pergunta que Lacan se faz diante desses dois sistemas é se há equivalência: “Será

que a oposição entre eles é da ordem de um sim e de um não, de uma inversão, de uma pura e simples negação? Sem dúvida nenhuma, o eu nos diz muita coisa pela via da *Verneinung*” (1955/1985 p. 80).

Lacan define o Eu como um objeto especular na experiência do sujeito, objeto que preenche uma função dita imaginária: "Tudo o que pertence ao eu se inscreve nas tensões imaginárias, assim como o resto das tensões libidinais. Libido e eu estão do mesmo lado. O narcisismo é libidinal" (1955/1985, p. 407). Essa afirmação acerca do Eu se pauta nas consequências postas pela pulsão de morte e a compulsão à repetição, ambas evidenciadas por Freud. Com esse novo dualismo pulsional a unidade do Eu passa a ser produzida pela pulsão de vida e pela captura imaginária. Há uma potência unificadora do imaginário que visa vincular o sujeito à imagem do outro. Essa tendência resulta da pulsão de vida, que tende, segundo Freud (1920/2006), a estabelecer ligações e formar unidades cada vez maiores.

Jean Laplanche (1985) ressalta as transformações que ocorrem no conceito de libido quando Freud a liga à potência unificadora de Eros e sua tendência de formar unidades cada vez maiores e, assim, conservar a vida. Essa é uma nova noção se comparada com a ideia de uma energia livre e fragmentária abordada inicialmente pelo autor. Assim, a reconstrução do dualismo pulsional realizada no texto *Além do princípio de prazer* é uma tentativa de manter a potência de desligamento própria à energia livre que inicialmente definia a libido. O novo par, pulsão de vida e pulsão de morte, reapresenta a polaridade energia livre e energia ligada em representações oriundas da capacidade sintética do Eu.

A energia livre surge aqui como uma dimensão para além da homeostase do Eu sob a forma de compulsão a repetição. Lacan (1955/1985) nos adverte que essa compulsão a retornar a algo que foi excluído do próprio sujeito, ou que nunca foi por ele absorvido, não entra no princípio do prazer, pois este agora se confunde com o Eros e com o Eu. Faz-se necessário distinguir um outro princípio.

Dede o *Projeto para uma psicologia científica* Freud esboça a distinção entre os princípios de Nirvana, denominado de princípio de inércia neurônica, onde os neurônios visam se libertar da quantidade e atingir o ponto zero da excitação, e o princípio de constância, que busca manter a excitação a um nível tão baixo quanto possível. O princípio de inércia é o modelo do arco-reflexo e envolve a cessação do estímulo. Entretanto, por se tratar de estímulos endógenos o organismo humano é obrigado a abandonar a tendência a zero e a tolerar um acúmulo de excitação para satisfazer as exigências de uma ação específica. Mesmo

assim, diz Freud, “a maneira como realiza isso demonstra que a mesma tendência persiste” (1895/1996, p. 349).

Em 1920, vinte e cinco anos após o *Projeto*, é a mesma prioridade do zero que é reafirmada sob a forma de Nirvana. Ao fazer isso Freud ressitua o princípio de prazer, juntamente com seu correlato princípio de realidade, ao lado da constância, e a compulsão à repetição na tendência a zero, *além do princípio de prazer*. A pulsão de morte estaria, assim, desde o início, direcionada contra a consistência imaginária do Eu e suas relações imaginárias de objeto. Irá se apresentar como o que leva o sujeito para além de um prazer libidinal submisso à forma das representações.

Podemos dizer que nesse contexto a pulsão de morte aparece como negatividade pura que tenta romper com a positividade presente na ligação da pulsão em representações, positividade inerente à formação de sentido da articulação significativa. A morte nesse sentido, enquanto negatividade, não é só destruição, mas é também o que abala o princípio de unidade em operação no Eu e aponta que este é subjugado a algo que o antecede e o causa. Ela também ressoa aquilo que não se deixa representar, algo que não se deixa enredar no interior das relações estruturais do pensamento.

Safatle (2006) aponta como uma das grandes distinções de Jacques Lacan a centralidade que este deu à pulsão de morte como perspectiva de inteligibilidade da clínica e da direção do tratamento. Toda a obra de Lacan insiste em negar qualquer forma de atuação clínica pautada numa perspectiva de alargamento do horizonte reflexivo da consciência, da compreensão ou das disposições organizadoras do Eu. Ou seja, as subjetivações na clínica não podem se reduzir aos imperativos de ligação em representações pautadas na famosa tríade rememoração/verbalização/simbolização.

Relembrando a questão inicial posta por Lacan acerca da possibilidade de equivalência entre o Eu e a compulsão à repetição da pulsão de morte pela via das inversões, podemos afirmar que esta permanece irreduzível. A possibilidade da *Verneinung* (denegação) e toda a lógica das negações e suas inversões, nessa nova divisão, pertencem ao Eu. Tudo o que foi denegado foi inicialmente, simbolizado e, por isso, pode ser reintegrado no universo das representações seguindo a lógica da rememoração. Nesse sentido, a *Verneinung* nos oferece um modo de negação daquilo que é regido pelo princípio de prazer, mas não pode oferecer um modo de negação do que está *além* desse princípio. Como presença muda do que está além do princípio de prazer, a pulsão de morte se insere na teoria psicanalítica como o fim último da pulsão.

Dessa forma, Lacan teve o mérito de alçar a pulsão de morte a um lugar de destaque na metapsicologia freudiana, o que o levou a afirmar que “toda pulsão é virtualmente pulsão de morte” (Lacan 1960/1998, p. 863). Safatle (2006) vê o posicionamento de Lacan como uma nova via de reflexão sobre as figuras do negativo na clínica. É o que nos incita a investigar um modo de negação enquanto manifestação do que está além do princípio de prazer e que comparece sob a forma da compulsão à repetição. Para Safatle (2006), a formalização realizada por Lacan revela a relação de um sujeito com uma pulsão que não se deixa pensar por uma linguagem da representatividade. É o que leva Lacan a articular a pulsão de morte à simbolização e, com isso, estabelecer um campo inicial de distinção entre imaginário e simbólico.

É aqui que vamos dar na ordem simbólica, que não é a ordem libidinal na qual se inscrevem tanto o eu como as pulsões. Ela tende para além do princípio do prazer, fora dos limites da vida e é por isto que Freud a identifica ao instinto de morte. (Lacan, 1955/1985, p. 407)

Num primeiro momento a articulação entre ordem simbólica e pulsão de morte soa no mínimo estranha, tendo em vista que o simbólico é constantemente abordado enquanto uma estrutura de ligação, de encadeamento significante, cujo modelo se assenta na metáfora e na metonímia. Esse encadeamento significante, ou o encaminhamento de representação a representação no modelo freudiano, se aproxima muito mais da tendência de Eros do que do desligamento requerido pela pulsão de morte.

É preciso aprofundar a noção de simbólico em Lacan já que a relação entre simbólico e pulsão de morte não se esgota no *Seminário livro 2*, ela persiste no decorrer de sua obra. O texto que faz a abertura dos escritos, *O seminário sobre “A carta roubada”*, inicia-se com Lacan afirmando que o automatismo de repetição é, na verdade, manifestação do modo de funcionamento da ordem simbólica: “Nossa investigação levou-nos ao ponto de reconhecer que o automatismo de repetição (*Widerholungszwang*) extrai seu princípio do que havíamos chamado de insistência da cadeia significante” (1966/1998, p. 13).

Essa é uma noção que parece um tanto distante da compulsão a repetição identificada por Freud nas situações traumáticas ou desprazerosas. Segundo Safatle (2006) essa aproximação do automatismo de repetição à cadeia significante pode ser uma forma de se referir ao que está na origem da metáfora e da metonímia e que fornece a base da dinâmica

dos significantes. Essa possibilidade de aproximação se justifica na seguinte afirmação feita por Lacan nO *Seminário livro 2*:

A ordem simbólica ao mesmo tempo não-sendo e insistindo para ser, eis a que visa Freud quando nos fala do instinto de morte como sendo o que há de mais fundamental – uma ordem simbólica em pleno parto, vindo, insistindo para ser realizada. (Lacan, 1955/1985, p. 407)

Parece que a aproximação mais consistente entre pulsão de morte e simbólico não se limita ao encadeamento de significantes, nem a uma composição de signos. Trata-se do que já foi dito acerca da negação da referência e da dimensão de pura diferença do significante.

Um significante se distingue de um signo, primeiramente por aquilo que tentei fazer vocês sentirem, é que os significantes não manifestam senão a presença, em primeiro lugar, da diferença como tal e nada mais. A primeira coisa, portanto, que ele implica, é que a relação do signo com a coisa está apagada. (Lacan, 1961/2003, p. 63)

Essa é uma perspectiva que, segundo Safatle (2006), permite apontar um impulso de negação próprio à pulsão de morte e sua relação com o simbólico. O significante demarcaria a inadequação entre as palavras e as coisas, o que deixa sempre um resto de energia livre que nega o que se deixa ligar sob a forma de objeto. Lacan aponta um modo de relação da pulsão eminentemente negativo, visto que o que pulsa e a mantém como uma força constante é a não adequação do objeto. Nesse sentido, a questão acerca do que causa esta negatividade da pulsão de morte e, conseqüentemente, sua insistência manifesta na compulsão à repetição, nos conduz a uma negatividade inerente ao objeto da pulsão.

4.3 O que não se escreve: dos furos ao objeto a

Desde o *Projeto* Freud faz referência a um “outro” semelhante, único poder auxiliar capaz de promover a experiência de satisfação e cessar provisoriamente a excitação no *infans*. Essa primeira experiência de satisfação torna-se o protótipo para as sucessivas tentativas de restituição do prazer alcançado. Como sabemos, nessa primeira experiência algo foi perdido, constituindo um furo no psiquismo. A parte perdida Freud chamou de *das Ding*.

Lacan, nO *Seminário livro 7: a ética da psicanálise*, aborda *das Ding* como o objeto que se almeja reencontrar, o “Outro absoluto do sujeito” (1959/2008, p. 68). É na tentativa desse reencontro que o comportamento neurótico se articula, e é a partir dele que o sujeito

“constitui-se num mundo de relação, de afeto primário, anterior a todo recalque” (1959/2008, p. 70). Em relação a *das Ding* é feita a primeira orientação do sujeito, uma primeira estruturação que regulará toda a função do psiquismo.

A conduta histérica, por exemplo, tem como objetivo, recriar um estado centrado pelo objeto, na medida em que esse objeto, *das Ding*, é, como Freud escreve em algum canto, o suporte de uma aversão. [...] Em oposição – a distinção é de Freud e não há motivo para ser abandonada –, na neurose obsessiva o objeto em relação a que a experiência de fundo se organiza, a experiência de prazer, é um objeto que, literalmente, traz prazer demais. (Lacan, 1959/2008, p. 69)

Essa busca pelo primeiro objeto, que seria o objeto absoluto, torna todos os outros objetos parciais e a satisfação obtida também parcial. Lacan (1959/2008) faz uma distinção entre *das Ding* (a Coisa) e *die Sache* (a coisa) para demonstrar que procuramos *das Ding*, mas só encontramos *die Sache*. O encontro com *die Sache* pode até preencher provisoriamente o vazio de *das Ding*, no entanto, não possibilita a satisfação completa. Daí o incessante retorno em busca do "objeto perdido". Eis o paradoxo, afirma Lacan, “pois, esse objeto, não nos é dito que ele tenha sido realmente perdido” (1960/2008, p. 145).

Esse objeto perdido simplesmente nunca existiu, o que o eleva a essa categoria é apenas a sua procura. É num *só depois*, por meio dos reencontros, que *das Ding* (a Coisa) é suscetível de ser representada por Outra coisa: “essa é a segunda característica da Coisa como velada – por sua natureza ela é, em seus reachados do objeto, representada por outra coisa” (Lacan, 1960/2008, p.145). Lacan caracteriza *das Ding* como um vazio para o qual não há objeto que se ajuste e, por outro lado, aponta o fato de a Coisa poder ser representada por um objeto que é sempre outro. Com isso, começa a se delinear uma concepção de objeto como sempre outro, que atualiza na experiência a relação com a Coisa.

Essa busca é feita pela via dos significantes, mas é uma busca antipsíquica, visto estar para além do princípio do prazer. Pela lei do princípio de prazer busca-se a homeostase, “colocando quantos significantes forem necessários para manter o mais baixo possível o nível de tensão que regula todo o funcionamento do aparelho psíquico” (Lacan, 1960/2008, p. 145). A questão posta por Lacan é como o significante pode colocar o homem em relação a um objeto capaz de representar a Coisa. Isso nos leva a questionar qual o lugar que a Coisa ocupa em relação à cadeia significante. Nesse intuito, ele produz alguns enunciados como "o fora-

do-significado" (1959/2008, p.70) ou o "que do real padece do significante" (1960/2008, p. 144), articulando a Coisa a um real inacessível, mas modelado pela linguagem:

Acrescento *das Ding* como o próprio correlato da lei da fala em sua mais primitiva origem. Nesse sentido que esse *das Ding* estava já no início, que é a primeira coisa que pôde separar-se de tudo o que o sujeito começou a nomear e articular [...]. É a Lei a Coisa? De modo algum. Mas eu não conheci a Coisa senão pela Lei. (Lacan, 1959/2008, p. 103)

A lei simbólica é correlata à exclusão da Coisa, que passa a ser interdita pelo simbólico. A Coisa, ao ser excluída, determina um furo em torno do qual a articulação significante se organiza. Nessa trajetória, Lacan reencontra no campo de *das Ding* a inacessibilidade de um objeto de gozo, interdito pelo próprio princípio de prazer. Introduz-se a redução do gozo a um lugar vazio, fora do sistema psíquico, cujo acesso só é possível por meio de uma transgressão ao princípio de prazer. A noção de *das Ding* acentua ainda mais a oposição entre, de um lado, o princípio de prazer e sua homeostase, configurando esse princípio como uma primeira barreira ao gozo e, do outro, os excessos constitutivos do gozo que dizem respeito ao real como fora do simbólico.

Como é isso em Freud? Desde antes das formulações extremas do *Mais além do princípio do prazer*, é claro que a primeira formulação do princípio do prazer como princípio do desprazer, ou do menos padecer, comporta evidentemente um para além, mas que é feito justamente para nos manter aquém. Seu emprego do bem se resume nisto, que, em suma, ele nos mantém afastados de nosso gozo. (Lacan, 1960/2008, p. 222)

A vida psíquica almeja algo que vai mais além desse princípio, cujo ponto de parada se reduz a um furo real: “um furo que as bordas que envolvem e emolduram a zona erógena delimitam” (Cabas, 2009, p. 225). Essas expressões remetem a fonte pulsional a um furo que objeto nenhum consegue tamponar tendo em vista a constância da excitação. Trata-se de um ponto que não se satura e que insiste. Ponto em que devemos buscar a causa incondicional da estrutura.

Lacan no *seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* recorda que Freud iniciou seu trabalho dando atenção aos furos do discurso apresentados sob a forma de lapsos e esquecimentos. Ele acentua a distinção do inconsciente freudiano das “formas ditas do inconsciente que o precederam, mesmo as que o acompanhavam, mesmo as que o cercam

ainda” (1964/2008, p. 31). Essa distinção busca resgatar a verdadeira dimensão do inconsciente freudiano como tropeço, desfalecimento, rachadura.

Os furos da fala também remontam aos buracos do corpo, demarcados por Freud pelas zonas erógenas. Isso leva Lacan a retomar as zonas erógenas no que esses orifícios têm de ligação com a hiância do inconsciente: “a lâmina tem uma borda, ela vem inserir-se na zona erógena, quer dizer, num dos orifícios do corpo, no que esses orifícios [...] estão ligados à abertura-fechamento da hiância do inconsciente” (1964/2008, p. 195). Assim, a estrutura do inconsciente se torna equivalente à de uma zona erógena, como uma borda que se abre e se fecha segundo o movimento da pulsão. Deste modo, Lacan retoma a questão do vazio situando-o nos furos do corpo em que figura o circuito pulsional. Enquanto fora do simbolizado, *a Coisa* emerge na forma de um objeto capaz de preencher esse furo:

[...] é esse objeto que confundimos muito frequentemente com aquilo sobre o que a pulsão se refecha – este objeto, que de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido, *a* minúsculo. (Lacan, 1964/2008, p. 176)

Como fundamentalmente perdido, é em torno dele que o sujeito constrói suas fantasias a partir das quais constitui o desejo em torno de objetos substitutos. Durante seu desenvolvimento a criança separa-se de uma série de objetos que, de certa forma, atualizam o vazio do objeto para sempre perdido. Enquanto perda, ele se reveste de imagens relativas às zonas erógenas do corpo. A partir disso Lacan destaca quatro variedades corporais do *objeto a*: “São os *objetos a*, os seios, as fezes, o olhar, a voz” (1964/2008, p. 235).

Todas essas imagens são, na verdade, semblantes de *a* carregados de uma significação corporal. O objeto da pulsão é um não-objeto, um real opaco impossível de simbolizar. Em termos estritos ele é o furo que vem a ser preenchido sempre de maneira inadequada por um objeto. Uma tentativa de reparar o acesso impossível à Coisa.

NO *seminário livro II* o gozo também passa a situar-se sob a forma fragmentária dos *objetos a*, um elemento mais manejável, comparado com *das Ding*, que encarna a assimilação feita por Lacan entre inconsciente e furo. Nesse sentido, o *objeto a* cumpre a função de mediação entre *das Ding* e o Outro do significante, visto que uma vez no campo da linguagem, uma parte de nós escapa a esse campo. O *objeto a*, resto de natureza real, surge como heterogêneo ao conjunto significante, porém produzido por ele como um excedente

desse sistema. Isso nos permite remontá-lo a um elemento de gozo e estabelecer uma primeira relação entre os significantes e o gozo.

Enquanto excesso inassimilável o *a* pode assumir todas as imagens orais, visuais, auditivas, olfativas ou táteis que participam do encontro insatisfeito e, por isso, desejante, entre o sujeito e o Outro. Isso permitirá a Lacan, no *Seminário livro 10: a angústia*, postular que tais objetos são objetos cedidos ao Outro, como se fossem objetos destacáveis do próprio corpo:

O momento mais decisivo da angústia de que se trata, a angústia do desmame, não é propriamente que, nesse momento, o seio faça falta à necessidade do sujeito, mas, antes, que a criança pequena cede o seio a que está apensa como se fosse uma parte dela mesma. (1963/2005, p. 340)

Os objetos parciais aparecem como objetos que o sujeito cede a fim de atender ao desejo do Outro. Num primeiro nível a realidade do Outro se faz presente pela necessidade na qual o lactente é impotente. É apenas no nível da demanda do Outro que alguma coisa se destaca da relação com o Outro enquanto lugar da cadeia significante. A manifestação da angústia no nível da demanda reside justamente em “não saber que objeto *a* sou para o desejo do Outro” (Lacan, 1963/2005, p. 353).

Lacan chama atenção para o fato de que já no primeiro nível, antes de qualquer articulação da demanda do Outro, a angústia se manifesta sob a forma do grito presente na primeira experiência com o próximo descrita por Freud no *Projeto* (1895/1996). Com esse grito o lactente cede alguma coisa e nada mais o liga a isso. Nesse primeiro nível o objeto já está “primitivamente produzido, já existe como produto da angústia” e depois “é colocado à disposição da função determinada pela introdução da demanda” (1963/2005, p. 357).

De um lado, a introdução do objeto *a* aponta algo fundamental à constituição do sujeito, porém, não expressa pela via significante. Essa relação apontada no primeiro nível pode ser demonstrada com o exemplo da circuncisão dado por Lacan para indicar que é de uma “relação permanente com o objeto perdido como tal que se trata, esse objeto *a*, como cortado, presentifica uma relação essencial com a separação como tal” (1963/2005, p. 235). Por outro lado, o objeto *a*, enquanto objeto do desejo do Outro, restaura a relação entre sujeito e Outro e instaura a fantasia como o cenário por meio do qual o sujeito incorpora um objeto de desejo para o Outro. Isso aponta o papel da fantasia na relação intersubjetiva entre sujeito e Outro e as manifestações de *a*.

Essa relação permite fazer uma articulação entre a fantasia e o Real, enquanto o que está fora do simbólico, por meio do objeto *a*. Para isso, faz-se necessário retomar algumas considerações acerca da imagem do corpo próprio em seu estatuto fantasístico, meio pelo qual o eu se coloca como objeto de desejo do Outro. Lacan dirá que “é a esse objeto inapreensível no espelho que a imagem especular dá sua vestimenta” (1960/1998, p. 832).

Com isso Lacan nos mostra que a imagem especular é apenas uma vestimenta tecida pela fantasia pela qual o Eu se coloca como objeto de desejo do Outro. O que ela veste é justamente aquilo que a sustenta, ou seja, o *objeto a*. Objeto inapreensível pela imagem, aquilo que escapa ao sujeito ao mesmo tempo em que o constitui. Disso decorre que a dissolução da imagem do corpo propicia o desvelamento do objeto *a* e, conseqüentemente, a angústia provocada pelo enfrentamento do Real sem o suporte Imaginário e Simbólico propiciado pela fantasia.

Esse *objeto a* presentifica uma relação essencial com a separação de certa parte do corpo, uma parte perdida nos diferentes níveis da experiência em que se produz seu corte e que constitui o suporte de toda e qualquer função de causa (Lacan, 1962/2005). Isso explica a aproximação que Lacan faz da dimensão do *objeto a* não submetido à imagem e o que Safatle (2006) designa de Real do corpo, e coloca o desejo como desejo do corpo do Outro: “com certeza se diz *É teu coração que eu quero e mais nada*” (Lacan, 1963/2005, p. 238). Nessa formulação Lacan nos diz que o coração deve ser tomado ao pé da letra. É da víscera que se trata, pois “sempre há no corpo, em virtude desse engajamento da dialética significante, algo de separado, algo de sacrificado, algo de inerte, que é a libra de carne” (p. 242).

Assim, elaboração do conceito de *objeto a* é definida por Lacan como “correlato de um *pathos* de corte” (1963/2005, p. 237). Esse corte deixará marcas e uma configuração de bordas, sob a forma das zonas erógenas, e propiciará uma tensão entre os objetos *a* e a imagem especular e narcísica do corpo próprio submetida ao Eu. O objeto *a* assume assim uma posição *ex-tima* em relação ao corpo: “Se o que mais existe de mim está do lado de fora, não tanto porque eu o tenho projetado, mas por ter sido cortado de mim, os caminhos que eu seguir para sua recuperação oferecerão uma variedade inteiramente diferente” (p. 246).

4.3.1 Manifestações do que *não* se escreve: “o deixar-se cair da cena”

NO Seminário livro 10: *a angústia* é possível identificar a formalização do *objeto a* enquanto inexistente, presentificado sob a forma dos cortes em que se marca a função de

certos objetos, meio pelo qual o que fora cortado se presentifica no psiquismo. Foi essencialmente nesse seminário que Lacan buscou estabelecer a relação de interdependência entre a angústia, como um sinal, e o que se passa na relação do sujeito com o *objeto a*. Isso o levou a formular a angústia como a única tradução subjetiva do *objeto a*, afeto que acomete o sujeito quando este está às voltas com esse objeto em seu estado inapreensível, inarticulável à cadeia significante.

Para aprofundar a noção de angústia como manifestação mais flagrante desse objeto Lacan retoma o texto *Unheimlichkeit*, traduzido para o português por o *Estranho* (Freud, 1919/1996). Nesse texto Freud expõe uma série de significados da palavra *Heimlich* (doméstico, íntimo, oculto, estranho) que acabam por culminar em uma palavra que abarca o seu oposto. O que Freud chama de *Heim*, cujo sentido na experiência humana é de ser a casa do homem, situada "no Outro para além da imagem de que somos feitos", Lacan chama de "menos-phi (-φ)" (1962/2005, p. 58). Assim, aquilo que é estranho é, ao mesmo tempo, familiar, o que faz da angústia a casa do sujeito, aquilo que lhe é mais íntimo e que o constitui.

Como ensina por meio do esquema do vaso invertido, o investimento da imagem especular, fundamento da relação imaginária, tem um limite que consiste no fato de que nem tudo passa por essa imagem. Esse resto adquire a forma de uma falta denominada por Lacan de menos-phi (-φ). Tudo indica que esse símbolo refere-se à castração imaginária operada pela metáfora paterna: "aquilo de que tudo parte, como efeito, é a castração imaginária, porque não existe, por bons motivos, imagem da falta" (Lacan, 1962/2005, p. 50). Castração que marca a imagem do corpo próprio e dá o sentimento de falta, permanecendo como uma reserva inapreensível.

No fenômeno do *Unheimlich*, o *Unheim* (estranho) é o que surge no lugar do *Heim*, ou seja, no lugar em que deveria estar a falta (menos-phi): "quando aparece algo ali, portanto, é porque, se assim posso me expressar, a falta vem a faltar" (Lacan, 1962/2005, p. 52). No lugar da falta entra em cena alguma coisa que não deveria, algo de real se insere na dimensão imaginária e o sujeito é tomado pela angústia. Diante disso, Lacan postula a angústia como "a manifestação mais flagrante desse *objeto a*, o sinal de sua intervenção" (1963/2005, p. 98). É o que ocorre no conto *O homem de areia* de Hoffmann, usado por Freud (1919/1996) para ilustrar o que é possível dizer acerca da angústia.

Para Lacan, a ficção literária é o campo privilegiado para "o estranho" se manifestar. Não é a toa que Freud faz uso da ficção para falar dessa experiência, ora fugidia demais, ora

opaca demais, mas sempre em demasia. É justamente pela referência à ficção que Lacan aponta a função da fantasia como uma espécie de ponto ideal que nos permite situar um limite entre o neurótico e o psicótico: “essa fantasia de que o neurótico se serve, que ele organiza no momento em que se serve dela, o impressionante é que ela é justamente o que melhor lhe serve para se defender da angústia, para encobri-la” (Lacan, 1962/2005, p. 60).

No livro *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia* Marco Antonio Coutinho Jorge (2010) delimita o que chama o ciclo da fantasia em Freud. O autor observa que a fantasia é tematizada por Freud logo após sua formulação do conceito de pulsão, o que evidencia uma relação intrínseca entre os dois conceitos e antecede os estudos de Freud sobre a psicose. Isso indica que é possível tirar consequências da fantasia para aceder a uma certa estruturação da psicose.

Como consequência da articulação realizada por Freud somada a elaboração de Lacan acerca do *objeto a*, Jorge (2010) afirma que a fantasia constitui o próprio princípio de realidade, outorgada pelo Outro, para fazer face ao real. A fantasia inconsciente é constituída pelo sujeito com palavras e imagens que, como vestimentas de *a*, envolvem o objeto causa do desejo. Mas o que está na base desse objeto acionado pela fantasia de desejo é, justamente, a falta de palavra e de imagens, que é *das Ding*.

É importante destacar que, pela fantasia, o que antes era apenas furo no real do corpo passa a ser borda tramada pela linguagem. Essa trama consiste numa forma fixa e repetitiva de o sujeito se relacionar com o objeto causa de desejo. Por isso a insistência de Lacan em dizer que a fantasia é o suporte do desejo “pois é como causa que ele aparece na fantasia, causa em relação ao desejo do qual a fantasia é montagem” (1967/2003, p. 366).

Na psicose, devido à forclusão do Nome-do-pai e a consequente falha no recalque originário, ocorre um comprometimento na função da fantasia e, conseqüentemente, na relação do sujeito com o *objeto a*. O sujeito é invadido pelo real do corpo e, como suplência a essa invasão, produz o delírio de forma a tentar fazer funcionar o papel da fantasia na estruturação subjetiva. É com base nisso que a psicanálise postula o delírio não como a entrada na psicose, mas, ao contrário, uma tentativa de sair da psicose. A construção delirante do psicótico é uma tentativa de enlaçamento com o mundo e seus semelhantes, para assim restaurar o bordejar faltoso da fantasia.

Esse mundo de fantasia, sem dúvida, tem o mesmo papel na psicose. Também aqui ele é o repositório de onde são retirados os materiais, ou modelos para construção da nova realidade. No entanto, se na psicose o novo e fantástico

mundo externo quer se impor e substituir a realidade externa, na neurose, tal como nas brincadeiras das crianças, esse mundo se sustenta sobre parte da realidade [...]. Essa parte da realidade é então, dotada de uma importância toda especial e de um sentido secreto que, nem sempre, apropriadamente, chamamos de *simbólico*. (Freud, 1924/2007, p. 130)

Lacan destaca que a fantasia se inscreve na dimensão significante, e não apenas imaginária como comumente é pensada. Essa dimensão significante não é outra coisa “senão aquilo em que se vê aprisionado um animal à procura de seu objeto” (1962/2005 p. 78). Essa busca conduz a uma cadeia infinita de significações, produz o mundo do falante “cuja característica essencial é que nele é possível enganar” (p. 87). Mas, como é do começo que se trata de encontrar, é justamente o que não engana que coloca o sujeito em suspenso e o obriga a tomar uma posição diante da castração.

Essa posição também pode ser abordada como manifestação, na estrutura, do lugar do *objeto a* e traz a marca de um real em detrimento da ordem significante. São acontecimentos que ultrapassam o sujeito, surpreende-o e surgem como estranho a ele mesmo. Além do exemplo do *Unheimlich* Lacan é levado a trabalhar no *Seminário livro 10: a angústia* alguns fenômenos clínicos oriundos da repetição em detrimento da rememoração, ele os denomina de passagem ao ato e *acting out*. Na tentativa de defini-los melhor e diferenciá-los, Lacan irá dar maior precisão a esses conceitos de forma a nos apresentar características estruturais da relação do sujeito com *a* que podem subsidiar uma distinção entre neurose e psicose.

O *acting out* é “a mostraçã, a mostragem velada, sem dúvida, mas não velada em si” diz Lacan (1963/2005 p. 138). Isso quer dizer que, apesar da encenação ser visível enquanto ato do sujeito, essa mostraçã mantém o vel daquilo que o causa, o *objeto a*. Nesse sentido, o *acting out* ainda funciona como uma defesa contra a angústia e aparece articulado à dimensão da fantasia, já que surge como resposta ao Outro: “a ênfase demonstrativa de todo *acting out*, sua orientação para o Outro deve ser destacada”, assegura Lacan (1963/2005, p. 137).

A passagem ao ato é um termo utilizado na psiquiatria para “sublinhar a violência ou a brusquidão de diversas condutas que curto-circuitam a vida mental e precipitam o sujeito numa ação” (Kaufman, 1996, p. 55). Lacan tentou delimitar melhor esse conceito e distingui-lo do *acting out* abordando-o como um agir que sai de cena. Para compreender do que se trata Lacan nos apresenta uma distinção entre mundo e cena:

[...] de um lado, o mundo, o lugar onde o real se comprime, e, do outro lado, a cena do Outro, onde o homem como sujeito tem de se constituir, tem de assumir

um lugar como portador da fala, mas só pode portá-la numa estrutura que, por mais verídica que se afirme, é uma estrutura de ficção. (Lacan, 1963/2005, p. 130)

No *acting out*, ao se dirigir ao Outro, se está na cena em relação estreita com o objeto *a*, mas suportado pela fantasia. Na passagem ao ato o que ocorre é uma saída da cena e, portanto, um desmoronamento da fantasia que culmina com a queda no real. Segundo Safatle (2006), por meio dessa saída da cena o sujeito pode ter uma experiência do real do corpo, como carne que não se deixa emoldurar pelo imaginário, nem se sustentar pela estrutura significante.

A passagem ao ato é descrita por Lacan como o momento de maior embaraço do sujeito, momento em que este chega a ser apagado. No máximo ele aparece identificado ao objeto *a* e, assim, podemos dizer que não há cessão do objeto, mas fusão. Na cessão do objeto ocorre de um lado, produção do objeto e, mais além, como operação significante, o sujeito. Na fusão o objeto *a* não funciona como causa e o sujeito se reduz a um objeto excluído ou rejeitado.

Lacan retoma essa questão no *Breve discurso a los psiquiatras*, conferência realizada aos psiquiatras em formação em 10 de Novembro de 1967 no Hospital *Sainte-Anne*. Lacan ensina que o louco é o homem livre por excelência, porque não demanda o *objeto a*, já que o traz no bolso, no que eles chamam de vozes. Nesse sentido, o *objeto a* na psicose não é um objeto perdido ou extraído do campo do Outro, mas um objeto que permanece ao lado do sujeito.

Como vimos anteriormente, os objetos da pulsão em sua dimensão oral, anal, voz e olhar são marcados pelo corte, pelo menos-phi da castração. É justamente a marca do corte que os constitui como perdidos e, por tanto, fora do campo da realidade. No máximo encontramos suas coordenadas de prazer suportadas pela tela da fantasia. Na psicose, devido a uma falha na operação da castração e o desmoronamento da fantasia, esses objetos tendem a retornar no campo da realidade do sujeito. Esse retorno sob a forma da voz, da alucinação verbal, do olhar e do delírio de perseguição se tornam manifestações privilegiadas para o diagnóstico de psicose.

NO *Seminário livro 3: as psicoses*, ao se debruçar sobre o caso Schreber Lacan agrupa os vários tipos de alucinações no que chamou de palavras vazias, sem significação nenhuma e que não remetem a nada e, por outro lado, as palavras chaves, descritas como “palavras plenas, bem diferente das palavras empregadas para comunicar” (1955/1988, p. 44). Antonio

Quinet (2006) assinala esses tipos como duas formas diferentes de emergência do *objeto a*, respectivamente, o que produz a fragmentação do sujeito e o que designa seu ser.

O que chega a designar o sujeito diz respeito à retenção do *objeto a* em um significante que pinça o sujeito e o insere numa cadeia, mesmo que delirante. Esse caso é exemplificado no capítulo de *O Seminário livro 3* intitulado “Eu venho do salsicheiro”. No lugar do pronome “Eu” surge, sob a forma da voz alucinada, o substantivo “porca” designando o ser do sujeito e ancorando-o num significante por meio de um insulto. O significante que retorna no real enquadra em uma palavra a experiência delirante de ser cortada em rodela pelo marido, como se fosse uma porca.

Schreber descreve a alucinação em que o Deus Ariman “lhe diz a palavra significativa, aquela que põe as coisas nos seus lugares, a mensagem divina por excelência – *Carça*” (Lacan, 1955/1988, p. 121). Essa é uma tradução do alemão *Luder* que não evoca seu verdadeiro significado. A tradução desse termo tem sido objeto de controvérsias, mas tudo indica que seria o equivalente a “puta” na língua fundamental de Schreber. O importante é que essa palavra domina o face-a-face com Deus e designa o ser de Schreber, mesmo que de forma ofensiva.

Outros tipos de alucinações ocorrem sob a forma do vazio e da infinitização do *objeto a* (Quinet, 2006), tal como aparecem nas infinitas vozes que “soam como um zumbido incompreensível e contínuo” (Schreber 1905/1984, p. 14), palavras e refrões sem significação nenhuma: “continham predominantemente pensamentos incompletos, e inconclusos em si mesmos, contendo apenas fragmentos de pensamentos” afirma Schreber (p. 148). Esse tipo ocorre na fase dita esquizofrênica, momento em que prevalece a fragmentação do corpo, das vozes e dos olhares, sem que nada venha a designar o sujeito enquanto tal.

Em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1957-1958/1998) Lacan faz referência ao ser do sujeito enquanto *objeto a* relacionando-o com o registro anal. A referência ao objeto anal decorre das observações de Schreber acerca da pergunta incessante feita a Deus: “Por que o senhor não c...?” A partir disso Schreber se dedica a uma descrição detalhada de sua necessidade de evacuação:

[...] as fezes são empurradas para a frente (às vezes também de novo para trás) e quando, em consequência da evacuação já efetuada, não há mais material suficiente, se lambuza o orifício do meu traseiro com os poucos resíduos do conteúdo intestinal. Trata-se aqui de um milagre do deus superior [...] parece-me necessário pensar na existência de um equívoco com relação ao significado simbólico do ato de evacuar, ou seja: quem chegou a ter uma relação

correspondente à minha com os raios divinos, de certo modo está justificado a c... sobre o mundo inteiro. (Schreber 1905/1984, p. 153)

O milagre da evacuação é uma forma de romper as ligações com os raios divinos, raios que o ligam ao Outro como uma marionete movida por cordéis manipulados por uma pessoa oculta. Não se trata, como comumente é tratado por alguns psicanalistas, de uma regressão à fase anal: “Daria gosto de ver a cara do analista se o doente viesse a ‘fazer força’, ou simplesmente, babar em seu divã” (Lacan, 1957-1958/1998, p. 589). Trata-se, antes, da interrogação do sujeito enquanto *objeto a* para o Outro no registro em que lhe concerne.

[...] é o próprio ser do homem que vem alinhar-se entre os dejetos em que seus primeiros deleites encontraram seu cortejo, desde que a lei da simbolização em que deve engajar-se seu desejo o apanhe em sua rede, pela posição de objeto parcial em que ele se oferece ao chegar ao mundo, a um mundo em que o desejo do Outro constitui a lei. (Lacan, 1957-1958/1998, p. 589)

O ser do sujeito se encontra disperso nesses dejetos, aspecto real do *objeto a*. A necessidade de evacuação surge como uma tentativa de reunir a fragmentação de seu ser sob a forma do que sai do corpo. As fezes desempenham o papel de órgão separado do corpo, órgão condensador de gozo que ao ser evacuado é, de certa forma, abandonado. Segundo Quinet (2006), pode-se dizer que Schreber tenta realizar a operação de castração pela via do *objeto a* encarnado no seu corpo sob a forma do objeto anal.

Esse ato, afirma Quinet (2006), demonstra uma saída da situação de dispersão de gozo ao condensá-lo em um objeto fora do corpo e, ao mesmo tempo, uma saída possível do lugar de objeto de gozo do Outro. Ao tentar se separar do objeto anal, com o qual identifica seu ser, o psicótico agencia um modo de castração como suplência à forclusão do Nome-do-Pai pela via do *objeto a*. Podemos identificar aqui subsídios para aprofundar um estudo sobre a atuação clínica e a perspectiva criadora que a objetividade apresentada por Lacan pode abrir a cada sujeito: “tudo isso não passa de um retorno mascarado à sublimação que encontra abrigo no *inter urinas et faeces nascimur*, implicando que essa origem sórdida concerne apenas a nosso corpo” (Lacan, 1957-1958/1998, p. 589).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um ponto final. Mas então não termina. É um novo começo. Uma nova perspectiva de entender o mundo. E eu que tinha tantos pontos finais, mas os escondia. Agora me vejo obrigado a enfrentá-los. Como agir nessa nova perspectiva de que com o ponto final nada termina, é só um novo começo? Retirei meus pontos finais escondidos embaixo do travesseiro. Os enfileirei na cama. Sorri. E então pude dormir em paz.
(Cardoso, 2009)

Ao retomarmos a letra aqui escrita nos defrontamos com uma trama de conceitos e definições em torno de um tema, de difícil articulação teórica e, ao mesmo tempo, de difícil elaboração. A densidade do tema aqui cotejado, somada a densidade própria à Psicanálise, exige um distanciamento temporal necessário para que o escrito possa ser retomado e revisto em sua dimensão, sempre precária, de um dizer sobre algo que nos acossa. Entretanto, aqui, como o tempo de concluir não espera o tempo de compreender, tentaremos ao menos ver o caminho trilhado por meio de uma breve retomada do percurso.

Na busca de uma compreensão da negação em psicanálise, e sua possível articulação com as estruturas clínicas neurose e psicose, partimos do artigo *A Negativa* (1925/2007) em que Freud trata mais detalhadamente do significado psicanalítico do sim e do não em análise. Empregado no texto, inicialmente, como ferramenta de escuta e interpretação da fala dos pacientes, a negação evoca o ato de dizer *não* e cabe ao analista situar esse significante para além do seu sentido imediato. A tentativa de recusa de uma ideia pelo *não* da frase permite a enunciação do recalcado e confirma sua existência. Esse mecanismo de aceitação ou negação de determinado conteúdo em análise decorre da função intelectual do Eu, que julga se uma ideia pode ser ou não aceita.

Essa atividade judicativa do analisando impele Freud (1925/2007) a buscar suas origens psicológicas. As origens da função do juízo são abordadas como precondições para que seja possível a constituição psíquica e, portanto, trata-se das condições estruturais ao advento do falante. Essa busca levou Freud a elaborar o que chamamos de afirmação primordial e negação primordial. Na origem do processo de julgamento encontramos a

negação associada à constituição do Eu. No primeiro julgamento o Eu, ainda em organização, procura se diferenciar pela primeira vez do mundo exterior expulsando para fora os conteúdos desagradáveis e introjetando, pela via da afirmação (*Bejahung*), os prazerosos. Assim, atrelada à função judicativa, a negação é, ao mesmo tempo, fundada e fundante do Eu e expressa a primeira demarcação necessária à constituição do dentro e do fora.

Após essa primeira operação entra em cena o juízo de existência e a operação de diferenciação entre o subjetivo (alucinado, imaginado, pensado) e o objetivo (percebido externamente). Como salienta Freud, “a oposição entre o subjetivo e o objetivo não existe desde o início” (1925/2007, p.149), mas engendra-se a partir da instauração do princípio de realidade, orientado não mais pela introjeção do bom e expulsão do mau, mas pela tentativa de reencontrar traços dos antigos objetos de satisfação. A realidade é julgada pela negação ou afirmação de determinadas características, bem como a presença ou ausência de traços desses objetos primordiais. Assim se constitui a primeira apreensão da realidade pelo sujeito, trata-se da tentativa de reaver as marcas incorporadas ao Eu, em virtude do primeiro juízo, pela redescoberta do objeto.

A divisão postulada por Freud (1925/2007) no primeiro julgamento, entre dentro e fora, a partir de uma leitura lacaniana, propicia pensar em uma interseção do real e do simbólico. Descrevendo o mecanismo arcaico da expulsão, Freud o aborda como o precursor da *Verneinung*, o *não* primordial e incisivo pertencente à pulsão de morte. Essa primeira divisão demarca o que será da ordem do representado e, portanto, do registro do simbólico, ao mesmo tempo em que instaura o que há de não representável, mas que faz o simbólico sobrevir.

Dáí se constitui o encontro com o Outro, lugar da memória que Freud descobriu pelo nome de inconsciente e que Lacan respondeu pela via da cadeia significante. Essa cadeia, uma vez inaugurada pela simbolização primordial, se desenvolve segundo ligações lógicas descritas como metáfora e metonímia. Por outro lado, se institui também *das Ding*, algo de inassimilável, compreendido como a primeira emergência da falta antes mesmo do complexo de castração. A impossibilidade de simbolização de *das Ding* obriga o aparelho psíquico a rejeitá-lo, a partir de quando se pode falar de uma *verwerfung* generalizada, comum a todas as estruturas clínicas e inerente à constituição subjetiva. A noção de *das Ding* trabalhada por Lacan (1959/2008) evidencia um ponto nodal no psiquismo, pura negatividade em torno do qual a função representativa gravita.

Se da expulsão nasce o significante, este, por sua vez, pode sofrer o efeito de sucessivas negações, como tentativa de manter determinados significantes o mais distante possível. Essa tentativa se expressa como modos de negação ou mecanismos de defesa frente a um conteúdo ameaçador. Os conceitos de *Verdrängung* (recalque) e *Verwerfung* (rejeição/foraclusão) foram discutidos como modos de negação que ocorrem entre percepção e consciência. Cada um, a seu modo, censura, rejeita ou deforma alguns elementos significantes introjetados pela afirmação primordial.

O processo de afirmação e expulsão se associa à ideia de recalque originário, pois ambos indicam que, no início da vida, algo instaura e constitui aquilo que fará parte da história do sujeito, resultado da captura pulsional nas malhas do significante. Nesse mesmo movimento, algo permanece expulso com um enfático e decisivo *não*. Aquilo a que foi negado o acesso comparece como falta e como Lei primordial, sob a forma da impossibilidade de um retorno a um suposto estado de gozo. Essa negação primordial associada ao recalque originário se liga à estrutura mais primitiva do inconsciente, visto que ela é aquela, não do interdito do Complexo de Édipo, ou da lei do princípio do prazer, nem do *não* verbalizado pelo julgamento da consciência, mas do *não-dito*, do impossível de dizer, ponto onde não há sujeito, só objetividade.

Ambos os processos fundam o psiquismo e implicam a perda de uma condição indiferenciada do organismo para tornar-se humano. Nesse sentido, o estudo realizado até aqui parte de um paralelismo entre a expulsão originária, tomada em alguns momentos no texto lacaniano por *verwerfung* generalizada, e o recalque originário. Ambos se situam na constituição primitiva do sujeito e configuram um ponto comum a ambas as estruturas, neurose e psicose, pois dizem respeito à imersão da carne no sistema significante, ou seja, a introdução da linguagem no sujeito. Sem dúvida, na neurose e na psicose trata-se de falantes e do funcionamento significante, pois se entrou na linguagem.

O modo sob o qual o sujeito assim constituído – falante – vai sujeitar-se ao sistema significante, ou seja, ao Outro, é o das negações sucessivas que se referem ao primeiro corpo de significantes: recalque (*Verdrängung*) e foraclusão (*Verwerfung*). Essas negações se dão sob o significante Nome-do-Pai, significante diverso que permite a complementaridade da estrutura e dá ao simbólico certa consistência. O que o sujeito faz com esse significante determina um modo de funcionamento da fala e da linguagem em cada estrutura. Nesse sentido, faz-se necessário certo ordenamento pelo significante Nome-do-Pai para que a linguagem funcione segundo determinadas leis.

Essas leis referem-se basicamente ao funcionamento da linguagem na neurose, em que o inconsciente funciona segundo o ordenamento metafórico e metonímico. A estrutura dita neurótica resulta do recalque do significante do desejo da mãe e sua substituição pelo significante Nome-do-pai. O processo consiste em introduzir um significante novo que faz o significante do desejo da mãe ficar sob a barra de significação, mantendo-o inconsciente. É a encarnação do Nome-do-pai enquanto Lei de interdição associado à Lei simbólica (Dor, 1989).

A radicalidade da forclusão em manter o significante do Nome-do-pai o mais longe possível torna esse significante primordial obsoleto, prescrito. A força dessa negação ocasiona o fracasso do recalque originário e neutraliza a emergência da metáfora paterna, que consiste na substituição do significante originário do desejo da mãe. O ordenamento simbólico próprio ao funcionamento da neurose se torna, no psicótico, extremamente precário.

A relação do psicótico com a linguagem ultrapassa o jogo do significado e das significações, por mais que essas manifestações apresentem, em certo sentido, uma articulação lógica. Essa evidência marca um ponto de atração, para além da significação, para onde o discurso se dirige. A pulsão de morte aparece como pura negatividade, que insiste em romper a formação de sentido da articulação significante e ressoa aquilo que não se deixa enredar no interior das relações estruturais do pensamento.

O movimento para demarcar a presença daquilo que na relação do sujeito ao significante não se reduz à palavra nos levou a uma retomada dos objetos das pulsões parciais. O resultado desse percurso é o objeto por excelência, postulado por Lacan (1962-1963/2005) como *objeto a*. Uma vez no campo da linguagem, uma parte de nós escapa a esse campo, resto de natureza real, “parte de nossa carne” arrancada de nós mesmos (Lacan, 1963/2005, p. 237), produzido pelo movimento estruturante da negação originária. Heterogêneo ao conjunto significante, porém produzido por ele, o *objeto a* surge como um excedente para sempre irrecuperável.

A manifestação desse objeto nos afeta sem, no entanto, se localizar em um contorno estável. Trata-se de uma manifestação sem imagem, impossível de ser representado, "objeto que em sua função essencial, se furta ao nível de captação que nos é próprio" (Lacan, 1963/2005, p. 115). Ao se furtar o *objeto a* encarna a negatividade, personificado nos cortes em que se marca a função de certos objetos, caros justamente por terem sido extirpados. Os diversos níveis da experiência corporal em que se produz o corte significante configuram o objeto como perdido e a castração incidindo na própria carne. A cada retomada dessa

experiência, o sujeito é colocado em suspenso e convocado a se posicionar diante do real da castração.

O impasse do sujeito com o que o causa é exemplificado por Lacan (1962-1963/2005) no fenômeno do *Unheimlichkeit*. No *Estranho* encontramos a manifestação do sujeito frente ao vazio de *das Ding*, que o remete a um retorno de algo muito primitivo, desconhecido e, ao mesmo tempo, íntimo. A fantasia é postulada por Lacan como o meio que o neurótico tem para se defender da crueza desse encontro e funciona como um palco em que o desejo é encenado na relação do sujeito com o *objeto a*. Na montagem em que figura o estranho e outros momentos de despersonalização, a tela da fantasia subitamente desaparece, e o que resta é a angústia que desvela o real. Esses fenômenos podem ser considerados manifestações do que foi expulso pela negação primordial, que não encontra meios de retorno pela via da denegação, em que vigora as formações do inconsciente. Seu retorno se dá na forma de manifestações de *a* sinalizados por “fenômenos de despersonalização” (Lacan, 1963/2005, p. 134).

A partir dos exemplos trabalhados por Lacan (1962/1963/2005) acerca das manifestações do *objeto a* é possível dizer que tais “aparições” nem sempre se restringem à psicose. São manifestações cuja característica principal é serem heterogêneas às formações simbólicas, mas que dizem respeito ao retorno do que há de invariante na estruturação do falante. Se a psicose pode servir como paradigma dessas manifestações do *objeto a*, assim como foi reveladora de outras questões à teoria psicanalítica, é porque seu ordenamento forclusivo é o que mais se aproxima do que chamamos de negação originária, o que introduz o real e a ideia de seu retorno, como aquilo que se situa fora simbólico. O estudo da *Verwerfung* exemplifica um modo de negação que supõe a afirmação de alguma coisa do real que não está simplesmente suprimida, mas que, ao contrário, manifesta-se e toca fundamentalmente o ser. É um termo que abarca a ideia de uma exclusão de algo primitivo que deixa em seu lugar um vazio de significação.

Tentamos aqui vislumbrar uma leitura possível do estatuto das negações em Freud e Lacan e sua implicação nas estruturas clínicas neurose e psicose. Como resto dessa operação fica as implicações da noção de *objeto a*, enquanto objeto negativo, e sua função com relação ao sujeito. Como afirma Lacan "o *a*, aqui, é o suplente do sujeito - e suplente na posição de precedente" (1963/2005, p.341). Nesse sentido, se as manifestações de *a*, enquanto retorno do que foi negado originariamente, captura o sujeito, fragmentado na psicose e fixo em determinadas fantasias na neurose. Esse retorno à “casa do homem” (Lacan, 1962/2005, p. 58)

não seria também um chamado a um efeito de sujeito que emerge aí como resposta a esse encontro? Essa indagação, e muitas outras, que a retomada dessa caminhada suscita nesse momento de concluir, indica que ainda há muitas palavras a serem escritas. Talvez, se trate mais de uma in (conclusão).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cabas, A. G. (2009), *O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Cardoso, D. T. (2009) Uma nova perspectiva, O Guarujá Crônicas: Recuperado de: http://www.ubaweb.com/revista/g_imprimir.php?grc=28138&c_bio=ZWRpdG9y em 01/07/2016.
- Carone, M. (2014). Um claro enigma de Freud. In: Freud, S. *A Negação*. 1 Ed. São Paulo: Cosac Naify.
- Dor, J. (1989). *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas. 203 p.
- _____, J. (2011) *O pai e sua função em psicanálise*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, S. (1894). As neuropsicoses de defesa. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____, S. (1895). Rascunho H. Paranoia (24 de janeiro de 1895/1996). In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____, S. (1896). Carta 52. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____, S. (1897). Carta 75. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____, S. (1911). Formulações sobre os Dois Princípios do Acontecer Psíquico In: Hanns, L. A. (Coord.). Escritos sobre a psicologia do inconsciente. *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____, S. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia Paranoides). In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____, S. (1912[1911]). Pós-Escrito. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- _____, S. (1912). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II). In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____, S. (1914). A História do movimento psicanalítico. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____, S. (1918[1914]). História de uma neurose infantil (O Homem dos Lobos). In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____, S. (1915). Pulsões e Destinos da Pulsão In: Hanns, L. A. (Coord.). Escritos sobre a psicologia do inconsciente. *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____, S. (1915). O Recalque In: Hanns, L. A. (Coord.). Escritos sobre a psicologia do inconsciente. *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____, S. (1919). O Estranho. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____, S. (1920). Além do princípio do prazer In: Hanns, L. A. (Coord.). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras psicológicas de Sigmund Freud*. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____, S. (1923). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____, S. (1924[1923]). Neurose e psicose. In: Hanns, L. A. (Coord.). Escritos sobre a psicologia do inconsciente. *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- _____, S. (1924). A perda da realidade na neurose e na psicose. In: Hanns, L. A. (Coord.). Escritos sobre a psicologia do inconsciente. *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- _____, S. (1925). A Negativa In: Hanns, L. A. (Coord.). Escritos sobre a psicologia do inconsciente. *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- _____, S. (1925). A Negação In: Freud, S., *A Negação*. 1º Ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- _____, S. (1925). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____, S. (1926[1925]). Inibições, Sintomas e Ansiedade. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- _____, S. (1927). Fetichismo In: Hanns, L. A. (Coord.). Escritos sobre a psicologia do inconsciente. *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- _____, S. (1930[1929]). O mal-estar na civilização. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____, S. (1937). Análise Terminável e Interminável. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____, S. (1939[1934-1938]). Moisés e o Monoteísmo: Três ensaios. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____, S. (1940[1938]). Esboço de Psicanálise. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____, S. (1940[1938]). A divisão do Ego no processo de defesa. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Garcia-Roza, L. A. (1988) *Acaso a repetição em psicanálise: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Garcia-Roza, L. A. (1991) *Introdução à metapsicologia freudiana I*. 8 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Garcia-Roza, Luiz Alfredo (2008). *Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente*. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Gerbase, Jairo (2004). A metáfora do sujeito. In: *O sujeito da psicanálise: topologia do sujeito, sujeito e discurso, clínica do sujeito, sujeito e gozo*/Sonia Campos Magalhães (org.). – Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico. 142p.
- Hanns, L. A. (1996) *Dicionário Comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____, L. A (2007). Observações preliminares. In: Hanns, L. A. (Coord.). Escritos sobre a psicologia do inconsciente. *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. v. 3. Rio de Janeiro: Imago.
- Hyppolite, Jean (1954). Comentário falado sobre a *Verneinung* de Freud. Apêndice I. In: Lacan, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Jorge, M. A. C. (2010) *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Kaufman, P. (1996) *Dicionário Enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Lacan, J. (1946). Formulações sobre a causalidade psíquica. In Lacan, J., *Escritos* (pp. 152-196). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____, J. (1953). Função e campo da fala e da linguagem. In Lacan, J., *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____, J. (1954) Introdução ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud. In: Lacan, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____, J. (1954) Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud. In: Lacan, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____, J. (1955). *Seminário 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____, J. (1956). *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- _____, J. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In Lacan, J., *Escritos* (pp. 496-536). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____, J. (1957-1958) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: Lacan, J., *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____, J. (1959/2008). *O Seminário, livro 7: a ética na psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____, J. (1960). Posição do inconsciente. In Lacan, J., *Escritos* (pp. 843-864). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____, J. *A identificação: seminário 1961-1962*. Trad. Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003. 442p.
- _____, J. (1964). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____, J. (1966). O seminário sobre “A carta roubada”. In Lacan, J., *Escritos* (pp. 13-68). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____, J. (1967). *Breve discurso a los psiquiatras*. Recuperado de: http://www.teebuenosaires.com.ar/biblioteca/trad_07.pdf
- _____, J. (1967). Alocução sobre as psicoses da criança In Lacan, J., *Outros Escritos* (pp. 359-368). Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____, J. (1973). *O Seminário livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- Laplanche, J; Pontalis, J. B. (1986) *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1985) *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre, Artes Médicas. 143p.
- Lispector, C. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

- Longo, L. (2006) *Linguagem e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lucero, A. e Vorcaro, Ângela (2009). Das Ding e o outro na constituição psíquica. *Estilos da clínica*. [online], vol.14, n.27, p. 230-251.
- Machado, B. F. V. (2012) A gramática de Damourette e Picho com Lacan: uma problemática da enunciação. *Alfa*, v.56, n.1, p.309-324.
- Magno, MD. (1979) *O Pato Lógico*. Rio de Janeiro, Editora: Aoutra.
- Moraes, M. R. S. (2001) *Letra e Escrita na Metapsicologia Freudiana*. Conferência proferida na Escola de Psicanálise de Campinas em 27 de Outubro de 2001. Documento inédito e não publicado.
- Quinet, A. (2006) *Teoria e clínica da psicose*. 3º Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Rabinovitch, S. (2001) *A foraclusão: presos do lado de fora*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998) *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Safatle, V. (2006) *A paixão do Negativo*. São Paulo: Editora UNESP.
- Safatle, V. (2014). Aquele que diz “não”: sobre um modo peculiar de falar de si. In: Freud, S. *A Negação*. 1 Ed. São Paulo: Cosac Naify.
- Schreber, D. P. (1905) *Memórias de um doente dos nervos*, Trad. Marilene Carone. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.